

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

SÉRGIO MACHADO WOLF

**A ACEITAÇÃO DO APRENDIZADO DO
EMPREENDEDORISMO COMO FACILITADOR DO
SUCESSO PROFISSIONAL EXPRESSA POR ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO EM UMA UNIDADE ESCOLAR DA REDE
PÚBLICA CATARINENSE**

**FLORIANÓPOLIS
2004**

Sérgio Machado Wolf

**A ACEITAÇÃO DO APRENDIZADO DO
EMPREENDEDORISMO COMO FACILITADOR DO
SUCESSO PROFISSIONAL EXPRESSA POR ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO EM UMA UNIDADE ESCOLAR DA REDE
PÚBLICA CATARINENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Ricardo Miranda Barcia, Ph.D

FLORIANÓPOLIS
2004

Sérgio Machado Wolf

**A ACEITAÇÃO DO APRENDIZADO DO
EMPREENDEDORISMO COMO FACILITADOR DO
SUCESSO PROFISSIONAL EXPRESSA POR ALUNOS DO
ENSINO MÉDIO EM UMA UNIDADE ESCOLAR DA REDE
PÚBLICA CATARINENSE**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Grau de Mestre em Engenharia de Produção. E aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Edson Pacheco Paladini, Dr.
Coordenador do Curso

Apresentada à Comissão Examinadora composta pelos professores:

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D
Orientador
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^a. Edis Mafra Lapolli, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Francisco Pereira da Silva, Dr.
FGV / Rio de Janeiro

**Dedico este trabalho aos alunos da rede pública de ensino
do Brasil e a todos que, por qualquer motivo,
não estão podendo cursá-lo.**

AGRADECIMENTOS

Pouco se faz sem a colaboração de outrem. Talvez bastaria agradecer a Deus por gerenciar e disponibilizar um grupo tão especial, que foi surgindo na minha vida e que possibilitaram o resultado final deste trabalho.

Agradeço a minha esposa e aos meus três filhos que deram o apoio e o incentivo necessário.

Agradeço ao meu orientador, Professor Ricardo Miranda Barcia, que me sensibilizou da necessidade do Mestrado para o engrandecimento da vida profissional e acadêmica.

Agradeço a Professora Silvana Pezzi que com a sua ternura e conhecimento ajudou a nortear minhas atividades.

Agradeço a todos os professores e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção pelo conhecimento compartilhado, e de forma muito especial ao Professor Francisco Pereira da Silva que com o seu entusiasmo contagiante despertou meu interesse pelo estudo do empreendedorismo.

Agradeço ao Professor Ariovaldo Bolzan e ao Professor Júlio Felipe Szeremeta pelo incentivo nessa empreitada.

Agradeço a todos os companheiros dessa instituição maravilhosa que é a nossa Universidade e de forma especial ao João Carlos e ao Nixon que supriram a minha ausência e colaboraram nas atividades geradas pelo trabalho.

Agradeço aos colegas de aula que enriqueceram, com sua sabedoria, os debates intermináveis na busca do conhecimento coletivo.

Agradeço a Professora Maria Beatriz da Ros e a Professora Cassandra Garcia Engelbert que gentilmente me deram todo o apoio e informações, indispensáveis na aplicação da pesquisa no Colégio Estadual Henrique Veras.

Agradeço a todas as pessoas envolvidas e responsáveis pelo processo de capacitação dos servidores da Universidade Federal de Santa Catarina, destacando aqui, o Professor Pedro da Costa Araújo, que além de coordenar a Pró-Reitoria de Assuntos da Comunidade Universitária, possibilitou a minha participação na disciplina Criação e Desenvolvimento de Novos Negócios, como monitor.

Agradeço de forma especial a nação brasileira que financia a Universidade Pública e conseqüentemente esse trabalho.

Enfim, a todos que de qualquer forma colaboraram nesse trabalho, o meu muito obrigado.

**Não basta ensinar ao homem uma especialidade
porque se tornará assim uma máquina utilizável
e não uma personalidade.
É preciso que se adquira um sentimento,
um senso prático daquilo que
vale a pena ser empreendido,
daquilo que é belo,
do que é moralmente correto.**

Albert Einstein

RESUMO

WOLF, Sérgio Machado. **A aceitação do aprendizado do empreendedorismo como facilitador do sucesso profissional expressa por alunos do ensino médio em uma unidade escolar da rede pública catarinense**. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Orientador: Ricardo Miranda Barcia
Defesa: 12/07/04

Este estudo foi elaborado para verificar o índice de interesse no estudo do empreendedorismo dos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Henrique Veras na Lagoa da Conceição, como fator potencializador do sucesso profissional, uma vez que, o dinamismo internacional face à globalização tem causado mudanças no cenário econômico mundial e está alterando as relações trabalhistas, onde as oportunidades de emprego para toda a vida escasseiam e o que passa a valer é a empregabilidade. O empreendedorismo faz a grande diferença na taxa de crescimento de um país e pulveriza oportunidades e riqueza pelos vários segmentos da sociedade. Algumas instituições de ensino estão se preocupando em desenvolver novas metodologias no intuito de disseminar o tema empreendedorismo no Brasil. A pesquisa foi realizada em novembro de 2003 e além de concluir que o aluno, da referida unidade de ensino, está disposto a investir no aprendizado do empreendedorismo, também identificou o perfil e as suas aspirações profissionais. Há nesse estudo a pretensão de sensibilizar os administradores da rede pública de ensino sobre a importância da disseminação do empreendedorismo.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Ensino médio; Sucesso profissional.

ABSTRACT

WOLF, Sérgio Machado. **A aceitação do aprendizado do empreendedorismo como facilitador do sucesso profissional expressa por alunos do ensino médio em uma unidade escolar da rede pública catarinense**. 2004. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Orientador: Ricardo Miranda Barcia
Defesa: 12/07/04

This study was carried out to verify the interest in studying entrepreneurship of middle school students from Herique Veras State School, in Florianópolis, Southern Brazil, as a boosting factor for professional success, since international dynamism due to globalization has been causing changes in the world's economic scenario and modifying working relations, where opportunities for lifelong jobs become scarce and employability becomes more important. Entrepreneurship makes a great difference in a country's growth rate and spreads opportunities and wealth to the various segments of society. Some educational institutions are concerned with developing new methodologies in order to spread the subject of entrepreneurship in Brazil. This research was carried out in November 2003 and, besides concluding that the students under investigation were willing to invest in the learning of entrepreneurship, it also identified their profile and professional aspirations. This study intends to sensitize the administrators of public schools on the importance of disseminating entrepreneurship.

Key words: Entrepreneurship; Middle school; Professional success.

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|------------|--|----|
| Gráfico 1 | Sexo | 66 |
| Gráfico 2 | Idade | 67 |
| Gráfico 3 | Estado civil | 67 |
| Gráfico 4 | Forma de moradia | 68 |
| Gráfico 5 | Escolaridade do pai | 69 |
| Gráfico 6 | Escolaridade da mãe | 69 |
| Gráfico 7 | Atividade do pai | 70 |
| Gráfico 8 | Atividade da mãe | 71 |
| Gráfico 9 | Renda familiar | 73 |
| Gráfico 10 | Anos investidos no ensino fundamental | 74 |
| Gráfico 11 | Freqüência de leituras | 75 |
| Gráfico 12 | Contribuição do ensino médio | 75 |
| Gráfico 13 | Decisão após a conclusão do ensino médio | 76 |
| Gráfico 14 | Intenções futuras para cinco anos | 76 |
| Gráfico 15 | Motivação para ter um trabalho | 79 |
| Gráfico 16 | Trabalho | 79 |
| Gráfico 17 | Finalidade do trabalho | 80 |
| Gráfico 18 | Iniciação no trabalho | 80 |
| Gráfico 19 | Renda individual | 82 |
| Gráfico 20 | Capacitação para o trabalho | 82 |
| Gráfico 21 | Atividade profissional | 83 |
| Gráfico 22 | Iniciativa da escola em formar empregados | 84 |
| Gráfico 23 | Entendimento do termo empreendedorismo | 85 |
| Gráfico 24 | Iniciativa da escola em formar empreendedores | 85 |
| Gráfico 25 | Preparo para um emprego | 86 |
| Gráfico 26 | Preparo para o empreendedorismo | 86 |
| Gráfico 27 | Intenções quanto a uma atividade empreendedora | 88 |
| Gráfico 28 | Percepção do motivo do sucesso empreendedor | 88 |
| Gráfico 29 | Motivação para o estudo do empreendedorismo | 89 |

LISTA DE QUADROS

| | | |
|----------|------------------------------------|----|
| Quadro 1 | Características dos empreendedores | 21 |
| Quadro 2 | Representação dos alunos por fases | 62 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|---------------|---|
| CEB | Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação |
| CEFEI | Centro Empresarial de Formação Empreendedora de Itajubá |
| CESAR | Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife |
| CNPq | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico |
| EFEI | Escola Federal de Engenharia de Itajubá |
| ENE | Escola de Novos Empreendedores |
| FEA | Faculdade de Economia e Administração |
| FINEP | Financiadora de Estudos e Projetos |
| GEM | <i>Global Entrepreneurship Monitor</i> |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IEL | Instituto Euvaldo Lodi |
| LDB | Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional |
| MBA | <i>Master in Business Administration</i> |
| MEC | Ministério da Educação |
| ONU | Organização das Nações Unidas |
| REUNE | Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo |
| SEBRAE | Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas |
| UFSC | Universidade Federal de Santa Catarina |
| UNB | Universidade de Brasília |

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|------|
| | RESUMO | vii |
| | ABSTRACT | viii |
| | LISTA DE GRÁFICOS | ix |
| | LISTA DE QUADROS | x |
| | LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS | xi |
| 1 | INTRODUÇÃO | 01 |
| 1.1 | Apresentação | 01 |
| 1.2 | Definição do Tema | 04 |
| 1.3 | Objetivos do Trabalho | 05 |
| 1.3.1 | Objetivo geral | 05 |
| 1.3.2 | Objetivos específicos | 05 |
| 1.4 | Justificativa | 06 |
| 1.5 | Organização do Trabalho | 08 |
| 2 | EMPREENDEDORISMO | 09 |
| 2.1 | Introdução | 09 |
| 2.2 | O Empreendedorismo | 09 |
| 2.3 | O Empreendedor | 13 |
| 2.3.1 | Origem do termo | 13 |
| 2.3.2 | Conceito de empreendedor | 14 |
| 2.4 | As Características Empreendedoras | 17 |
| 2.5 | O Ensino do Empreendedorismo | 23 |
| 2.6 | Os Índices do Empreendedorismo no Brasil | 26 |
| 2.7 | Conclusão | 28 |
| 3 | O INTERESSE PELO APRENDIZADO E O ENSINO MÉDIO | 29 |
| 3.1 | Introdução | 29 |
| 3.2 | Processo Educacional | 29 |
| 3.3 | O Modelo Tradicional e as Técnicas de Ensino | 31 |
| 3.4 | A Aprendizagem e sua Motivação | 39 |
| 3.5 | As Etapas e o Aprendizado Experimental | 43 |
| 3.6 | As Teorias de Aprendizagem | 45 |
| 3.7 | A Figura do Facilitador | 48 |
| 3.8 | O Ensino Médio | 49 |
| 3.9 | Conclusão | 53 |
| 4 | METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS | 54 |
| 4.1 | Introdução | 54 |
| 4.2 | O Distrito da Lagoa da Conceição | 54 |
| 4.3 | O Ensino Médio no Colégio Estadual Henrique Veras | 56 |
| 4.4 | Metodologia | 58 |
| 4.4.1 | Tipo e pergunta de pesquisa | 58 |
| 4.4.2 | Definição de termos | 59 |
| 4.4.3 | Delineamento da pesquisa | 60 |
| 4.4.4 | Objeto de estudo | 61 |
| 4.4.5 | Coleta e processamento de dados | 63 |
| 4.5 | Análise dos Resultados | 66 |
| 4.5.1 | Análise do perfil dos alunos | 66 |

| | | |
|-------|---|-----|
| 4.5.2 | Análise do histórico escolar e as aspirações profissionais dos alunos | 74 |
| 4.5.3 | Análise do interesse do aluno no estudo do empreendedorismo | 79 |
| 4.6 | Conclusão Acerca dos Resultados Obtidos | 90 |
| 5 | CONCLUSÕES E SUGESTÕES | 92 |
| 5.1 | Conclusões | 92 |
| 5.2 | Sugestões | 93 |
| 6 | REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 95 |
| 7 | ANEXO 1 - Questionário | 100 |
| 8 | ANEXO 2 - Questionário (Modelo aplicado) | 110 |
| 9 | ANEXO 3 - Gráficos | 112 |

1 INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

Há empreendedores natos e há quem tenha talento para medicina. Mas assim como todos nós, com talento ou não, precisamos dominar o conhecimento básico da medicina para desfrutarmos de uma vida saudável. É cada vez mais necessário que as novas gerações aprendam noções básicas de empreendedorismo visando sua manutenção.

O dinamismo internacional face à globalização tem causado mudanças no cenário mundial, onde novas atitudes são exigidas dos profissionais e maior agilidade por parte das empresas. As grandes empresas estão se fragmentando em pequenas unidades, estabelecendo parcerias com pequenas empresas, e as atividades antes delegadas a empregados são repassadas a pequenos empreendimentos.

Para atender a estes novos desafios de competitividade global e de inovação tecnológica é necessário um novo profissional que seja, segundo Schumpeter (1982) "um empreendedor, um contínuo inovador".

Os empregos não são mais vitalícios, e as grandes e rápidas mudanças tecnológicas criam uma defasagem para os novos profissionais, que necessitam de treinamento constante para atenderem as exigências impostas por este mercado de trabalho.

O modelo educacional existente prega a formação integral do aluno, portanto, é necessário apresentar o caminho das pedras e, mesmo que eles não pretendam ou necessitem trilhá-lo, ao menos vão familiarizar-se com o tema, vislumbrando novos horizontes e no lugar de sentirem-se impotentes ante as transformações por que passa o mundo, estarão aptos a agir sobre elas ou apesar delas. De acordo com Minarelli (1995): “durante muitos anos o emprego por tempo prolongado representou a base segura sobre a qual podíamos assentar toda uma vida”.

A cada dia esta realidade fica mais distante, a segurança da velha trilha, ensino formal – ensino técnico – emprego estável foi abalada. As relações de trabalho e o fim da carteira assinada apontam para um futuro incerto. Para contornar tais mudanças é necessário não condicionar a própria sobrevivência à venda da força de trabalho, mas sim, ser empreendedor, buscar oportunidades e parar de pensar como empregado, ainda que qualificado e bem remunerado.

Segundo Drucker (1987) “as empresas realmente precisarão é de pessoas universalmente instruídas, usando todo o cérebro”.

Estes profissionais já não buscam um emprego fixo e sim realizações em cooperações, pois mais importante do que ter emprego é ter empregabilidade, que de acordo com Minarelli (1995): “é a condição de ser empregável”, isto é, de dar ou conseguir emprego para os seus conhecimentos, habilidades e atitudes intencionalmente desenvolvidas por meio de educação e treinamentos sintonizados com as novas necessidades do mercado de

trabalho, para tanto, estes profissionais precisam ser éticos nos negócios, preocupar-se com a qualidade do serviço e do atendimento, buscar e dominar informações, entender os anseios do cliente, preservar o meio ambiente e preocupar-se com a segurança no trabalho.

Segundo Degen (1989):

“O desenvolvimento de novos empreendimentos é fundamental, não só para aqueles que decidem viver diretamente de seu trabalho como empreendedores, mas também para os executivos que atuam em empresas. Isto porque as empresas precisam manter sua vitalidade empreendedora desenvolvendo novos negócios a fim de continuar a crescer e não se tornar obsoletas”.

O modelo de ensino tradicional, voltado para a conquista de empregos, esgotou-se, já cumpriu a sua missão. As grandes alterações nas relações de trabalho exigem novas metodologias de ensino, nova atitude do corpo docente e uma interação participativa com o corpo discente, ou seja, uma postura mais dinâmica da academia.

“Assim, precisamos e podemos desenvolver em nossos alunos o potencial empreendedor, seja através de programas de empreendedorismo, disciplinas ou atitudes de seus professores. Como o ensino de empreendedorismo passa necessariamente por todas as pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem da organização, é necessário que professores e técnicos administrativos

se reciclem permanentemente em busca de uma atualização de conceitos, técnicas e metodologias inovadoras”. David (2000)

1.2 Definição do Tema

Ao fazer inserções sobre o empreendedorismo aos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Henrique Veras, no distrito da Lagoa da Conceição, como atividade voluntária e ocupando os horários das aulas regulares de Filosofia, foi observado que nem todos os alunos estavam dispostos a investirem no novo tema de aprendizado.

Em função desta constatação e para buscar compreender o quanto os alunos estão interessados em reconhecer e desenvolver o seu potencial empreendedor, este trabalho propõe investigar a aceitação por parte dos alunos, do aprendizado de empreendedorismo como facilitador do sucesso profissional.

A pesquisa será realizada com alunos do ensino médio do Colégio Estadual Henrique Veras, no distrito da Lagoa da Conceição. Nesse trabalho há o interesse implícito e futuro, de que os alunos potencializem a construção do conhecimento, a criatividade, o raciocínio e a experimentação através do aprendizado do empreendedorismo, estimulando a geração de renda e evitando o fosso social.

1.3 Objetivos do Trabalho

1.3.1 Objetivo geral

O objetivo geral do trabalho é verificar o grau de interesse dos alunos do ensino médio de uma unidade escolar da rede pública catarinense, em aceitar o aprendizado do empreendedorismo, como fator facilitador do sucesso profissional.

1.3.2 Objetivos específicos

- Realizar pesquisa bibliográfica referente ao empreendedorismo, o seu ensino e a aceitação do seu aprendizado.
- Identificar o perfil dos alunos do ensino médio da unidade escolar a ser pesquisada.
- Verificar as aspirações profissionais dos alunos do ensino médio da unidade escolar a ser pesquisada.
- Verificar o índice de interesse no estudo do empreendedorismo dos alunos do ensino médio da unidade escolar a ser pesquisada.

1.4 Justificativa

Coerente com a atual LDB, o Ministério da Educação formulou os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, caracterizando-o como educação geral que articula formação humanística e embasamento científico e tecnológico. Integrando finalidades até então dissociadas, elegendo as seguintes premissas:

“À formação da pessoa, de forma a desenvolver seus valores e competências necessárias a integração de seu projeto pessoal ao projeto da sociedade em que vive; à preparação básica para sua integração ao mundo do trabalho, com as competências que garantam o aprimoramento profissional e permitam acompanhar as mudanças na produção de nosso tempo e o desenvolvimento das competências para continuar aprendendo, de forma autônoma e crítica, em níveis mais complexos de estudos”.

Decorridas as transformações econômicas e o desemprego, é necessário que o nosso país estimule programas de empreendedorismo como prática sistemática de ensino. O Senador da república, Fernando Bezerra (2003), também membro do Conselho de Representantes da Confederação Nacional da Indústria, indica o empreendedorismo como “um dos caminhos para se reduzir à taxa de mortalidade das empresas em seus primeiros anos de vida, gerar maior número de postos de trabalho e ensejar mais competitividade entre as empresas”.

O Governo Federal, através das premissas do Ministério da Educação, também está consciente dessa necessidade e entende que o empreendedorismo se tornou uma exigência inadiável por conta dessas transformações, que afetam não somente o mundo do trabalho como o da própria educação. Por isso, entende que a disciplina de empreendedorismo deve fazer parte do ensino profissionalizante de nível médio e universitário, fazendo com que os alunos reconheçam as novas tecnologias como fonte de competitividade, criatividade e administração de custos.

Este trabalho descreve que as mudanças no cenário econômico mundial estão alterando as relações de emprego e que algumas instituições de ensino estão se preocupando em desenvolver novas metodologias de ensino, cursos e programas com o tema empreendedorismo e que deve ser estendido a toda juventude brasileira.

A idéia é determinar o índice relativo aos alunos do ensino médio da rede pública catarinense, focado na realidade do Colégio Estadual Henrique Veras, dispostos a investir no aprendizado do empreendedorismo como fator facilitador do sucesso profissional, para conscientização da sociedade e do governo, na busca de incentivo da escola pública de nível médio em orientá-los em relação a empregabilidade e à necessidade de se capacitarem e buscarem subsídios para se lançarem no mercado de trabalho por conta própria ou atuando como colaboradores proativos, garantindo a renda e evitando o ócio.

O planejamento e execução da disciplina de Empreendedorismo está inserido no propósito dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino

Médio editados pelo Ministério da Educação, cabendo ao presente trabalho a análise do interesse dos alunos no tema para futuramente ampliar a disseminação do empreendedorismo e canalizar investimentos na área.

1.5 Organização do Trabalho

Este trabalho está estruturado em seis capítulos.

O primeiro capítulo trata da introdução ao tema, o objetivo e a justificativa deste trabalho.

O segundo capítulo apresenta o empreendedorismo, as definições de empreendedor, suas características e dados estatísticos atuais do empreendedorismo no Brasil.

O capítulo três apresenta as principais metodologias de ensino e ponderações sobre a motivação para o aprendizado. Descreve também sobre o ensino médio brasileiro.

O capítulo quatro apresenta a metodologia aplicada na pesquisa, bem como a análise dos resultados obtidos, faz abordagens sobre o contexto do Colégio Estadual Henrique Veras e sobre o Distrito da Lagoa da Conceição.

O capítulo cinco apresenta as conclusões, discussões e recomendações para trabalhos futuros.

Encerrando o trabalho, encontra-se a bibliografia adotada nesta pesquisa.

2 EMPREENDEDORISMO

2.1 Introdução

Este capítulo define o conceito de empreendedorismo e apresenta as características dos empreendedores sob a visão de diversos pesquisadores, bem como, as respectivas definições. Apresenta também um panorama do ensino de Empreendedorismo no Brasil.

2.2 O Empreendedorismo

Um homem interessou-se no calor gerado pelo atrito de um graveto e folhas secas. Dia após dia, esfregava um no outro e notava: quanto mais rápido fazia, mais quente ficava. O grupo que caçava junto ao homem obstinado não queria saber de suas experiências. Até o achavam um pouco diferente.

Mas ele persistia. A cada tentativa, impunha mais força e velocidade. Até que um dia, há um milhão e setecentos mil anos, conseguiu a primeira faísca. As fogueiras tornaram o frio mais ameno e os alimentos mais saborosos. O homem das cavernas é o primeiro grande empreendedor da história. Ele tornou a sua vida mais prática e a de outros tantos caçadores também.

O conceito de empreendedorismo existe desde os primórdios da humanidade, manifesta-se cada vez que alguém inventa uma novidade para

melhorar a convivência com os outros ou com a natureza. Mas, de algumas décadas para cá, esse comportamento interessou à academia.

“O empreendedorismo é o principal fator de desenvolvimento econômico de um país”. Em resumo, este é o resultado de uma pesquisa efetuada pela *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM), que reuniu especialistas da Fundação Kauffman, do Babson College de Boston e da London Business School (1999). Estas instituições, nos últimos anos, investigaram as complexas relações entre empreendedorismo e crescimento econômico em 10 países, incluindo o grupo dos sete mais ricos do mundo: Canadá, França, Inglaterra, Alemanha, Itália, Japão e Estados Unidos, além da Dinamarca, Finlândia e Israel.

Segundo o professor Paul Reynolds (1999), da Babson College e da London Business School, esta pesquisa

“fornece evidências conclusivas de que a principal ação de qualquer governo para promover o crescimento econômico consiste em estimular e apoiar o empreendedorismo, que deve estar no topo das prioridades das políticas públicas.”

Os dados estão sendo publicados, no Brasil, pelo professor da Universidade Federal de Minas Gerais e consultor do IEL Nacional, Fernando Dolabela, um dos pioneiros na implantação do ensino de empreendedorismo no País.

A pesquisa do GEM, afirma Dolabela (1999), endossa o

argumento de que o empreendedorismo “faz a grande diferença para a prosperidade econômica e que um país sem altas taxas de criação de novas empresas corre o risco de estagnação”.

Dolabela, vem divulgando a importância do empreendedorismo, porque este é um fenômeno social e cultural e existem famílias, cidades, regiões e países mais empreendedores que outros. Em síntese, a pesquisa deixa claro que um pré-requisito para a atividade empreendedora em um país é a existência de um conjunto de valores sociais e culturais que possam encorajar a criação de novas empresas. Lembra, ainda, que a sociedade brasileira valoriza o emprego, a estabilidade financeira e o nível universitário como instrumentos fundamentais de realização pessoal, mas que é preciso

“Educar as crianças e os jovens dentro de valores como autonomia, independência, capacidade de gerar o próprio emprego, de inovar e gerar riqueza, capacidade de assumir riscos e crescer em ambientes instáveis, porque estes são os valores sociais que irão conduzir países ao desenvolvimento”(Dolabela, 1999).

Com essa visão, foi publicada a sua mais recente obra, em parceria com a instituição Visão Mundial, em agosto de 2003, focada no desenvolvimento sustentável, através da disseminação da capacidade empreendedora na educação básica, denominada “Pedagogia Empreendedora”.

Ao abordar a definição de empreendedorismo, há a necessidade de fazer a disjunção do termo empreendedor ao empresário, ou seja, nesse momento inicial, deixar claro que nem todos os empresários são empreendedores e que nem todos os empreendedores possuem uma empresa.

A expressão empreendedorismo foi traduzida da palavra inglesa *entrepreneurship*. É derivada de *imprehendere* do latim, tendo seu correspondente *empreender*, surgido na Língua Portuguesa no século XV.

Dentre as várias definições de empreendedorismo, destaca-se a apresentada por Guilhon & Rocha (1999), que afirmam que, empreendedorismo “é a capacidade de empreender”.

Barretto (1998), define:

“Empreendedorismo é a habilidade de criar e construir algo a partir de muito pouco ou do quase nada. Não é uma característica de personalidade, embora seja algo distinto, tanto nos indivíduos como nas instituições empreendedoras. O empreendedorismo é tido como um comportamento ou um processo para iniciar e desenvolver um negócio ou um conjunto de atividades com resultados positivos; portanto, é a criação de valor através do desenvolvimento de uma organização”.

2.3 O Empreendedor

2.3.1 Origem do termo

A expressão “empreendedor”, segundo o Dicionário Etimológico Nova Fronteira, 2ª. edição, 1982, por Antônio Geraldo da Cunha, teria aparecido na Língua Portuguesa no século XVI.

O Dicionário Roquete (franco-português), edição de 1887, já apresentava o termo “*entrepreneur*” traduzido como empreendedor/empreiteiro/empresário e não distinguia os conceitos diferentes entre empresário e empreendedor, porém, apresentava o termo “*entreprenant*”, traduzido como empreendedor no sentido de ousado (Barreto, 1998).

O Dicionário Inglês-Português Higinio Aliandro, 1983, traduz a palavra “*entrepreneurs*” como empresário, empreendedor e, portanto, também não faz a distinção entre empresário e empreendedor.

O Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Mirador Internacional, 2ª. edição, 1976, define empreendedor como “aquele que empreende, que se aventura à realização de coisas difíceis ou fora do comum, ativo, arrojado, que toma a seu cargo uma empresa”.

2.3.2 Conceito de empreendedor

Por volta do ano de 1800, o economista francês Jean Batist Say, considerado o pai do empreendedorismo, utilizou o termo empreendedor no livro “Tratado de Economia Política”, segundo Say (*apud* Drucker, 1987, p27) “o empreendedor transfere recursos econômicos de um setor de produtividade mais baixa para um setor de produtividade mais elevada e de maior rendimento”.

Novos empreendimentos surgem devido à existência de pessoas empreendedoras que através de suas ações inovam, gerando riquezas.

Descreve-se a seguir as definições de alguns estudiosos na área.

O empreendedor é o agente do processo de destruição criativa que, de acordo com Schumpeter (1982)

“é o impulso fundamental que aciona e mantém em marcha o motor capitalista, constantemente criando novos produtos, novos mercados e, implacavelmente, sobrepondo-se aos antigos métodos menos eficientes e mais caros, revoluciona sempre a estrutura econômica, destrói sem cessar a antiga e, continuamente, cria uma nova”.

Para Shapero (1977) “Empreendedor é alguém que toma a iniciativa de reunir recursos de uma maneira nova ou para reorganizar recursos de maneira a gerar uma organização relativamente independente, cujo sucesso

é incerto” (*apud* Uriarte, 1999).

Para Drucker (1987), “os empreendedores constituem a minoria dentro das pequenas empresas. Eles criam algo novo, algo diferente; eles mudam ou transformam valores” e, ainda, “o empreendedor é aquele que pratica a inovação sistematicamente. Busca as fontes de inovação e cria oportunidades”.

De acordo com Gerber (1990),

“a personalidade empreendedora transforma a condição mais insignificante numa excepcional oportunidade. O empreendedor é o visionário dentro de nós. O sonhador. A energia por trás de toda atividade humana. A imaginação que acende o fogo do futuro. O catalisador das mudanças. É a personalidade criativa, sempre lidando com o desconhecido, perscrutando o futuro, transformando possibilidades em probabilidades, caos em harmonia”.

Kaufmann (1990), enfatiza que a capacidade empreendedora “é a capacidade de inovar, de tomar riscos inteligentemente, agir com rapidez e eficiência para se adaptar às contínuas mudanças do ambiente econômico”.

Para Filion (1991), um empreendedor “é uma pessoa que imagina, desenvolve e realiza visões”, além de ser ainda uma pessoa criativa, marcada pela capacidade de estabelecer e atingir objetivos, mantendo um nível de consciência do ambiente em que vive utilizando-a para detectar oportunidades de negócios.

Para Degen (1989), “ser empreendedor significa ter, acima de tudo, a necessidade de realizar coisas novas, pôr em prática idéias próprias, características de personalidade e comportamento que nem sempre é fácil de se encontrar”. O mesmo autor afirma ainda que, “as pessoas que têm necessidade de realizar se destacam porque, independentemente de suas atividades, fazem com que as coisas aconteçam”.

De Mori, (1998) define empreendedores como

“pessoas que perseguem o benefício, trabalham individual e coletivamente. São indivíduos que inovam, identificam e criam oportunidades de negócios, montam e coordenam novas combinações de recursos (funções de produção), para extrair os melhores benefícios de suas inovações num meio incerto”.

Psicologicamente, as pessoas podem ser divididas em dois grandes grupos, de acordo com McClelland (1987), “uma minoria que, quando desafiada por uma oportunidade, está disposta a trabalhar arduamente para conseguir algo, e uma maioria que, na realidade, não se importa tanto assim”.

Nos estudos relacionados com o empreendedor, existem muitas diferenças na conceituação; porém, percebe-se um consenso em que o que distingue o empreendedor das outras pessoas é a maneira de como ele percebe as mudanças e lida com as oportunidades.

2.4 As Características Empreendedoras

A literatura apresenta uma vasta descrição de características pessoais que foram observadas no modo de agir por parte de empreendedores, tal como, David McClelland, psicólogo da Universidade de Harvard, que na década de 1960, encontrou até 42 diferentes características referentes a empreendedores bem sucedidos.

McClelland (1987), identificou nos empreendedores de sucesso um elemento psicótico crítico, denominado por ele de “motivação da realização” ou “impulso para melhorar”, desenvolvendo então o treinamento da motivação para a realização, cuja finalidade era melhorar tal característica e torná-la aplicável em situações empresariais.

Convém ressaltar que, de ponto de vista do comportamento, em geral, os empreendedores são tidos como indivíduos criativos e, sendo assim, os traços de seu comportamento correspondem aos de indivíduos criativos, conforme Gardner (1996).

O conceito de McClelland (1987), aplicado em mais de 40 países até o final da década de 70, apresentou resultados positivos na criação e desenvolvimento de negócios. A USAID (Agência para o Desenvolvimento Internacional dos Estados Unidos), a Consultoria *Management Systems International* (MSI) e a *McBeer&Company* (empresa de consultoria de McClelland) iniciaram em 1982 um projeto para estudos mais abrangentes do comportamento, a fim de criar meios mais eficazes de seleção e

desenvolvimento de empreendedores.

O projeto começou por um estudo em 34 países, identificando características de comportamento comuns aos empreendedores de sucesso; em seguida, foram realizados instrumentos de seleção e treinamento, que promoveram o desenvolvimento de algumas características apuradas na pesquisa.

A configuração definitiva do programa foi lançada oficialmente pela ONU em 1988, na Argentina, sendo em seguida aplicado no Chile, Uruguai, Venezuela, Gana, Nigéria, Zimbábwe e a partir de 1990 no Brasil, com bons resultados, através de convênio do SEBRAE com a ONU.

O aspecto mais importante dos trabalhos de McClelland (1987) consiste em sua abordagem sobre as características das pessoas bem sucedidas. Ele acentua que habilidades específicas, tais como: as técnicas, *marketing* e finanças são fundamentais, mas as características comportamentais fazem a diferença e, o mais importante, elas podem ser desenvolvidas. McClelland (1987) identificou dez principais comportamentos de uma pessoa de sucesso, as chamadas pessoas empreendedoras.

As qualidades que o empreendedor de sucesso deve apresentar, ou precisar desenvolver ou apenas aprimorar, são agrupadas em três conjuntos distintos: realização, planejamento e poder (Mello, 1998), a saber:

O conjunto da realização compreende:

- a) Busca de oportunidade e iniciativa: - aproveita oportunidades fora

do comum para começar um negócio novo, obter financiamentos, equipamentos, local de trabalho ou assistência. É curioso e está sempre atento a qualquer oportunidade de conhecer um empreendimento, é o indivíduo que realiza as atividades antes de solicitado ou forçado pelas circunstâncias.

- b) Persistência: - é o comportamento que faz o empreendedor se movimentar diante de um obstáculo significativo, buscando alternativas, agindo diante de dificuldades relevantes, insistindo ou mudando de estratégia com a finalidade de enfrentar os desafios. A persistência é a energia que faz o empreendedor trabalhar duro para atingir seus objetivos.
- c) Correr riscos calculados: - analisa as alternativas e calcula riscos cuidadosamente, agindo para diminuir tais riscos ou controlar resultados, busca situações que implicam desafios ou riscos moderados; porém, não aceita depender da sorte ou estar submetido a fatores externos que não possa controlar.
- d) Exigência de qualidade e eficiência: - constantemente busca maneira de realizar tarefas com maior rapidez, menor custo e maior qualidade, experimentando soluções de forma a realizar coisas que satisfaçam ou excedam os padrões de excelência.
- e) Comprometimento: - assim como a persistência é a energia, o comprometimento é o sacrifício e o esforço pessoal despendido para alcançar seus objetivos e aceita as responsabilidades pelas falhas no cumprimento de uma tarefa, colabora com os seus empregados ou assume o lugar dos mesmos para completar a tarefa.

O conjunto de planejamento abrange:

- f) Busca de informação: - procura informações de clientes, fornecedores e concorrentes, investiga como fabricar um produto ou fornecer um serviço, busca informações para fundamentar e possibilitar a elaboração de estratégias racionais, com boas chances de êxito.
- g) Estabelecimento de metas: - o empreendedor define objetivos e metas desafiantes e com significado pessoal, cria objetivos e metas de longo prazo, claros e específicos, estabelece objetivos e metas de curto prazo mensuráveis.
- h) Planejamento e monitoramento sistemáticos: - sempre buscando informações e atualizando ativamente fontes de *feedback* que lhe permitam avaliar criticamente as conseqüências das próprias ações.

E o conjunto de poder compreende:

- i) Persuasão e redes de contato: - faz uso de estratégias pró-ativas para influenciar ou persuadir terceiros, utiliza-se de pessoas influentes como meio de alcançar seus objetivos, age para desenvolver e manter um bom relacionamento comercial.
- j) Independência e autoconfiança: - mostra-se confiante na sua própria capacidade de completar uma tarefa difícil ou de enfrentar um desafio, gosta de ser um elemento de grande influência, já que busca o controle sobre os fatores que determinam os resultados de uma ação.

Através de entrevistas com mais de 1000 empresários em onze países diferentes, Birley e Westhead (*apud* De Mori, 1998) elaboraram no ano de 1992, uma descrição das principais razões que levam um empreendedor a iniciar uma nova empresa, e chegaram às principais características dos

empreendedores de sucesso, descritas no quadro 1.

| Características | Especificação |
|-----------------|--|
| Necessidades | - Aprovação - Independência - Desenvolvimento pessoal - Segurança e auto-realização |
| Conhecimentos | - Aspectos técnicos relacionados com o negócio - Experiência na área comercial - Escolaridade - Experiência em empresas - Formação complementar - Vivência com situações novas |
| Habilidades | - Identificação de novas oportunidades - Valoração de oportunidades e pensamento criativo - Comunicação persuasiva - Negociação - Aquisição de informações - Resolução de problemas |
| Valores | - Existenciais - Estéticos - Intelectuais - Morais - Religiosos |

QUADRO 1- CARACTERÍSTICAS DOS EMPREENDEDORES

No livro “O Segredo de Luísa”, Dolabela (1999) apresenta o resumo de uma pesquisa feita em 1994, por Timmons e Hornaday, sobre as principais características dos empreendedores:

- a) O empreendedor tem um modelo, uma pessoa que o influencia.
- b) Tem iniciativa, autonomia, autoconfiança, otimismo, necessidade de realização.
- c) Trabalha sozinho.
- d) Tem perseverança e tenacidade.
- e) O fracasso é considerado um resultado como outro qualquer; o empreendedor aprende com os resultados negativos, com os próprios erros.
- f) Tem grande energia, é um trabalhador incansável, é capaz de se

dedicar intensamente ao trabalho e sabe concentrar os seus esforços para alcançar resultados.

- g) Sabe fixar metas e alcançá-las. Luta contra padrões impostos. Diferencia-se.
- h) Tem a capacidade de ocupar um espaço não ocupado por outros no mercado, descobrir nichos.
- i) Tem forte intuição.
- j) Tem sempre alto comprometimento.
- k) Cria situações para obter *feedback* sobre o seu comportamento e sabe utilizar tais informações para o seu aprimoramento.
- l) Sabe buscar, utilizar e controlar recursos.
- m) É um sonhador realista.
- n) É líder, cria um sistema próprio de relações com os empregados.
- o) É orientado para resultados, para o futuro, para o longo prazo.
- p) Aceita o dinheiro como uma das medidas de seu desempenho.
- q) Tece “redes de relações” moderadas, mas utilizadas intensamente como suporte para alcançar os seus objetivos.
- r) O empreendedor de sucesso conhece muito bem o ramo em que atua.
- s) Cultiva a imaginação e aprende a definir visões.
- t) Traduz seus pensamentos em ações.
- u) Define o que deve aprender para realizar as suas visões. É pró-ativo diante daquilo que deve saber. O empreendedor é um fixador de metas.
- v) Cria um modelo próprio de aprendizagem, aprende a partir do que faz.
- w) Tem alto grau de internalidade, o que significa a capacidade de influenciar as pessoas com as quais lida.

- x) O empreendedor não é um aventureiro, assume riscos moderados. É inovador e criativo.
- y) Tem alta tolerância à ambigüidade e à incerteza e é hábil em definir a partir do indefinido.
- z) Mantém um alto nível de consciência do ambiente em que vive, usando-a para detectar oportunidades de negócios.

Atualmente, outros pesquisadores de destaque citam características diversas destas e há uma série extensa de características que podem ser desenvolvidas na formação de empreendedores.

2.5 O Ensino de Empreendedorismo

A questão sobre o ensino do empreendedorismo, ou seja, se o empreendedorismo pode ou não ser ensinado ainda é polêmica. O empreendedor nasce pronto ou se pode “construí-lo”?

A temática sobre o comportamento empreendedor tem sido defendida por pesquisadores das mais diversas áreas como características passíveis de serem aprendidas.

Filion (1999), enfatiza a questão de aprendizagem do empreendedorismo, pois os empreendedores são pessoas que precisam continuar a aprender, não somente sobre o que está acontecendo no seu ambiente, para detectar oportunidades, mas também sobre o que fazem, para que possam agir e ajustar-se de acordo com a situação. Enquanto continuarem a aprender, continuarão a cumprir seu papel e a agir de maneira

empreendedora. Vivem um processo de evolução constante. No entanto, o foco principal do seu processo de aprendizagem é sempre a capacidade de detectar oportunidades, a qual lhes permite continuar a desempenhar seu papel empreendedor.

Drucker (1987), acredita que a prática de inovar pode ser aprendida, de forma a se ver a mudança como norma, reagindo-se e explorando-a como sendo uma oportunidade.

O profissional que se busca hoje é aquele que possui características empreendedoras, tais como: iniciativa, persistência, comprometimento, entre outras habilidades que requerem conhecimentos práticos e soluções criativas. Sendo o empreendedor uma pessoa como outra qualquer, cujas características, habilidades e competências podem ser desenvolvidos, o sucesso e a concretização de seus objetivos podem ser alcançados através de capacitação que enfatizem mudanças comportamentais.

O primeiro curso criado no Brasil, na área de empreendedorismo, surgiu em 1981, na Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo, por iniciativa do professor Ronald Degen e chamava-se “Novos Negócios”. Mais tarde, o ensino de empreendedorismo foi inserido nos cursos de mestrado, doutorado e MBA.

Em 1984, a USP, Universidade de São Paulo, incorporou a disciplina Criação de Empresas no curso de graduação em Administração na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da USP. Nesse mesmo ano, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, era criada a

disciplina de ensino de criação de empresas, no curso de bacharelado em Ciência da Computação.

Em 1992, a FEA, Faculdade de Economia e Administração, com o apoio do SEBRAE-SP, oferecia um Programa de Formação de Empreendedores, voltados para profissionais da comunidade, interessados em abrir empresas. Naquele mesmo ano, em Santa Catarina, surgia a ENE, Escola de Novos Empreendedores, com profunda inserção acadêmica e envolvimento tanto com projetos e órgãos internos à UFSC, bem como outras universidades e organismos internacionais. Também, na Universidade Federal de Pernambuco, surgia o CESAR, Centro de Estudos Avançados do Recife, em 1995, com o apoio do Softex; o CESAR, por sua vez, criou uma pré-incubadora voltada para projetos de exportação de *software*. No ano seguinte, em 1996, foi oferecida a disciplina de empreendedorismo no curso de graduação em Ciência da Computação. A experiência gerada pelo CESAR foi importante na concepção do projeto Softex-Gênesis.

Em 1995, a Escola Federal de Engenharia de Itajubá, EFEI, de Minas Gerais, criou o CEFEI, Centro Empresarial de Formação Empreendedora de Itajubá, com o intuito de inserir o ensino de empreendedorismo na Instituição.

Em 1995, a UNB, Universidade de Brasília, criou a Escola de Empreendedores, com o apoio do SEBRAE-DF.

O ano de 1996 é um marco na área de empreendedorismo no Brasil. O programa Softex, criado pelo CNPq em 1992, e a partir de 1997,

gerido pela sociedade Sotfex, com a finalidade de estimular a exportação de *software* brasileiro, implantou dois projetos: o Gênesis, na área de incubação universitária e o Softstart, na área de empreendedorismo.

Em 1997, é criado em Minas Gerais o programa Reune, Rede de Ensino Universitário de Empreendedorismo.

Já no ano de 1999, através da coordenação do Centro Tecnológico da Universidade Federal de Santa Catarina com o apoio da Escola de Novos Empreendedores e do Laboratório de Ensino a Distância foi oferecido o Curso de Especialização de Empreendedores em Engenharia dirigido aos professores das Instituições Federais de Ensino e financiado pela FINEP.

A partir do ano de 2000, o empreendedorismo passa a ser disciplina prevista no currículo em instituições de ensino e é oferecido como curso de graduação em algumas Faculdades, prova disto foi a inauguração em setembro de 2003, da Universidade SEBRAE em Goiás, que capacita alunos para atuarem como lideranças, que visem desenvolver o poder de influenciar e com isso criar e consolidar um ambiente propício ao desenvolvimento sustentável embasado na cultura empreendedora.

2.6 Os Índices do Empreendedorismo no Brasil

Atualmente, o Brasil classifica-se em sexto lugar no ranking dos países empreendedores, participando desse mercado com 13,5 %, segundo pesquisa realizada em 2003, informada pelo SEBRAE. No Brasil, 53% das

empresas são abertas por oportunidade de mercado, ficando abaixo da média mundial que é de 61% ou ainda mais abaixo quando comparado especificamente com a França onde o índice chega a 97%, ou seja, o índice de empresas abertas por necessidade é expressivo, sendo que 43% dos novos empreendimentos foram motivados pela dificuldade de encontrar trabalho, característica inerente a países em desenvolvimento, os dados são referentes ao ano de 2003, pesquisados pela Global Entrepreneurship Monitor (GEM), que mede o empreendedorismo em 31 países de todos os continentes.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, em setembro de 2003, havia cerca de quatro milhões e quinhentas mil micro e pequenas empresas e que, conforme aponta o SEBRAE, o sucesso dessas ficou condicionado em primeiro lugar, com 54,4%, em possuir um bom administrador e que outros fatores de sucesso apontados são: ter bom conhecimento do mercado, com 36,4%, a posse do capital de giro próprio representa 19% do fator de sucesso e, por fim, a persistência no negócio fica com 16,9%.

Entretanto, conforme a mesma pesquisa, quando o assunto é fechamento das empresas no Brasil, os índices e motivos modificam-se, ou seja, 26,3% das empresas fecham por falta de capital de giro, 21,1% fecham por falta de clientes e 17,5% das empresas não vencem a carga tributária.

2.7 Conclusão

Este capítulo conceituou empreendedorismo e o empreendedor, destacando que os empreendedores são pessoas proativas, em constante estado de aperfeiçoamento, descrevendo que autores de diversas áreas afirmam que tais características podem ser aprendidas; apontou que existem iniciativas de disseminação da cultura empreendedora, pregadas, principalmente, por parte das instituições de ensino, e informou que o Brasil classifica-se em sexto lugar no ranking dos países empreendedores entre outros dados estatísticos sobre o empreendedor brasileiro.

No capítulo 3, abordaremos a educação, o interesse do aluno pelo estudo e o delineamento do ensino médio na educação brasileira.

3 O INTERESSE PELO APRENDIZADO E O ENSINO MÉDIO

3.1 Introdução

Neste capítulo, descreve-se sobre a educação e as metodologias de ensino, enfatizando que a mesma deve ser continuada, propiciando oportunidades de crescimento ao indivíduo e o compromisso do ensino médio com a formação do aluno.

3.2 O Processo Educacional

A educação é um processo de desenvolvimento amplo da consciência e da comunicação que integra os vários níveis de conhecimento.

“Educar é colaborar para que professores e alunos - nas escolas e organizações - transformem suas vidas em processos permanentes de aprendizagem. É ajudar os alunos na construção da sua identidade, do seu caminho pessoal e profissional - do seu projeto de vida, no desenvolvimento das habilidades de compreensão, emoção e comunicação que lhes permitam encontrar seus espaços pessoais, sociais e de trabalho e tornar-se cidadãos realizados e produtivos” (Moran, 1999).

Educação é todo o estímulo que o indivíduo obtém do ambiente social durante a sua vida, com o objetivo de adaptar-se às regras e valores

sociais aceitos.

Freire (1998), defende que “a educação é uma forma de intervenção no mundo, mundo este onde o homem vive, age e convive em sociedade, não é um ser isolado, participa de um processo onde influencia e é influenciado pelo grupo, pela sociedade, pela cultura”.

A educação é um dos fatores que forma as bases pela qual se constrói um país desenvolvido, oferecendo formação acadêmica abrangente, multidisciplinar e generalista.

O processo educacional procura utilizar os princípios e as informações que as pesquisas psicológicas oferecem acerca do comportamento humano, para tornar mais eficiente o processo ensino-aprendizagem.

Dois aspectos merecem atenção: o estudo das diversas fases de desenvolvimento das pessoas (Psicologia do Desenvolvimento) e o estudo da aprendizagem e das condições que a tornam mais eficiente e mais fácil (Psicologia da Aprendizagem).

A Psicologia do desenvolvimento pretende estudar como nascem e como se desenvolvem as funções psicológicas que diferenciam o homem de outras espécies. Estuda a evolução da capacidade perceptual e motora, das funções intelectuais da sociabilidade e da afetividade do ser humano.

A Psicologia da aprendizagem estuda o complexo processo pelo qual as formas de pensar e os conhecimentos existentes numa sociedade são

assimilados. Aplicada à educação e ao ensino, busca mostrar como, através da interação entre professor e alunos, e entre os alunos, é possível a aquisição do saber e da cultura.

“Educamos de verdade quando aprendemos com cada coisa, pessoa ou idéia que vemos, ouvimos, sentimos, tocamos, experimentamos, lemos, compartilhamos e sonhamos; quando aprendemos em todos os espaços em que vivemos - na família, na escola, no lazer”. Moran (1999).

E, Ladin (1997), define educação

“como prática educativa, processo ensino-aprendizagem, que leva o indivíduo a aprender a aprender, a saber pensar, criar, inovar, construir conhecimentos, participar ativamente de seu próprio crescimento. É um processo de humanização que alcança o pessoal e o estrutural, partindo da situação concreta em que se dá a ação educativa numa relação dialógica”.

3.3 O Modelo Tradicional e as Técnicas de Ensino

No modelo tradicional de ensino, a aquisição do conhecimento se realiza por meio da transmissão. Sua principal característica é a ênfase dada à figura do professor: ele é a fonte das informações, o especialista. Ele quem determina o nível e o ritmo da aula, os conteúdos, a metodologia e a avaliação. A relação professor-aluno é vertical.

Diante do professor permanecem os alunos, passivos-receptivos, ocupados em ouvir e anotar. A comunicação é unilateral, as perguntas dos alunos são raras e os comentários paralelos indesejáveis. As tarefas de aprendizagem são padronizadas, sem a consideração das diferenças individuais. Os alunos devem trabalhar no mesmo ritmo, repetir as mesmas informações e adquirir os mesmos conhecimentos. Eles somente executam atividades e tarefas que são propostas por autoridades superiores a eles.

Assim, neste modelo, o conhecimento é reproduzido e não construído. Além disso, a estrutura acadêmica é rígida, envolvendo uma grade horária de estudos, muitas vezes sem flexibilidade para acomodar e incentivar o estudo em áreas complementares ou a busca de informações em fontes alternativas.

Esse modelo está apoiado quase que exclusivamente na prática da aula expositiva, cuja forma praticamente não sofreu modificações, apesar da evolução dos meios de comunicação e do aparecimento de novos recursos de auxílio ao professor no ambiente da sala de aula, onde o quadro-negro e o giz continuam sendo as principais tecnologias de ensino.

O ensino apoiado exclusivamente na aula expositiva cumpriu seu papel de forma aceitável durante uma época em que os conhecimentos a serem transmitidos eram relativamente estáveis e o conjunto de conhecimentos a serem adquiridos não necessitava ser renovado durante sua vida profissional.

A grande quantidade de informação que está sendo criada ultrapassa a capacidade de absorção de docentes e discentes. Isto provoca

uma conseqüência profunda sobre a relação professor-aluno: ao contrario do que acontecia no passado, não se pode exigir que o professor domine todo o conteúdo da disciplina que ministra.

No ensino tradicional, a aprendizagem técnica está baseada na solução de problemas “escolhidos”, através de aplicação de uma seqüência de passos pré-estabelecidos. Assim, o ensino ocorre mediante um “livro de receitas”, onde o ponto principal é o acúmulo de conhecimento e sua reprodução em atividades controladas, defendidas ou estruturadas.

A escolha do modelo tradicional de ensino sobre outras alternativas deve-se basicamente a dois fatores: em primeiro lugar, é um método que exige pouco do professor, não requer processos criativos de apresentação de conceitos ou fórmulas, nem tampouco atualização das aulas. O segundo fator sucede o primeiro, referindo-se à comodidade do professor: esse método de ensino, via transmissão de conhecimento a partir de quem o detém, é adequado a quem ensina e não a quem aprende.

Quanto aos principais métodos e técnicas de ensino, Uris (1966), assim classificou: I) método de aprender pela experiência, II) método de aprender pela teoria conceitual, III) método de aprender pela simulação da realidade e IV) método de aprender pelo desenvolvimento comportamental.

I- O método de aprender pela experiência se dá através de atividades metódicas, conta com um agente responsável pelo estabelecimento e ordenação das fases do trabalho, como forma de facilitar a assimilação do aprendiz. Requer alguns atributos como repetição dos exercícios e leva em

conta a individualidade. A principal vantagem deste método é a obtenção de resultados rápidos e uma das desvantagens é a limitação da criatividade. Algumas técnicas de abordagem do método prático são demonstradas a seguir:

- a) Entrevistas: a aquisição de informações se dá através de conversas com profissionais mais experientes.
- b) Estágios: trabalhos desenvolvidos por pessoas que desejam aprender através da prática.

II- O método conceitual privilegia a exposição oral, aprofundando os conceitos e fixando mais o que foi aprendido, além de diminuir a distância entre o comunicador e o participante. Seu sucesso depende da capacidade do comunicador em enriquecer sua apresentação através de recursos disponíveis. Algumas das técnicas da abordagem conceitual são demonstradas a seguir:

- a) Debates: contestação, discussão de um assunto proposto através da participação oral dos participantes;
- b) Aula expositiva do instrutor: transmissão de conhecimento por parte do facilitador que poderá se valer de vários recursos didáticos para enriquecer a apresentação do conteúdo tais como: transparências, filmes, impressos, quadro de giz, computadores, slides e etc.
- c) Apresentação em geral: explanação de um conteúdo através de um convidado ou pela apresentação dos alunos por meio de painéis, palestras ou depoimentos.

III- O método simulado toma por base a criação de situações

muito próximas da realidade, propondo situações encontradas na prática. A principal vantagem do método é a aproximação do processo de aprendizagem ao mundo real, pois demanda uma mudança de atitudes na medida em que desenvolve habilidades manuais, verbais e a comunicação interpessoal do aluno. Algumas das técnicas do método simulado são descritas a seguir:

- a) Jogos: exercício que tem regras pré estabelecidas que tem por objetivo vivenciar os conceitos e teorias. Gramigna (1993), ainda afirma que:

“O jogo é um instrumento dos mais importantes na educação em geral. Por meio dele, as pessoas exercitam habilidades necessárias ao seu desenvolvimento integral e, dentre elas, autodisciplina, sociabilidade, afetividade, valores morais, espírito de equipe e bom senso.”

- b) Dramatizações: são simulações de situações da realidade assumindo papéis que possibilitam a avaliação de comportamentos e atitudes. Segundo Boog (2001)

“O Jogo Psicodramático pode avaliar, facilitar, desenvolver e aprimorar características individuais e grupais, relacionamentos intra e interpessoais, resolução de conflitos e outras problemáticas sempre tendo em vista os objetivos propostos no início dos trabalhos.”

- c) Estudo de casos: estudos de situações problemas reais ou fictícios que possibilitam a análise crítica do momento.

IV- O método de aprendizagem comportamental baseia-se em técnicas desenvolvidas em grupo que visam a mudança de atitudes. Tem como vantagens o aumento da sensibilidade dos alunos pois amplia a autopercepção e incentiva a criatividade. As técnicas mais usuais deste método são:

- a) Dinâmica de grupo: trabalha aspectos comportamentais através de diversas técnicas em grupo.

Segundo Gonçalves e Perpétuo (1998),

“O uso de dinâmicas nos processos alternativos de educação em grupos visa proporcionar momentos educativos que possibilitem ao grupo vivenciar situações inovadoras em todos os níveis. Ao confrontar comportamentos, hábitos, valores e conhecimentos, espera-se que os participantes sejam levados a uma avaliação e reelaboração individual evolutiva, podendo assim potencializar o grupo no aprimoramento da subjetividade e no próprio processo de educação e construção do conhecimento e da prática social.”

- b) Técnicas de vivência em grupo: são instrumentos utilizados para impulsionar a ação em determinada direção. São chamadas técnicas vivenciais uma série de pequenos instrumentos e expedientes utilizados para dinamizar uma discussão, desenvolver a participação, transmitir informações e clarificar situações.

O uso de técnicas vivenciais pode mais rapidamente criar uma atmosfera propícia e facilitar a mudança de comportamentos e quando utilizadas de maneira apropriada têm o poder de ativar a motivação.

Gonçalves e Perpétuo (1998), afirmam que:

“As dinâmicas não devem ser aplicadas apenas para criar um modelo novo ou diferente de educação. Devem ser aplicadas quando se busca estabelecer uma filosofia formativa que se pretende imprimir na ação educativa sempre que se descobre, entre pessoas envolvidas no processo, um estado de espírito predisposto para aceitar a inovação como resposta à necessidade e ao desejo de se conhecer melhor e de criarem o novo. E, finalmente, quando se acredita que uma dinâmica, seja ela qual for, não representa uma “varinha mágica” capaz de educar pessoas e alterar comportamentos, mas é somente uma estratégia pedagógica válida na medida em que se insere num processo, com uma concepção de educação amplamente discutida e objetivos claramente delineados.”

Os autores ainda orientam sobre preparação das atividades educativas com o uso de dinâmicas:

- a) Quais são as características do grupo: número de participantes, faixa etária, sexo, nível de integração;
- b) As condições operacionais: carga horária disponível, espaço físico, equipamentos e materiais de que pode dispor e outros;
- c) Ter consciência do conteúdo da atividade, ou seja, o eixo temático que se pretende desenvolver, as etapas que vão percorrer nesse desenvolvimento, os objetivos existentes para cada uma delas;
- d) É fundamental que o educador já tenha vivenciado ou mesmo

vivencie as dinâmicas antes de aplicá-las. A insegurança e comandos confusos geram dinâmicas confusas;

- e) Após a aplicação de cada dinâmica, é preciso tempo para que os participantes socializem as emoções, sentimentos, dificuldades e descobertas. Não cabe ao educador expressar nenhum juízo de valor;
- f) As dinâmicas só devem ser usadas quando houver uma proposta, uma concepção de educação que acredite na produção do conhecimento como um processo lento e gradativo alcançado pela vivência. Um processo que busque um mundo de relações mais solidárias, uma sociedade de experiências autênticas e alternativas;
- g) Ao educador cabe ainda o papel de acompanhar a realização da dinâmica, explicá-la e propiciar o momento de reflexão do grupo auxiliando na sistematização dessa vivência.

Tendo-se o cuidado de evitar possíveis distorções, as técnicas devem ser utilizadas, quando necessárias, como instrumentos que variam, segundo etapas, o método, as fases do próprio processo grupal e, ainda segundo os objetivos que se tenha para o grupo em questão.

Gramigna (1993), alerta que

“como qualquer inovação, os jogos estão sujeitos à má aplicação e ao uso inadequado. Os cuidados do facilitador ao usar os jogos incluem desde a estruturação e escolha corretas, o planejamento prévio de recursos, ambiente e cenário, até a adoção de uma postura flexível e de abertura durante o desenvolvimento das

atividades.”

3.4 A Aprendizagem e sua Motivação

A aprendizagem é mudança de comportamento, isto é: quando se repete comportamentos já realizados anteriormente, não se está aprendendo, pois só ocorre a aprendizagem na medida em que houver mudança de comportamento.

Segundo Gagné (1974), “a aprendizagem é uma modificação na disposição ou na capacidade do homem, modificação essa que pode ser anulada e que não pode ser simplesmente atribuída ao processo de crescimento”.

Pode-se definir a aprendizagem

“como uma modificação relativamente duradoura do comportamento, através de treino, experiência, observação. Se a pessoa treinou, ou passou por uma experiência especialmente significativa para ela, ou observou alguém na realização de algo, e depois disso, mostra-se de alguma forma modificada, podendo demonstrar estas modificações desde que se apresentem condições adequadas, e, além disso, mantiver esta mudança por tempo razoavelmente longo, então podemos dizer que houve aprendizagem” (Falcão, 1988).

E ainda, afirma, que a aprendizagem “é um processo – pessoal: depende do envolvimento de cada um, de seu esforço e de sua capacidade sendo um processo pessoal; é – gradual - pois se aprende aos poucos, e cada um dentro de seu ritmo próprio”.

A motivação é o fator fundamental para a aprendizagem. Sem motivação não há aprendizagem. Motivar significa predispor o indivíduo para certo comportamento desejável naquele momento. O aluno está motivado para aprender quando está interessado em aprender um certo assunto, em resolver um certo problema.

Segundo Mouly (1973), são três as funções mais importantes dos motivos:

- 1) Os motivos ativam o organismo: levam o indivíduo a uma atividade, na tentativa de satisfazer suas necessidades. Qualquer necessidade gera tensão, desequilíbrio, levando os motivos a manter o organismo ativo até que a necessidade seja satisfeita e a tensão desapareça.
- 2) Os motivos dirigem o comportamento para um objetivo: diante de uma necessidade, vários objetivos se apresentam como capazes de satisfazê-la, de restabelecer o equilíbrio. Os motivos dirigem o comportamento do indivíduo para o objetivo mais adequado para satisfazer a necessidade.
- 3) Os motivos selecionam e acentuam a resposta correta: as respostas que conduzem à satisfação das necessidades serão aprendidas, mantidas e provavelmente repetidas quando uma situação semelhante se apresentar novamente.

Na teoria do condicionamento, para que alguém seja motivado a emitir um determinado comportamento, é preciso que este comportamento seja reforçado seguidamente, até que a pessoa fique condicionada, isto é, o indivíduo atue para alcançar um reforço que vai satisfazer sua necessidade.

De acordo com a teoria do condicionamento, em sala de aula, haverá motivação para aprender na medida em que as matérias oferecidas estiverem associadas a reforços que satisfaçam certas necessidades do aluno. Porém, a motivação através do reforço ou recompensa funciona mais no caso dos animais. Aprender para conseguir um prêmio é uma forma de aprendizagem que não permanece, pois não responde à necessidade de realização pessoal.

A teoria cognitiva considera que, como ser racional, o homem decide conscientemente o que quer ou o que não quer fazer. Esta teoria valoriza a motivação intrínseca e inclui fatores como objetos, intenções, expectativas e planos entre os principais motivos que levam um indivíduo a aprender.

Para Maslow (1954), representante da Teoria Humanista, necessidades de ordem superior, como necessidades de realização, de conhecimento e de estéticas, também são primárias ou básicas, mas apenas se manifestam depois que as necessidades de ordem inferior forem satisfeitas. Ele esquematizou uma hierarquia de sete conjuntos de motivos-necessidades, explicadas a seguir.

- 1) A satisfação das necessidades fisiológicas é uma condição

indispensável para a manifestação e satisfação das necessidades de ordem superior. Um indivíduo com as necessidades fisiológicas insatisfeitas comporta-se como um animal em luta pela sobrevivência.

- 2) A necessidade de segurança manifesta-se pelo comportamento de evitar o perigo, pelo recuo diante de situações estranhas e não familiares. É essa necessidade que leva o organismo a agir rapidamente em qualquer situação de emergência.
- 3) A necessidade de amor e participação expressa o desejo de todas as pessoas de se relacionarem afetivamente com os outros, de pertencerem a um grupo.
- 4) A necessidade de estima leva-os a procurar a valorização e o reconhecimento por parte dos outros. O sucesso ou o fracasso do aluno, na escola, depende em parte de sua auto-estima, da confiança que tem em si mesmo.
- 5) A necessidade de realização expressa a tendência a transformar em realidade o que se é potencialmente, a alcançar os objetivos. Esta necessidade é sempre parcial, na medida em que sempre se tem projetos inacabados, sonhos a realizar e objetivos a alcançar.
- 6) A necessidade de conhecimento e compreensão abrange a curiosidade, a exploração e o desejo de conhecer novas coisas, de adquirir mais conhecimentos.
- 7) As necessidades estéticas estão presentes em alguns indivíduos e se manifestam através da busca constante da beleza.

Na teoria de Maslow (1954), a hierarquia das necessidades é fundamental: as descritas por último só podem ser satisfeitas na medida em que se satisfazem as primeiras.

3.5 As Etapas e o Aprendizado Experimental

De acordo com Mouly (1973), o processo de aprendizagem compreende sete etapas:

- 1) **Motivação:** sem motivação não há aprendizagem.
- 2) **Objetivo:** qualquer pessoa motivada orienta seu comportamento para os objetivos que possam satisfazer suas necessidades; o comportamento é sempre orientado para um objetivo que satisfaça alguma necessidade do indivíduo.
- 3) **Preparação ou prontidão:** de nada adianta o indivíduo estar motivado, ter um objetivo, se não for capaz de atingir este objetivo para satisfazer sua necessidade. A preparação ou prontidão, compreende três fatores principais: fatores fisiológicos - maturação dos órgãos dos sentidos, do sistema nervoso central, etc.; fatores psicológicos - confiança em sua capacidade de aprender, ausência de conflitos emocionais perturbadores etc.; experiências anteriores - qualquer aprendizagem depende de informações, habilidades e conceitos aprendidos anteriormente.
- 4) **Obstáculos:** se não houvesse obstáculos, barreiras, não haveria necessidade de aprendizagem, pois bastaria o indivíduo repetir comportamentos anteriores.
- 5) **Respostas:** o indivíduo vai agir de acordo com sua interpretação da situação, procurando a melhor maneira de vencer o obstáculo.
- 6) **Reforço:** quando o indivíduo tenta superar o obstáculo até conseguir a resposta que leva à satisfação da necessidade é reforçada e, futuramente, em situações semelhantes, tende a ser repetida.

Generalização: consiste em integrar a resposta correta ao repertório de conhecimentos. Essa generalização permite que o indivíduo dê a mesma resposta que o levou ao êxito diante de situações semelhantes; a nova aprendizagem passa a fazer parte do indivíduo e vai ser utilizada sempre que for preciso.

De acordo com Gramigna (1993): "Quando as pessoas vivenciam um jogo em todas as fases, além de maiores chances de alcançar a aprendizagem, têm a oportunidade de trabalhar os dois hemisférios cerebrais de forma harmônica, sem que haja predominância de um deles durante todo o tempo"

Os alunos devem passar por cinco fases para fechar o ciclo vivencial:

- a) Vivência: caracteriza a atividade inicial, o jogo em si mesmo: "fazer, realizar, construir."
- b) Relato: após a vivência de um jogo ou simulação, o facilitador passa à fase do relato. Nesse momento, ele oferece espaço ao grupo para compartilhar sentimentos, reações e emoções.
- c) Processamento: é o momento em que os participantes têm a oportunidade de analisar o ocorrido durante o jogo, avaliando sua atuação e estabelecendo relações com o resultado obtido. Nesse momento são discutidos os padrões de desempenho e o nível de interação entre os jogadores.
- d) Generalização: após o processamento, os jogadores já têm condições de sair da fantasia e da simulação e entrar na realidade. O momento da generalização é aquele em que o grupo

faz comparações e analogias do jogo e seu cotidiano empresarial.

Para fechar o Ciclo da Aprendizagem Vivencial, é necessário preparar atividades que dêem margem à aplicação do que foi vivenciado e discutido. Após identificar falhas, acertos, facilidades e dificuldades, o grupo parte para o planejamento de novos rumos. Nessa etapa, cada participante tem a oportunidade de se comprometer com mudanças e resultados desejáveis.

3.6 As Teorias de Aprendizagem

As teorias de aprendizagem têm em comum o fato de assumirem que indivíduos são agentes ativos na busca e construção de conhecimento, dentro de um contexto significativo. Dentro dessa visão, embasado por Pozo (1998), descreve-se as características das principais teorias.

A Teoria da Epistemologia Genética de Piaget tem como ponto central a estrutura cognitiva do sujeito. As estruturas cognitivas mudam através dos processos de adaptação: assimilação e acomodação. A assimilação envolve a interpretação de eventos em termos de estruturas cognitivas existentes, enquanto que a acomodação se refere à mudança da estrutura cognitiva para compreender o meio. Níveis diferentes de desenvolvimento cognitivo.

Segundo a Teoria Construtivista de Bruner, o aprendizado é um processo ativo, baseado em seus conhecimentos prévios e os que estão sendo estudados. O aprendiz filtra e transforma a nova informação, infere hipóteses e toma decisões. O aprendiz é participante ativo no processo de aquisição de

conhecimento. A instrução é relacionada a contextos e experiências pessoais.

Conforme a Teoria Sócio-Cultural de Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo é limitado a um determinado potencial para cada intervalo de idade. O indivíduo deve estar inserido em um grupo social e aprende o que seu grupo produz. O conhecimento surge primeiro no grupo, para só depois ser interiorizado. A aprendizagem ocorre no relacionamento do aluno com o professor e com outros alunos.

De acordo com a Teoria da Aprendizagem Baseada em Problemas / Instrução Ancorada, a aprendizagem se inicia com um problema a ser resolvido. O aprendizado é baseado em tecnologia. As atividades de aprendizado e ensino devem ser criadas em torno de uma "âncora", que deve ser algum tipo de estudo de um caso ou uma situação envolvendo um problema.

A Teoria da Flexibilidade Cognitiva, trata da transferência do conhecimento e das habilidades. É especialmente formulada para dar suporte ao uso da tecnologia interativa. As atividades de aprendizado precisam fornecer diferentes representações de conteúdo.

Conforme a Teoria do Aprendizado Situado, a aprendizagem ocorre em função da atividade, contexto e cultura e ambiente social na qual está inserida. O aprendizado é fortemente relacionado com a prática e não pode ser dissociado dela.

Na Teoria do Gestaltismo, é enfatizada a percepção ao invés da

resposta. A resposta é considerada como o sinal de que a aprendizagem ocorreu e não como parte integral do processo. Não enfatiza a seqüência estímulo-resposta, mas o contexto ou campo no qual o estímulo ocorre e o insight tem origem, quando a relação entre estímulo e o campo é percebida pelo aprendiz.

Segundo a Teoria da Inclusão, o fator mais importante de aprendizagem é o que o aluno já sabe. Para ocorrer a aprendizagem, conceitos relevantes e inclusivos devem estar claros e disponíveis na estrutura cognitiva do indivíduo. A aprendizagem ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos ou proposições relevantes preexistentes.

De acordo com a Teoria do Aprendizado Experimental, deve-se buscar sempre o aprendizado experimental, pois as pessoas aprendem melhor aquilo que é necessário. O interesse e a motivação são essenciais para o aprendizado bem sucedido. Enfatiza a importância do aspecto interacional do aprendizado. O professor e o aluno aparecem como os co-responsáveis pela aprendizagem.

Encerrando, a Teoria das Inteligências Múltiplas, defende que, no processo de ensino, deve-se procurar identificar as inteligências mais marcantes em cada aprendiz e tentar explorá-las para atingir o objetivo final, que é o aprendizado de determinado conteúdo.

3.7 A Figura do Facilitador

O facilitador deve conhecer as peculiaridades da clientela e se relacionar bem com ela, conhecer os objetivos de curso, o conteúdo e sua progressão, escolher e aplicar os métodos e os recursos necessários para a construção do conhecimento e auto avaliar o processo.

Segundo Gramigna (1993), “o facilitador da metodologia participativa antes de treinar, selecionar e identificar talentos, tem por missão proporcionar ao grupo a chance de passar por um processo de aprendizagem e crescimento pessoal. Ele atua como um educador.”

Ele é um condutor de pessoas que por meio de um conjunto de ferramentas e técnicas, viabiliza o aprendizado e desempenha um papel fundamental no processo de ensino aprendizagem.

Para que isso aconteça, precisa ele próprio ser criativo, com idéias novas, viáveis e produtivas, com maturidade para negociar conflitos e interesses. Possuir espírito de equipe e de liderança, ter percepção da relação custo-benefício e foco em resultados, iniciativa, vontade de assumir riscos e agilidade na adaptação a novas situações, com disponibilidade e energia para trabalhos árduos.

Gramigna (1993), afirma que:

“cabe ao facilitador fazer o grupo sentir que suas contribuições são importantes e apreciadas. Quanto mais diversificadas as

opiniões, mais rica e fecunda é a caminhada. A liberdade de expressão e o respeito às opiniões são fatores fundamentais para o desenvolvimento da autoconfiança.”

Sua capacidade de comunicação deve ser bem desenvolvida, porque qualquer atividade de formação de pessoas está intimamente ligada à comunicação eficiente.

Pode-se afirmar que, o sucesso na tarefa de facilitador está associado à sua capacidade de respeitar e entender o grupo, à sua habilidade de comunicação e à qualidade de relação que consegue estabelecer com o grupo durante o processo comunicativo, gerando assim, um clima de confiança para que todos se sintam tranquilos ao expressar seus posicionamentos.

Gramigna (1993), resume o papel do facilitador em cinco itens:

- a) atuar como educador;
- b) identificar e atuar dentro das necessidades do grupo;
- c) reconhecer e proporcionar atividades segundo as fases do grupo;
- d) encorajar à ação e
- e) reforçar o processo segundo os passos do ciclo da aprendizagem vivencial.

3.8 O Ensino Médio

O Ensino Médio, antigo 2º. Grau, é parte da formação educacional que todo brasileiro deve ter para enfrentar a vida com mais segurança, recebendo formação geral onde se aprimora como pessoa, desenvolve

autonomia intelectual, pensamento crítico e compreende os fundamentos científicos e tecnológicos.

Ele visa à preparação básica para o trabalho e para a cidadania, bem como para o prosseguimento de estudos em nível superior, preparando o aluno para continuar aprendendo, de modo a se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação e aperfeiçoamento posteriores.

“A sociedade moderna está a exigir do ensino médio fundamentos outros que possam ultrapassar os limites de preparação para o vestibular, alimentando-os com os elementos indispensáveis da educação e da cultura tecnológicas, pois nós vivemos, hoje, envolvidos obrigatoriamente nas dimensões teóricas e práticas da tecnologia” (Bastos, 1998).

Segundo consta na Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, da nova LDB, no seu Artigo 35, o Ensino Médio é a etapa final da educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, com duração mínima de três anos, e terá como finalidade:

- I - a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;
- II - a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III - o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV - a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Portanto, o Ensino Médio deve estar em sintonia com a atualidade, com a construção de competências básicas e com o desenvolvimento da pessoa. Deve situar o educando como sujeito produtor de conhecimento e participante do mundo do trabalho, preparando-o para participar da vida democrática e para lidar com as novas tecnologias.

Em um trabalho em conjunto com educadores de todo o País, tendo por base a LDB, construiu-se um perfil para o currículo do Ensino Médio. O Artigo 36 da lei propõe as seguintes diretrizes:

I - destacará a educação tecnológica, a compreensão do significado da ciência, das letras e das artes; o processo histórico de transformação da sociedade e da cultura; a língua portuguesa como instrumento de comunicação, acesso ao conhecimento e exercício da cidadania;

II - adotará metodologias de ensino e de avaliação que estimulem a iniciativa dos estudantes;

III - será incluída uma língua estrangeira moderna como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro da disponibilidade da instituição.

A LDB organizou o currículo em uma base nacional comum que

contempla 75% da carga horária mínima do curso, que é de 2400 horas, e uma parte diversificada que pode ocupar até 25% da carga horária.

A base nacional comum está estruturada a partir de competências básicas, distribuídas em três áreas:

- a) Linguagens, códigos e suas tecnologias.
- b) Ciências da natureza, matemática e suas tecnologias.
- c) Ciências humanas e suas tecnologias.

O tempo da parte diversificada pode ser utilizado em temas anteriormente vistos em sala de aula, articulados através de um conjunto de atividades pensadas para atender às diferentes características e anseios de cada região, escola ou grupo de alunos.

Essas diretrizes indicam a necessidade de se construir novas alternativas de organização escolar, comprometidas com os novos significados do trabalho no contexto da globalização. A interdisciplinaridade entre elas vai aprimorar e dar significados às disciplinas e ao raciocínio e a capacidade de aprender será mais importante do que a memorização.

“Trata-se de buscar os alicerces que irão além das práticas do ensino técnico e das teorias que caracterizam o ensino propedêutico com preparação para a universidade. Para tanto, é preciso rever currículos e técnicas de ensino visando a eliminar progressivamente a dissociação entre as disciplinas” (Bastos, 1998).

3.9 Conclusão

O aluno aprende mais facilmente quando enfrenta problemas que tenham significado real para ele. Como qualquer pessoa, o aluno é curioso, quer saber sempre mais, conhecer o mundo em que vive, por isso, se a escola propõe atividades que se relacionem com a sua curiosidade natural, com esse seu desejo de saber, ele vai interessar-se e entusiasmar-se com a atividade sugerida.

O trabalho do professor torna-se mais fácil na medida em que ele puder obter dos alunos informações sobre seus problemas e temas favoritos. Se os alunos puderem discutir o que lhes interessa, o que lhes interessa virá à tona e, a partir desses dados, o professor poderá desenvolver as atividades previstas.

E em qualquer disciplina desenvolvida é baseada na liberdade dos alunos, mais do que transmitir conhecimentos prontos e acabados, o professor deve colocar recursos à disposição deles. O equipamento de sala de aula não deve limitar-se a quadro-negro e giz. Deve-se também pensar nos recursos humanos, trabalhar com pessoas de fora da escola que possam contribuir com determinados assuntos.

O próximo capítulo apresentará a metodologia aplicada na pesquisa bem como a análise dos resultados alcançados, fará abordagens sobre o contexto do Colégio Estadual Henrique Veras e o distrito da Lagoa da Conceição.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Introdução

Esse capítulo apresentará o contexto histórico-social do Colégio Estadual Henrique Veras e do distrito da Lagoa da Conceição. Apresentará, também, a metodologia aplicada na pesquisa e encerra com a análise dos resultados obtidos.

4.2 O Distrito da Lagoa da Conceição

A região do bairro da Lagoa da Conceição foi habitada primeiramente pelos Carijós, índios Tupi Guarani. Os vestígios desta população são os sítios arqueológicos existentes.

A freguesia Lagoa da Conceição, uma das três mais antigas da Ilha de Santa Catarina, desenvolveu-se como irradiação do Desterro, sendo que, no início da segunda metade do século XVII, já existiam picadas e caminhos interligando a Lagoa à Santo Antônio, Ratonés e Desterro.

Conforme relata Kuhnen (2003), a freguesia recebeu a primeira leva de imigrantes vindos do Arquipélago de Açores entre 1748 e 1756, mas os primeiros grupos de colonos oriundos de outras regiões do estado já haviam ali se instalado, lançando as primeiras lavouras e construções. A freguesia da Lagoa foi então consagrada a Nossa Senhora da Conceição e fundada oficialmente em 19 de junho de 1750, sendo a igreja construída a partir de

1751.

A freguesia se desenvolveu principalmente no sopé do morro e na região ao redor da igreja formando uma comunidade que se manteve por muitos anos em semi-isolamento, evoluindo demograficamente de forma natural, em meios aos terrenos quadriculados pelas roças e engenhos de mandioca, milho, cana-de-açúcar, feijão, amendoim, alho, cebola e café, produtos que supriam as necessidades da freguesia e com o passar do tempo foram sendo comercializados com as freguesias mais próximas inclusive no Desterro.

Havia muitos engenhos, sendo que os de cana-de-açúcar produziam melado, aguardente e açúcar e os de mandioca farinha artesanal. Alguns desses engenhos transformaram-se em unidades semi-industriais, indicando prosperidade para a antiga lagoa. Ainda hoje se encontra velhos engenhos, sobrados e casas térreas típicas da história da ocupação da lagoa, bens de valor histórico, arquitetônico e cultural.

Houve sempre grande fartura de pescados na lagoa e tal fartura supria o sustento da família e servia como fonte para comercialização com outras freguesias do interior. No ano de 1845 e 1861, devido a sua importância, a Freguesia da Lagoa foi visitada por D. Pedro II, que fez doações para a sua igreja, inclusive os sinos lá existentes.

Pela sua beleza e atrações, trouxe para si novos moradores vindos de outras cidades, principalmente a partir de 1980, as tradições açorianas, como a pesca e a renda de bilro, e o folclore presente nas histórias

de bruxas, feitiçeras, lobisomem e boitatá, ainda fazem parte da vida dos nativos. Atualmente, o Centro Cultural Bento Silvério funciona como maior propagador destas atividades, oferecendo vários cursos gratuitos durante o ano. No fazer popular da comunidade da lagoa, encontra-se curiosidades na culinária, na medicina, no artesanato e nas pessoas que fazem parte do cotidiano da lagoa.

Atualmente, a lagoa se destaca como um importante centro turístico, cercado de belas atrações, vários bares, restaurantes e toda estrutura para tal. Há vida própria com o estabelecimento de supermercados, farmácias, bancos, escolas e demais estabelecimentos que trazem comodidade aos habitantes oriundos de todo o mundo ali instalados. As oportunidades empreendedoras são inúmeras e têm confortado financeiramente uma grande quantidade de pessoas que se dispõem a explorá-las.

4.3 O Ensino Médio no Colégio Estadual Henrique Veras

A história do Colégio Estadual Henrique Veras tem início em 15 de novembro de 1955, quando foi fundada a Escola Básica Municipal Henrique Veras, pertencente a rede municipal de ensino, administrada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis. Anteriormente a essa data, o ensino escolar era desenvolvido por duas senhoras da localidade, professoras Aída Silveira da Silva e Ruth Oliveira, na casa do Senhor Andrino de Oliveira, situada em frente a atual escola. Ambas eram pagas pelo Governo do Estado.

O nome da escola é uma homenagem ao Intendente da

Comunidade da Lagoa na época da sua fundação, o Sr. Henrique Veras.

Sempre no mesmo endereço, rua João Pacheco da Costa, n. 249, a referida escola segue recebendo sucessivos melhoramentos, tais como acréscimos de salas de aula, biblioteca, mini-auditório e núcleo de desenvolvimento infantil, em virtude do crescimento do distrito da Lagoa da Conceição e do comprometimento da comunidade com a qualidade na educação.

Acompanhando as necessidades e o desenvolvimento do bairro, no ano de 1987, foi criado o Colégio Estadual Henrique Veras, através da portaria 134/87, publicada em 12 de março de 1987, pelo então Secretário Estadual da Educação, Sr. Darcy Luske. O colégio é gerido pela Secretaria da Educação de Santa Catarina, com responsabilidade do Governo Estadual e funciona no período noturno no mesmo espaço físico da Escola Básica Municipal Henrique Veras, otimizando o espaço físico disponível do município.

Atualmente, como diretora a professora Maria Beatriz Da Ros vem desenvolvendo seu trabalho com muito profissionalismo e humanismo no sentido de otimizar todo e qualquer recurso disponível, em prol dos alunos e da comunidade em geral.

4.4 Metodologia

A pesquisa é do tipo quantitativa, com que se buscou identificar o índice dos alunos interessados em investir no aprendizado do empreendedorismo.

Para uma melhor compreensão das etapas da pesquisa, o tema foi organizado em 5 partes: A pergunta da pesquisa, momento em que se define com clareza qual o problema a ser estudado. A definição de termos, onde é definido o conceito para alguns termos específicos a esta pesquisa. O delineamento da pesquisa, onde se estabelece os contornos que caracterizam o trabalho de pesquisa, determinando o que vai ser pesquisado e quais as questões argüidas. O objeto de estudo e elementos de investigação, identificando o objeto e os elementos de investigação. E a coleta e análise de dados, onde são explicadas as etapas para chegar até a análise dos dados e o tipo de programa utilizado na extração dos elementos necessários para validação da pesquisa.

4.4.1 Tipo e pergunta de pesquisa

Nesta etapa da pesquisa, como ensina Severino (2000), para se chegar à pesquisa propriamente dita, faz-se necessária à identificação de forma clara do problema a que se propõe resolver. Com base no problema apresentado neste trabalho, as perguntas de pesquisa são as seguintes:

Qual é o perfil do estudante do ensino médio do Colégio Estadual

Henrique Veras?

Quais as aspirações profissionais dos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Henrique Veras?

Qual o índice de estudantes do Colégio Estadual Henrique Veras interessados no estudo do empreendedorismo como facilitador do sucesso profissional?

4.4.2 Definição de termos

Segundo Rudio (2000), definir os termos de uma pesquisa é tão importante quanto a execução e tão imprescindível na produção do pensamento quanto a comunicação dos resultados.

Perfil – Descrição dos traços biográficos mais característicos do indivíduo ou do grupo.

Índice – É a relação entre valores, proporção, uma parte do grupo inteiro.

Estudo do empreendedorismo – A disciplina empreendedorismo como componente da grade curricular, o estudo do aprender a aprender, a criar, a busca de soluções, a realização, assimilar o comportamento proativo.

Aspirações – É o desejo de alcançar um objetivo, atingir uma meta.

4.4.3 Delineamento da pesquisa

Partindo do problema proposto, descrevemos o tipo de pesquisa que foi utilizado neste estudo. O conceito de pesquisa e, segundo Severino (2000), deve superar necessariamente o simples levantamento de fatos e coleção de dados. Deve buscar uma articulação entre esses dados com um nível de interpretação teórica, pois somente se pode considerar uma pesquisa, como geradora de conhecimento científico. Segundo Rudio (2000), a pesquisa é um conjunto de atividades orientadas para a busca de um determinado conhecimento.

Para que a pesquisa obtenha o resultado científico a que se propõe, é necessário o uso de um método. A metodologia, então, é um conjunto de métodos e técnicas necessárias para se chegar ao objetivo proposto. É através deste método e técnica que a pesquisa recebe o rigor científico necessário para ser considerado um trabalho científico.

O método, por sua vez, de acordo com Rudio (2000), é o caminho que deverá ser percorrido, vencendo-se etapas previamente demarcadas. Trata-se do guia que de forma sistemática conduz o pesquisador a uma compreensão do problema em estudo. O pesquisador deverá percorrer estas etapas de forma consciente e organizada, refletindo as diversas fases do projeto. As diversas fases do método inclui a formulação do problema de pesquisa, a preparação do questionário, a coleta de dados, a tabulação dos dados coletados e a análise e interpretação dos dados coletados.

Esta pesquisa é do tipo descritiva de corte transversal. Para Rudio

(2000), a pesquisa descritiva procura descobrir e observar fenômenos, descrevendo-os e interpretando-os. Esta se diferencia da pesquisa experimental, porque o pesquisador procura conhecer e interpretar a realidade sem nela interferir para alterá-la. Adotou-se, neste estudo, uma perspectiva transversal. Um estudo de corte transversal tem dados coletados em um ponto no tempo, com base em uma amostra selecionada para descrever uma população em determinado momento.

4.4.4 Objeto de estudo

População e amostra

O ensino médio do Colégio Estadual Henrique Veras é constituído por 156 alunos regularmente matriculados. Rudio (2000), explica que, o termo população está indicando a totalidade dos indivíduos do grupo pesquisado, os quais possuem as mesmas características de interesse para o estudo. Justifica, ainda, que a escolha entre a população e uma amostra, obedece a alguns critérios, qual sejam, a restrição do tempo, dinheiro ou pessoal e a inexistência física da população.

A pesquisa acontece entre os alunos do ensino médio do Colégio Estadual Henrique Veras, portanto a população é composta por 156 alunos distribuídos em seis fases, conforme demonstra a tabela nº. 4.1. O questionário foi aplicado no dia 12 de novembro de 2003 na 2ª A, 4ª, 5ª e 6ª fases e no dia 17 do mesmo mês, para a 1ª, 2ª B e 3ª fases aos alunos presentes,

chegando-se a uma amostra de 117 alunos. O critério de seleção adotado nessa pesquisa, segundo Rudio, foi a restrição de tempo e dinheiro, ou seja, a amostra é composta pelos alunos presentes em sala de aula no dia da aplicação do questionário.

Abaixo, segue o quadro demonstrativo do número de alunos que participaram da pesquisa versus o número de alunos matriculados em cada fase.

| Alunos | Matriculados (População) | Presentes (Amostra) | Representação em % |
|---------------|-------------------------------------|--------------------------------|-------------------------------|
| 1ª fase | 17 | 11 | 64,70 % |
| 2ª fase A | 23 | 18 | 78,26 % |
| 2ª fase B | 28 | 23 | 82,14 % |
| 3ª fase | 17 | 6 | 35,29 % |
| 4ª fase | 28 | 26 | 92,85 % |
| 5ª fase | 17 | 7 | 41,17 % |
| 6ª fase | 26 | 26 | 100 % |
| Total | 156 | 117 | 75 % |

QUADRO 2: REPRESENTAÇÃO DOS ALUNOS POR FASES.

4.4.5 Coleta e processamento dos dados

Na pesquisa são utilizados dados primários, obtidos através de questionários a serem aplicados junto à amostra a ser pesquisada. Os dados secundários, como dados escolares, foram colhidos junto a secretaria do colégio.

O tamanho da amostra é representativo, são 117 alunos que correspondem a 75% da população. Segundo a Direção do Colégio Estadual Henrique Veras, o número de alunos entrevistados, ou seja, presentes em sala de aula no dia da pesquisa, corresponde a média verificada nos registros escolares.

O tempo despendido para a aplicação dos questionários foi de uma aula, equivalente a 45 minutos, para cada turma, necessitando dois dias para a aplicação em todas as turmas. Inicialmente, foi feita uma explanação sobre a pesquisa e orientação de preenchimento do questionário, seguida de um pedido de colaboração na precisão das respostas. Todos os alunos presentes concordaram com a participação na pesquisa, havendo apenas algumas questões não respondidas.

Os questionamentos por parte dos alunos foram mínimos, dirigidos aos dados socioeconômicos, cabendo registro no tocante aos questionamentos específicos sobre informações a respeito do pai, que alguns alunos o desconheciam e a questão não abria precedente para essa resposta, tal problemática não foi identificada na etapa de elaboração e teste do

instrumento de pesquisa. Algumas turmas contaram com a presença do professor.

Instrumento de pesquisa

O modelo de questionário utilizado nesta pesquisa tem como base medidas já desenvolvidas e validadas em pesquisas de diversos autores, composto em quase sua totalidade com itens fechados. As variáveis foram distribuídas por um ou mais itens, como forma de melhor identificar os dados necessários à caracterização do interesse pelo estudo do empreendedorismo. O modelo foi utilizado no ENEM, pelo Ministério da Educação, para definir o perfil dos alunos egressos do ensino médio brasileiro.

Os questionários foram previamente testados com um grupo de dez alunos do ensino médio do Colégio Aplicação / UFSC e oito alunos do curso de Administração/UFSC, resultando em algumas observações. Após a análise das observações, foram procedidas as melhorias sugeridas, considerando-se que todas foram válidas.

O questionário (anexo 1) é composto por trinta e quatro perguntas sucessivas que podem ser analisadas em três etapas para uma melhor compreensão dos resultados.

Na primeira parte, que corresponde do item 1 ao item 12, estão os questionamentos de ordem pessoal e socioeconômicos que determinarão o perfil do aluno.

Na segunda parte, que corresponde do item 13 ao item 19, constam os questionamentos referente a rotina escolar e o futuro profissional que determinarão as aspirações do aluno.

Encerrando, com a terceira parte, que corresponde do item 20 ao item 34, estão os questionamentos sobre o futuro profissional que determinarão o seu interesse pelo empreendedorismo.

Processamento dos dados

Após a coleta dos dados, são considerados os agrupamentos necessários com vista à análise e a interpretação dos dados. Nesta fase, é procedida a codificação e tabulação dos dados. Segundo Rudio (2000), a codificação é um processo no qual se poderá colocar determinadas informações numa categoria específica. Já a tabulação, é o processo que transforma os dados em gráficos e tabelas. Os dados são agrupados em partes, seguindo critérios pré-estabelecidos, de acordo com os interesses da pesquisa. A interpretação consiste em expressar o significado do material coletado.

Antes da análise propriamente dos dados coletados, é necessário o tratamento preliminar que contou com a fase de codificação das respostas e a preparação de banco de dados para processamento. Somente após esta etapa são realizadas as análises estatísticas das informações que emergiram da pesquisa.

Para as análises fatoriais, utiliza-se o software Microsoft Excel

2000. A opção de utilização deste software atende com suas potencialidades a demanda desejada e sua escolha está relacionada à diversidade de aplicações somada a facilidade de manuseio das ferramentas disponíveis.

4.5 Análise dos Resultados

A análise dos resultados estatísticos será explicitada com auxílio de gráficos, no intuito da facilitação da compreensão seguido dos devidos comentários. Nem todos os gráficos estatísticos gerados pela pesquisa estarão descritos no próximo tópico, os demais estão apensados no anexo 3 do presente trabalho.

4.5.1 Análise do perfil dos alunos

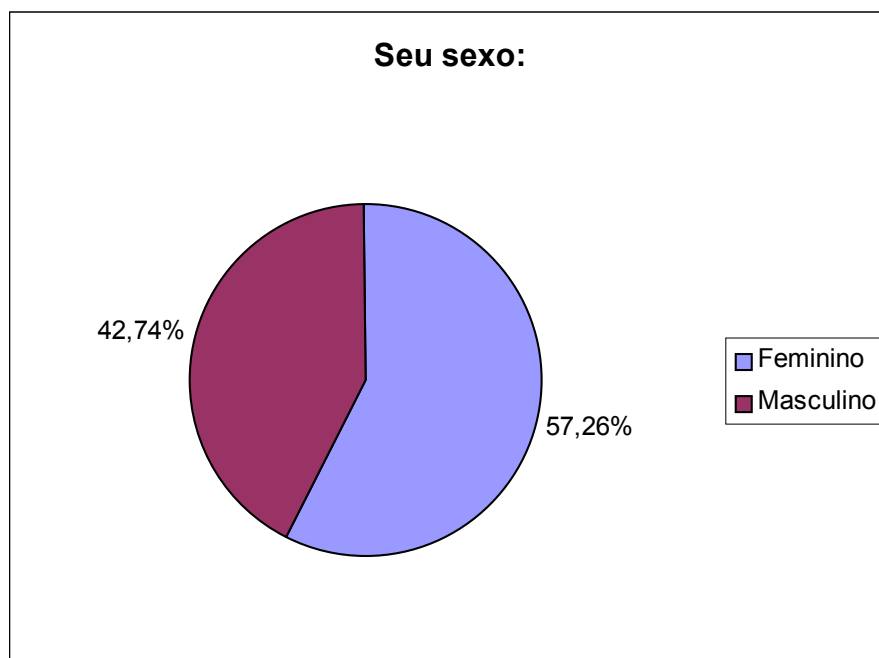


GRÁFICO 1: SEXO.

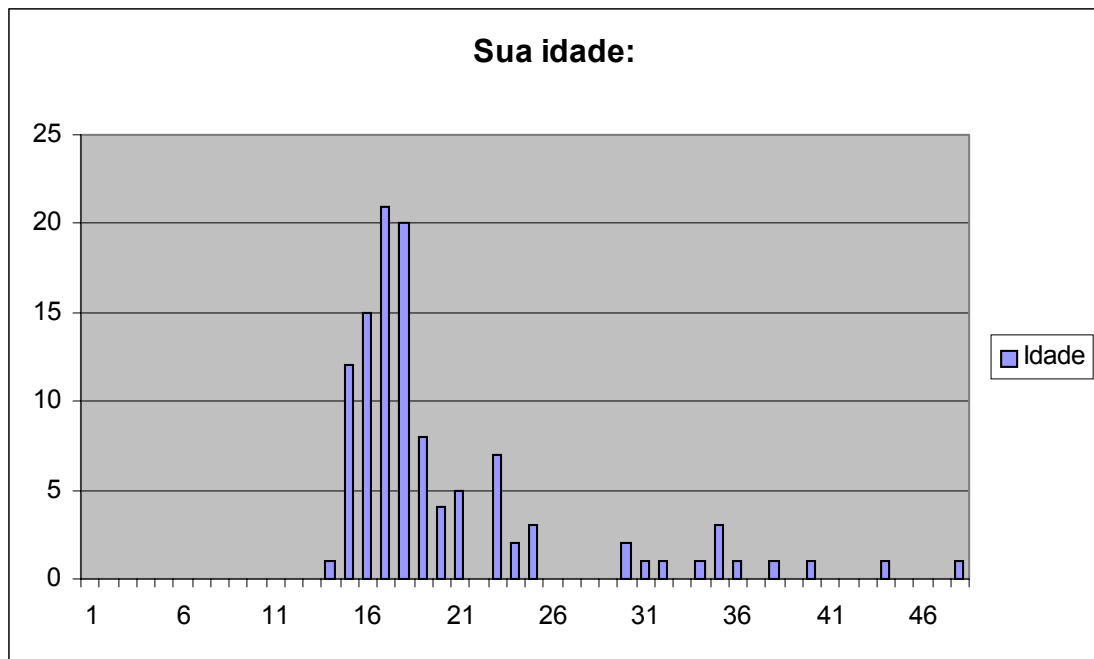


GRÁFICO 2: IDADE.

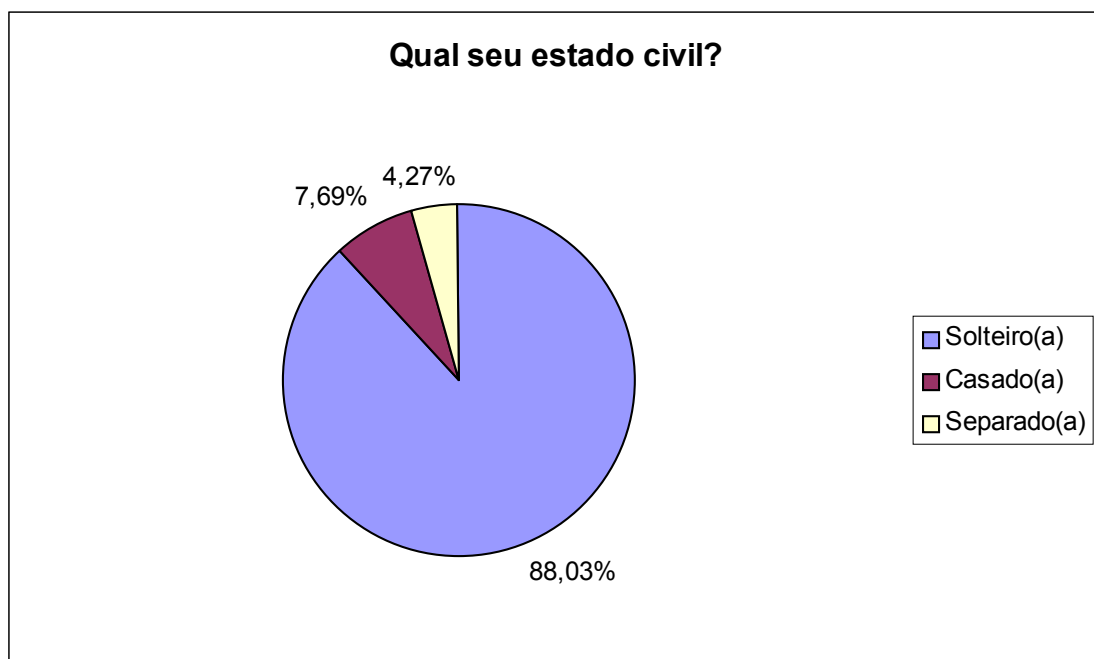


GRÁFICO 3: ESTADO CIVIL.

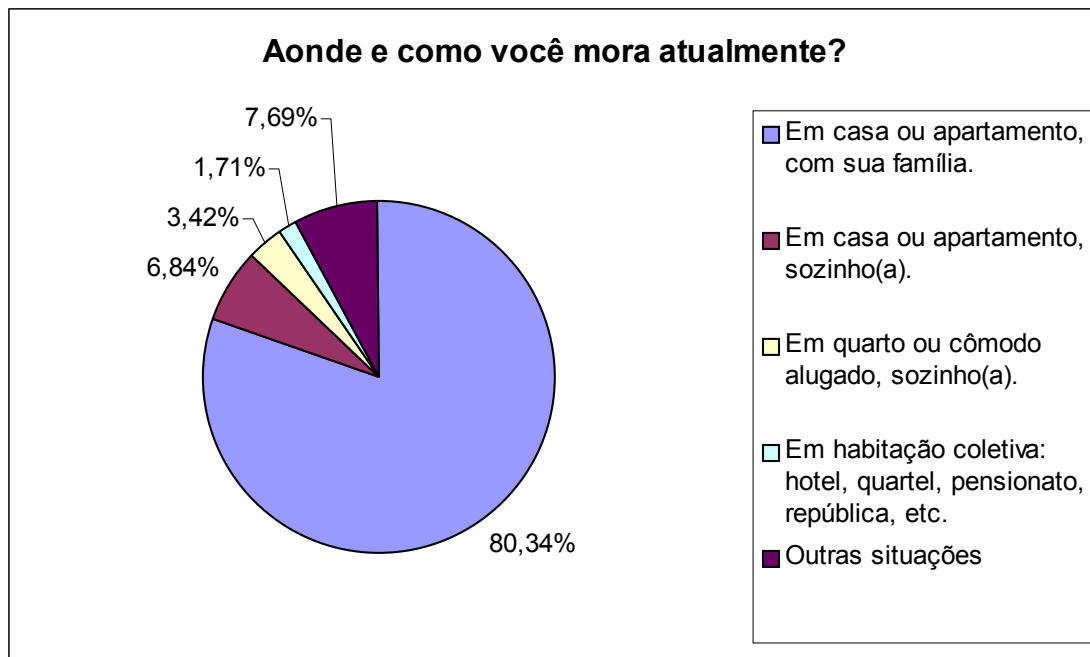


GRÁFICO 4: FORMA DE MORADIA.

Dos alunos pesquisados, 57,26% são do sexo feminino, a idade média do grupo é de vinte anos e a grande maioria é solteiro, ou seja, 88,03%, sendo que, 7,69% são casados e 4,27% estão separados. A forma de moradia predominante é em casa ou apartamento com os pais que representa 80,34% dos casos. As residências com quatro e cinco ou mais moradores são as mais frequentes e apenas 4,27% moram sozinhos.

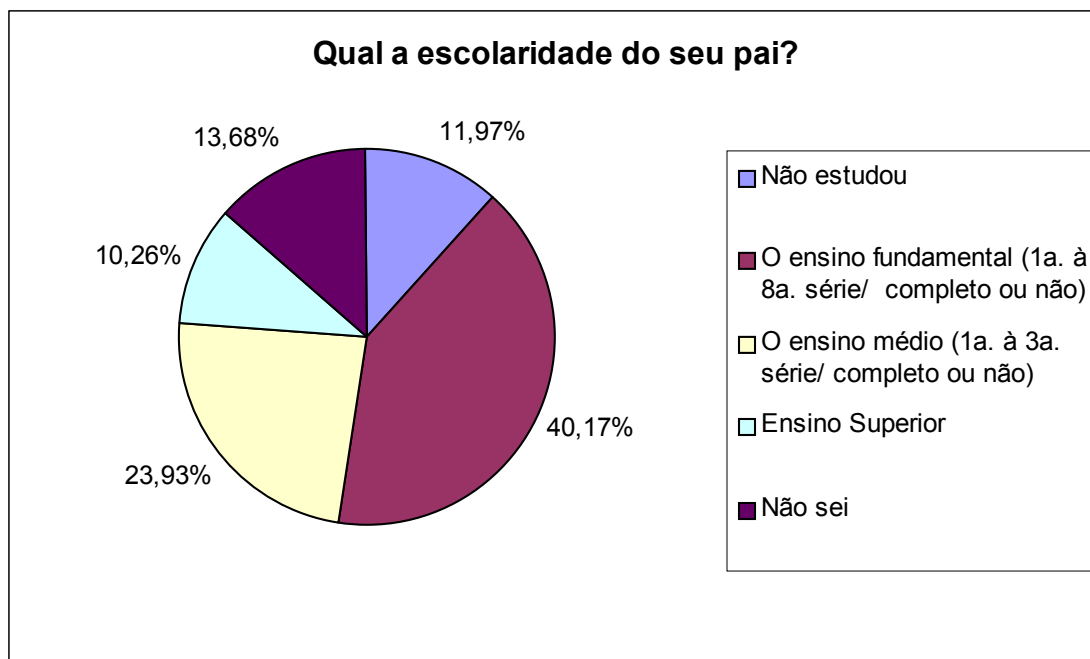


GRÁFICO 5: ESCOLARIDADE DO PAI.

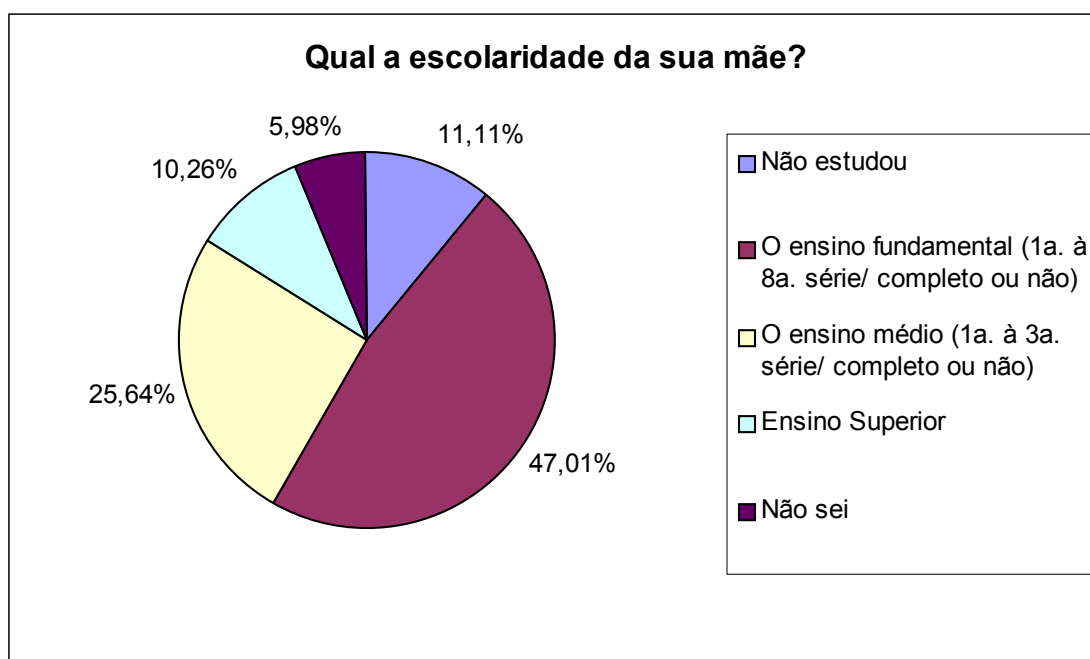


GRÁFICO 6: ESCOLARIDADE DA MÃE.

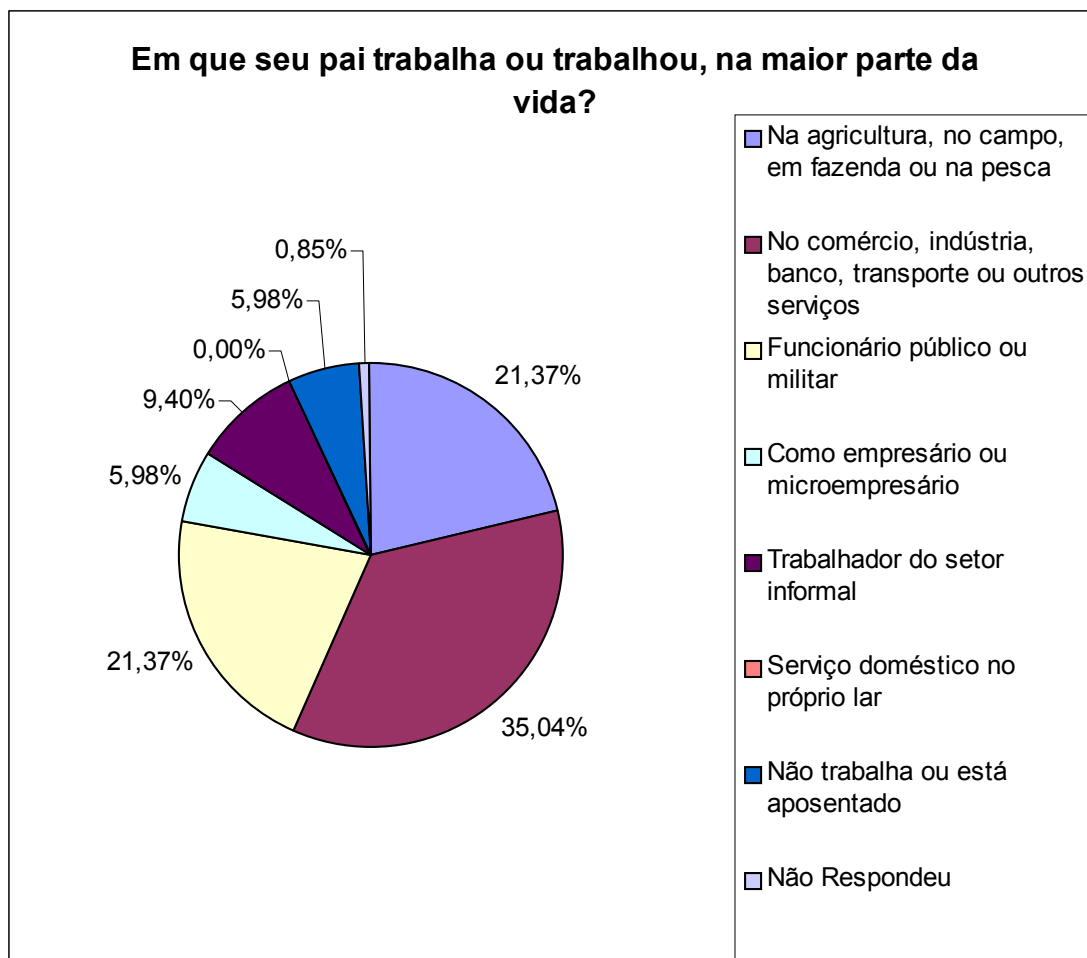


GRÁFICO 7: ATIVIDADE DO PAI.

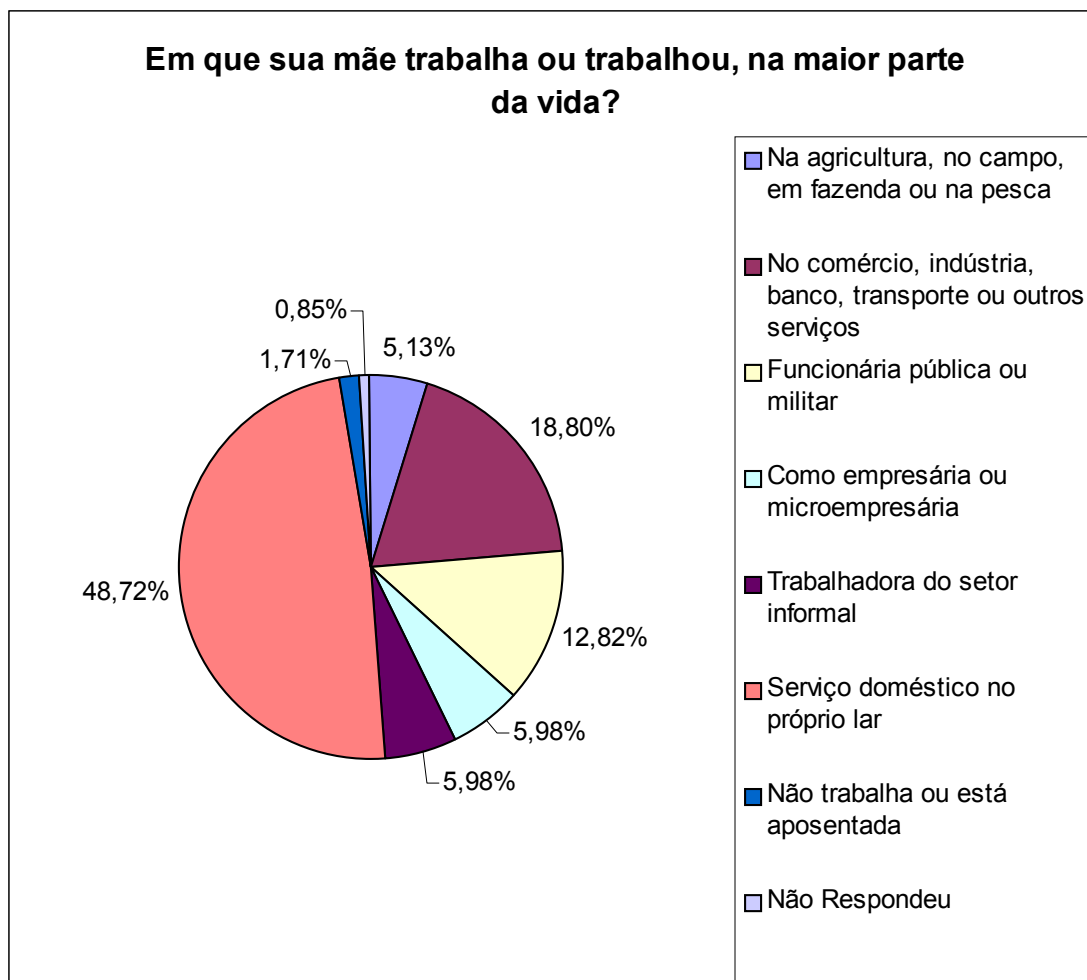


GRÁFICO 8: ATIVIDADE DA MÃE.

Quanto à escolaridade referente ao pai do aluno, fica assim representada; 11,97% não estudaram, 40,17%, a maior parte, estudou no ensino fundamental, podendo não tê-lo completado, 23,93% estudaram no ensino médio, podendo também não tê-lo completado, 10,26% cursaram o ensino superior e 13,68% desconhecem a escolaridade de seus pais.

Ao analisar os dados quanto a escolaridade das mães dos alunos, nota-se que não há grandes distorções da escolaridade do pai, ou seja, 11,11% não estudaram, 47,01%, que representa a maior parcela, estudou no ensino fundamental, podendo não tê-lo completado, 25,64% estudaram no ensino

médio, podendo não tê-lo concluído, 10,26% cursaram o ensino superior e 5,98% dos alunos desconhecem a escolaridade das suas mães.

Com respeito a atividade desenvolvida pelos pais dos alunos, a maior parte é empregado, representado por 34,19%, nota-se que apenas 8,55% dos pais são empresários ou microempresários, trabalhadores do comércio, indústria, banco, transporte ou outros serviços totalizam 35,04% dos casos, quando questionada a atividade desenvolvida.

Quase a metade, 48,72%, das mães dos alunos tem como atividade o serviço doméstico no próprio lar equilibrando com as mães empregadas formalmente que representam 39,32%, atentando-se ao fato de que apenas 5,98% das mães são empresárias ou microempresárias.

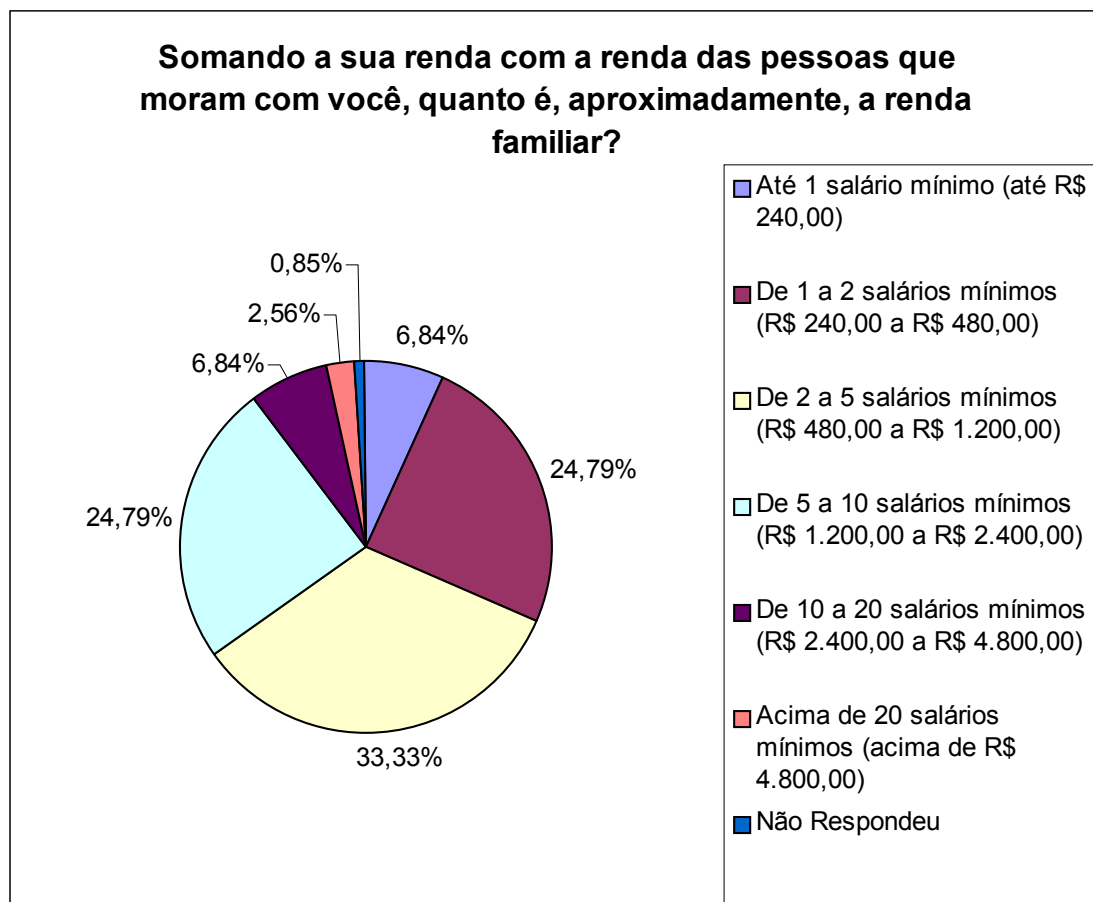


GRÁFICO 9: RENDA FAMILIAR

Finalizando a descrição social-econômica do aluno, descreve-se a renda familiar que, para 6,84% dos casos, é de até um salário mínimo, para 24,79% dos casos a renda é de um a dois salários mínimos, para a maior parcela dos casos, ou seja, 33,33%, a renda é de dois a cinco salários mínimos, também com 24,79% dos casos é representada a parcela que tem renda entre cinco a dez salários mínimos, 6,84% dos casos totalizam de dez a vinte salários mínimos e somente 2,56% totalizam uma renda familiar acima de vinte salários mínimos.

4.5.2 Análise do histórico escolar e as aspirações profissionais dos alunos

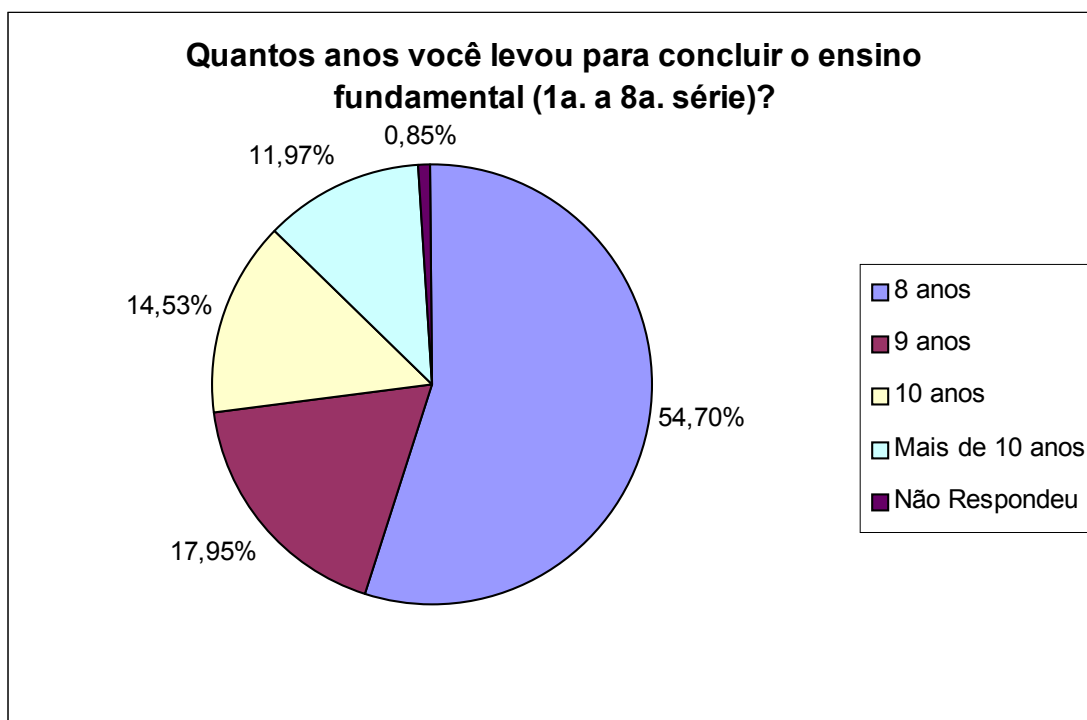


GRÁFICO 10: ANOS INVESTIDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL.

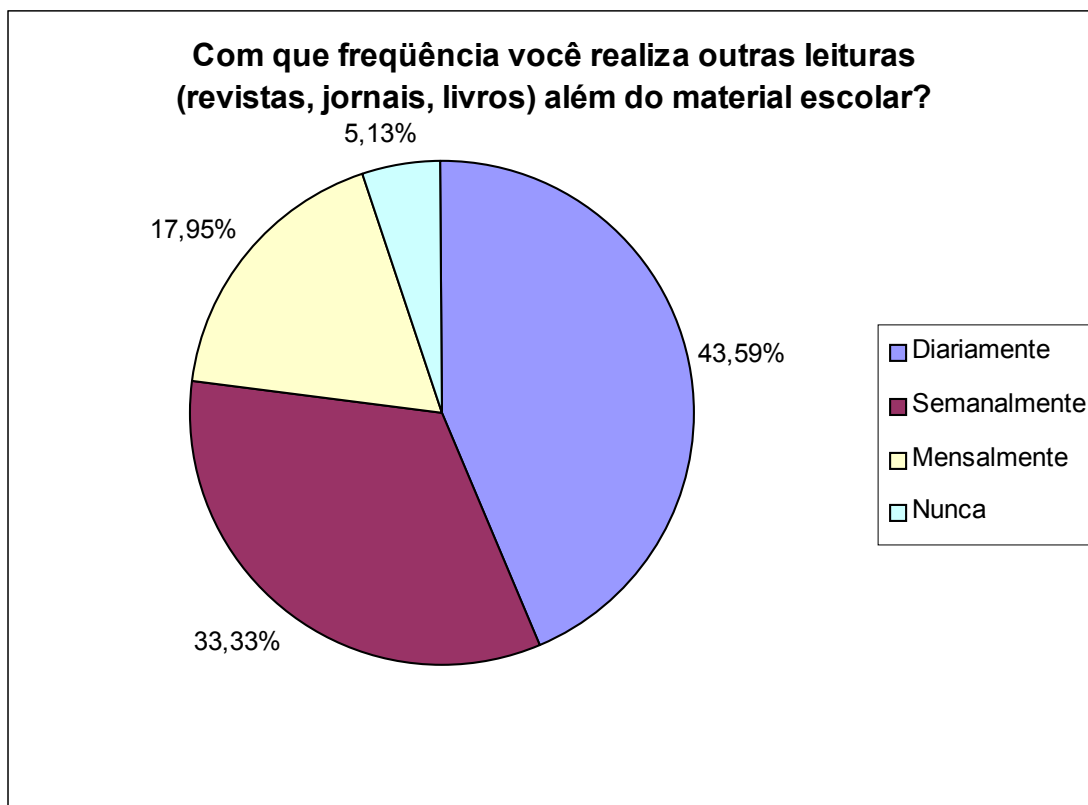


GRÁFICO 11: FREQUÊNCIA DE LEITURAS.

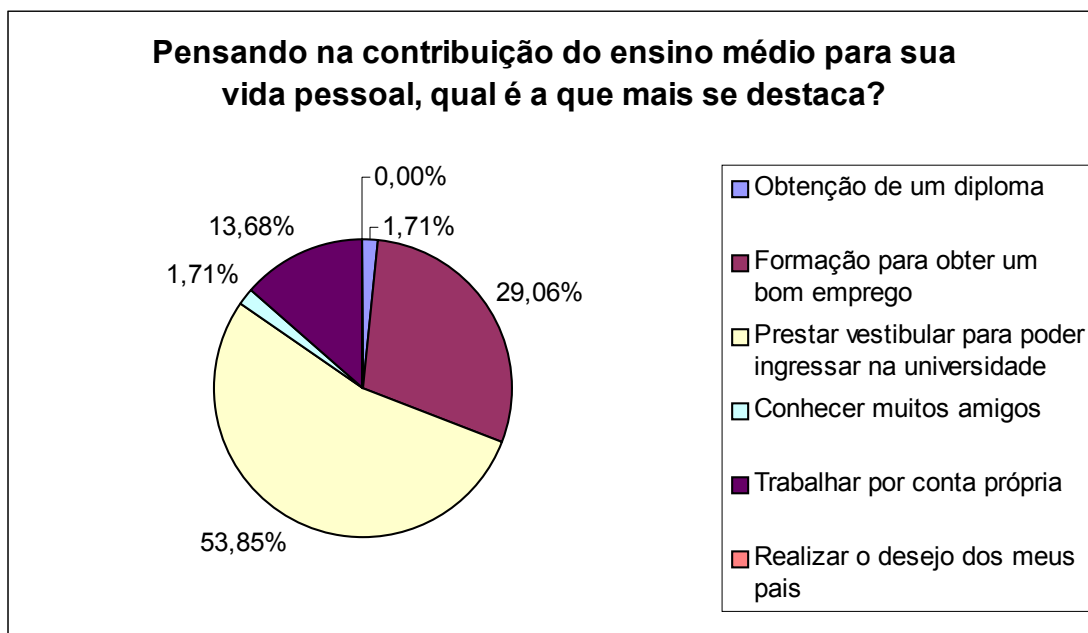


GRÁFICO 12: CONTRIBUIÇÃO DO ENSINO MÉDIO

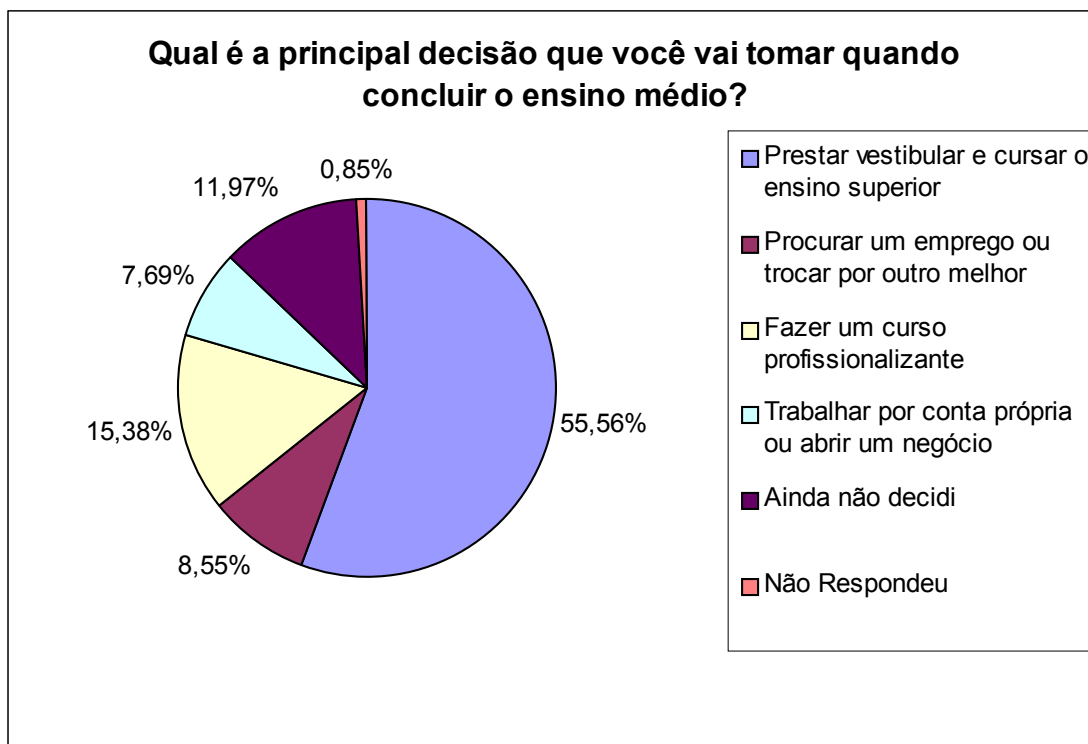


GRÁFICO 13: DECISÃO APÓS A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO.

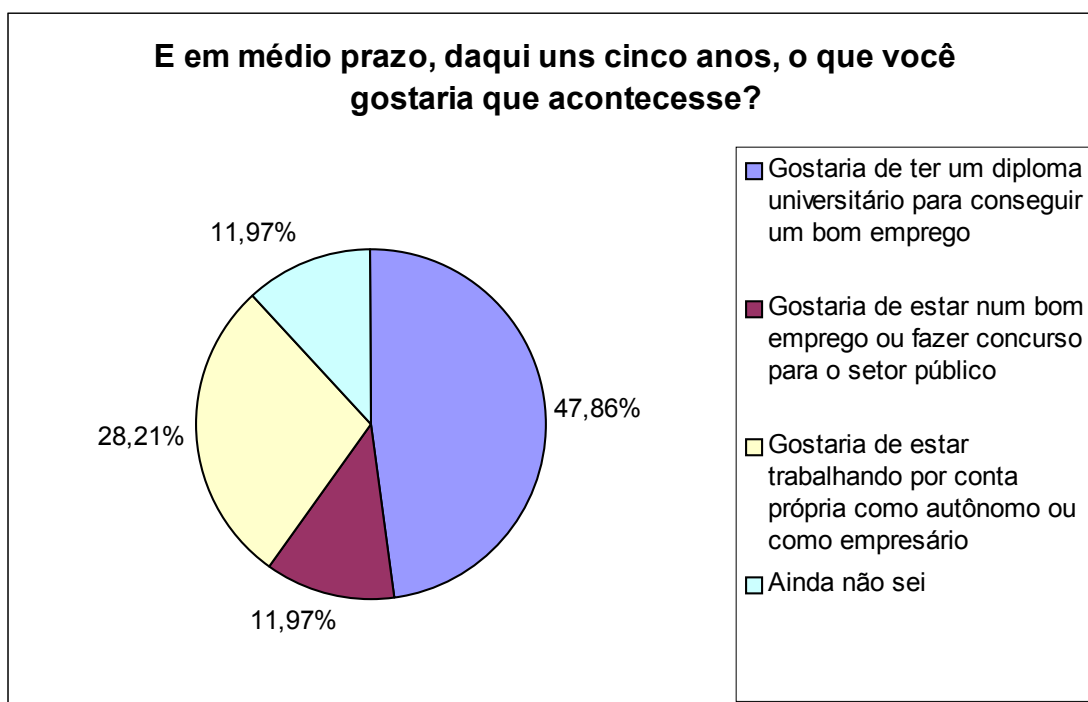


GRÁFICO 14: INTENÇÕES FUTURAS PARA CINCO ANOS.

Dos alunos entrevistados, um pouco mais da metade, 54,70% dos

casos, cursaram o ensino fundamental em tempo regular, equivalente a oito anos; já 17,95% dos casos atrasaram por um ano; 14,53% dos casos atrasaram por dois anos e 11,97% dos entrevistados atrasaram o curso do ensino fundamental por mais de dois anos. Analisando as intenções futuras de conclusão do ensino médio, fica notório o otimismo, já que, 93,16% dos entrevistados pretendem concluir o ensino médio no tempo regulamentar, ou seja, três anos e apenas 1,71% acreditam que levarão mais de cinco anos para a conclusão.

Como mensuração dos hábitos facilitadores no sucesso escolar, foi questionado sobre a frequência de leituras além do material didático e apenas 43,59% lêem diariamente outras fontes, 33,33% buscam outras fontes de leitura somente uma vez na semana, 17,95% lêem uma só vez no mês e 5,13% afirmam que nunca lêem outras fontes além do material didático.

Com respeito ao interesse do estudo do ensino médio para sua vida pessoal, mais da metade dos entrevistados, ou seja, 53,85%, afirmam que desejam cursá-lo para poderem ingressar no ensino superior, outra parte expressiva, 29,06%, pretendem cursá-lo para obterem um bom emprego e 13,68% dos alunos cursam o ensino médio pensando em trabalhar por conta própria. Fazendo a pergunta sobre o mesmo assunto de uma forma mais incisiva, os números não mudam muito e 55,56% dos entrevistados afirmam que a principal decisão ao terminarem o ensino médio será prestar o vestibular para cursarem o ensino superior.

Falando de um futuro de médio prazo, cinco anos, as intenções já

sofrem algumas alterações, ou seja, 47,86% dos alunos entrevistados gostariam de estarem com o diploma universitário para poderem pleitear um bom emprego e 28,21% almejam o trabalho por conta própria como autônomo ou empresário, os que desejam somente um bom emprego no setor privado ou público, totalizam 11,97%.

Quanto as intenções futuras acima descritas o fator que mais influenciou os alunos foi a perspectiva financeira, em 39,32% dos casos, em segundo lugar o fator mais influente foi a orientação dos pais, em 23,08% dos casos, 17,95% dos entrevistados se dizem influenciados pelo atual trabalho e somente 7,69% afirmam que foram influenciados pela escola nas intenções futuras de estudo.

4.5.3 Análise do interesse do aluno no estudo do empreendedorismo

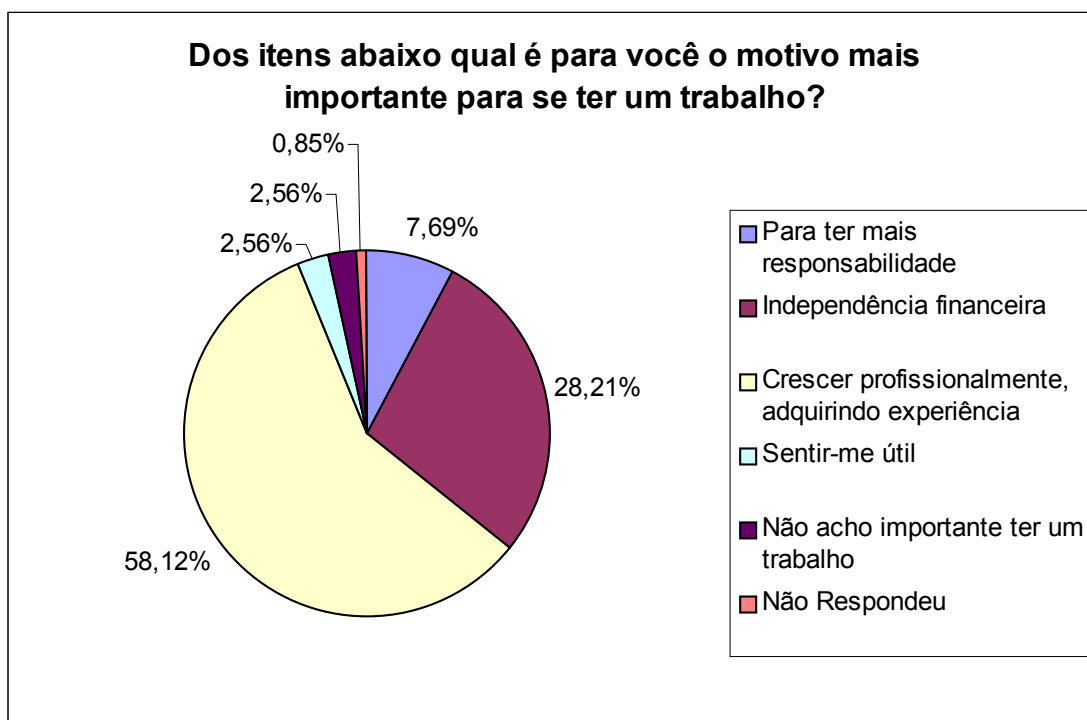


GRÁFICO 15: MOTIVAÇÃO PARA TER UM TRABALHO.

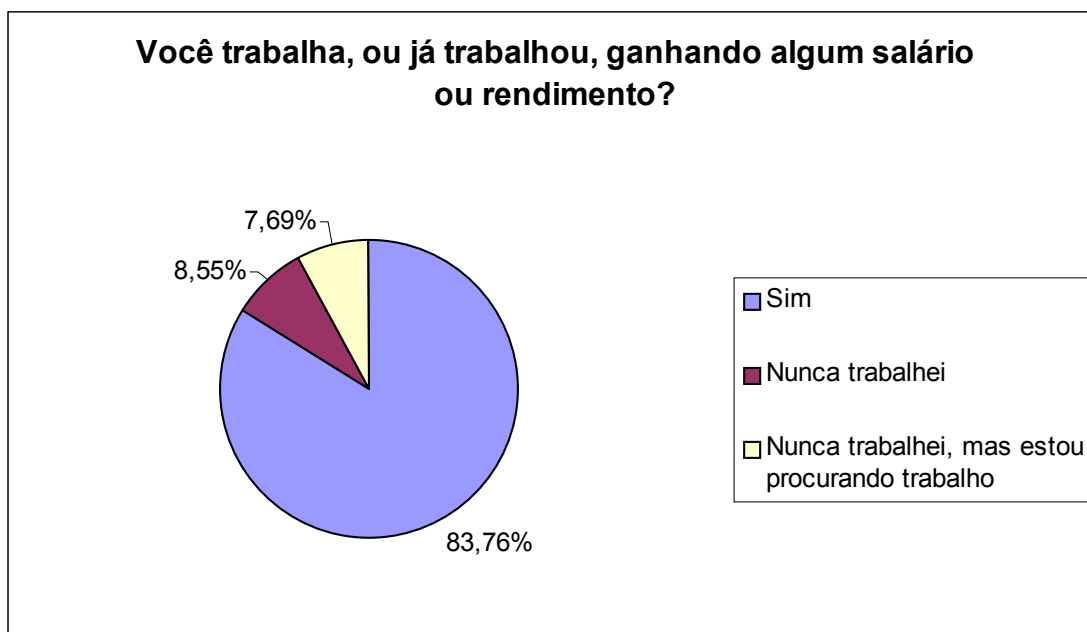


GRÁFICO 16: TRABALHO.

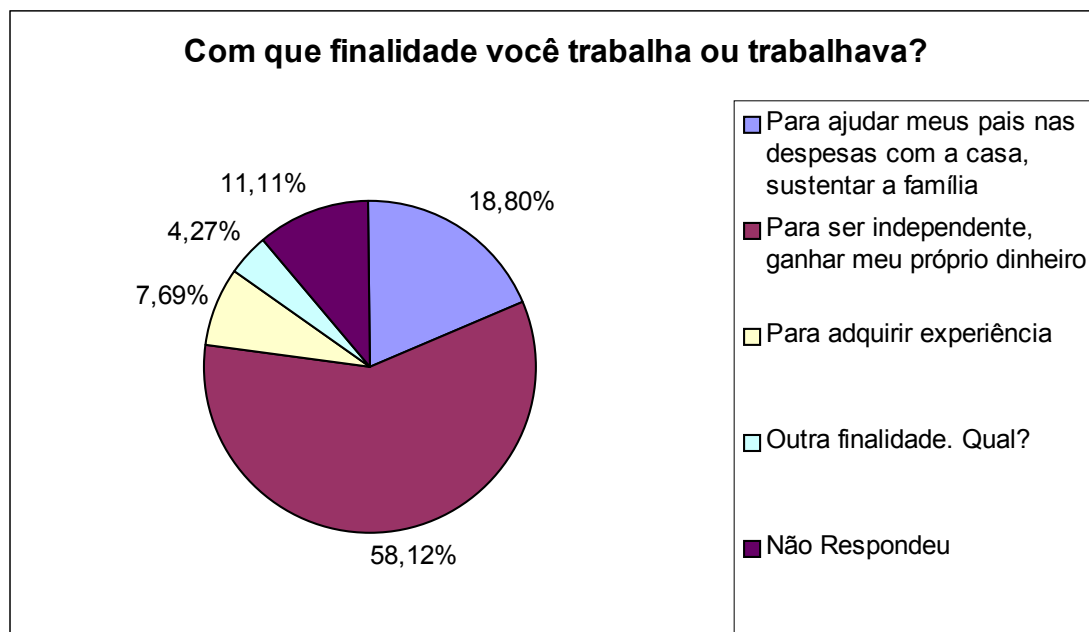


GRÁFICO 17: FINALIDADE DO TRABALHO.

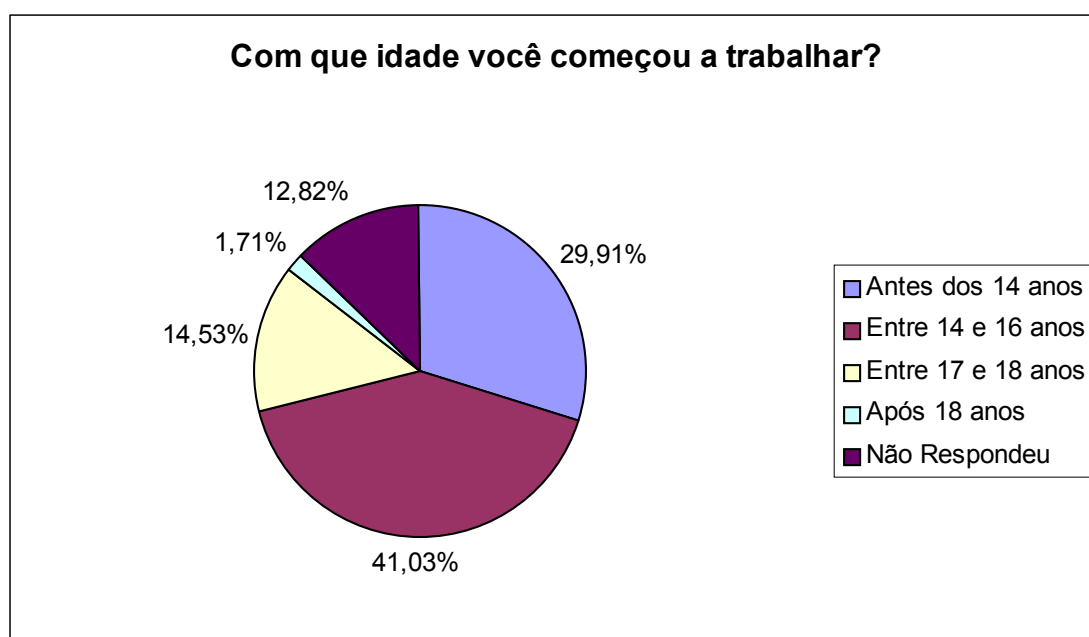


GRÁFICO 18: INICIAÇÃO NO TRABALHO.

Ao serem abordados sobre o fator que mais atribui importância ao exercerem um trabalho, a maior parte dos alunos entrevistados, 58,12%, afirma que é o crescimento profissional e a aquisição de experiência, a parcela correspondente a 28,21% atribui a importância do trabalho a independência

financeira.

Com a finalidade de validar os resultados da pesquisa procurou-se identificar o número de alunos que atualmente trabalha ou já trabalhou assalariado e constatou-se que 83,76% fazem parte desse grupo e apenas 16,24% nunca trabalharam, sendo que, deste percentual, 7,69% estão procurando por um emprego.

O motivo que os fez trabalhar foi a busca da independência com o rendimento próprio em 58,12% dos casos e para ajudar os pais no orçamento familiar totaliza 18,8% dos casos. Quanto a idade do entrevistado ao ingressarem no mercado de trabalho, 41,03% começaram entre 14 e 16 anos, 29,91% começaram antes dos 14 anos, 14,53% começaram entre 17 e 18 anos e apenas 1,71% começaram após os 18 anos.

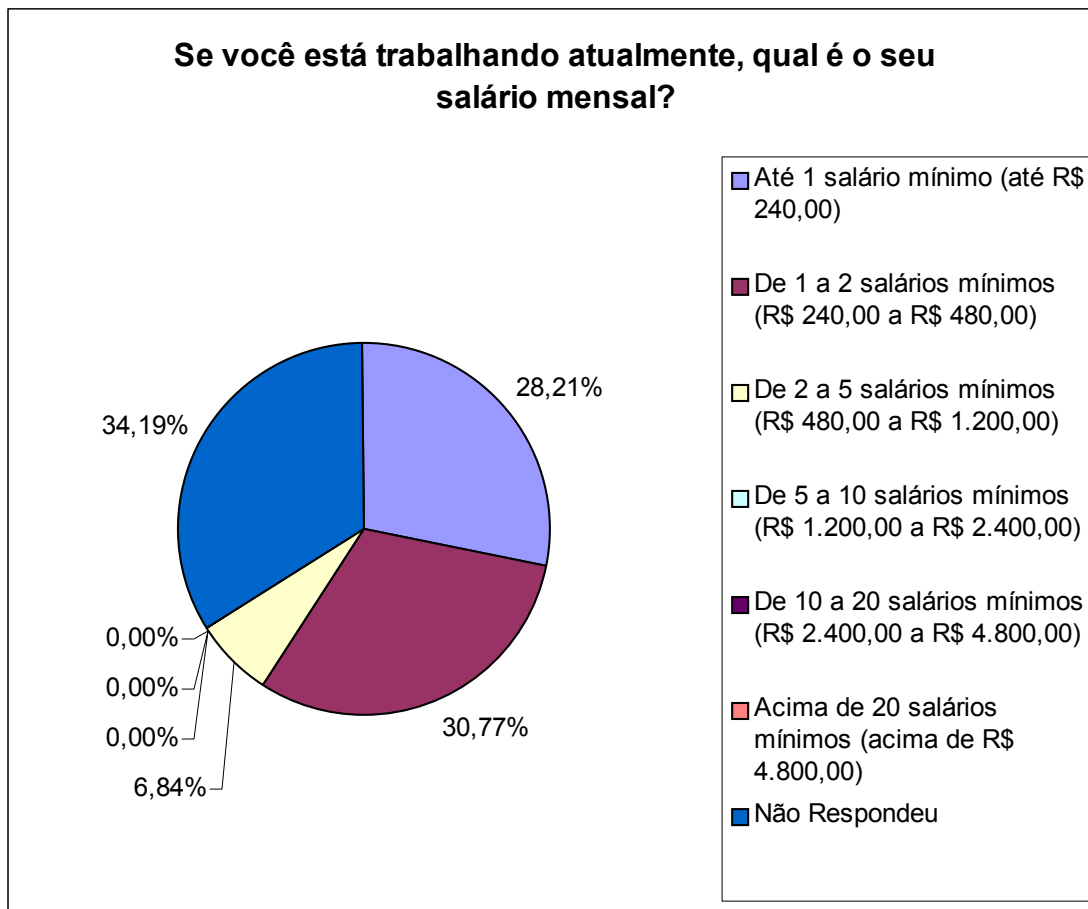


GRÁFICO 19: RENDA INDIVIDUAL.

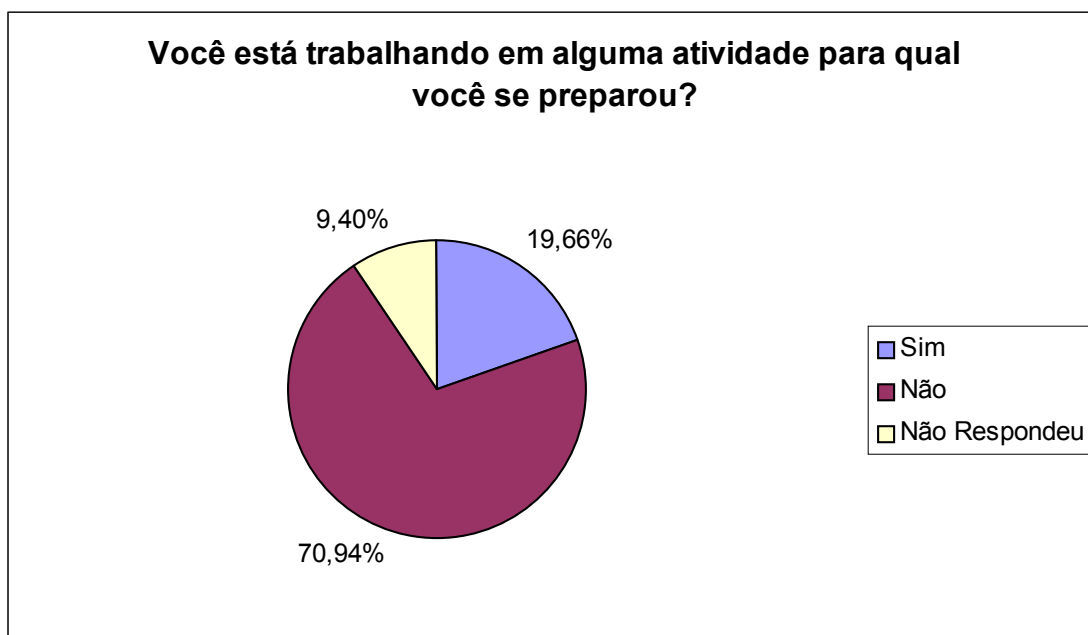


GRÁFICO 20: CAPACITAÇÃO PARA O TRABALHO.

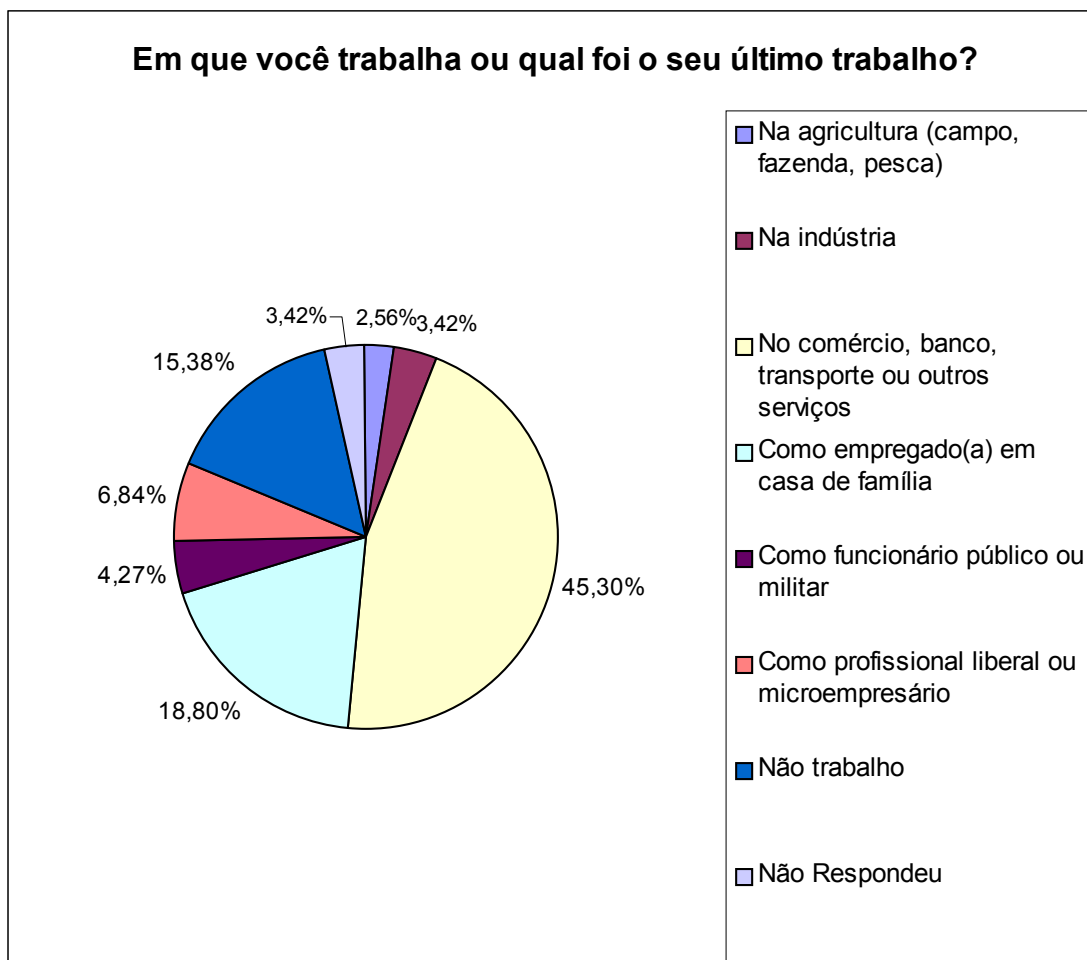


GRÁFICO 21: ATIVIDADE PROFISSIONAL.

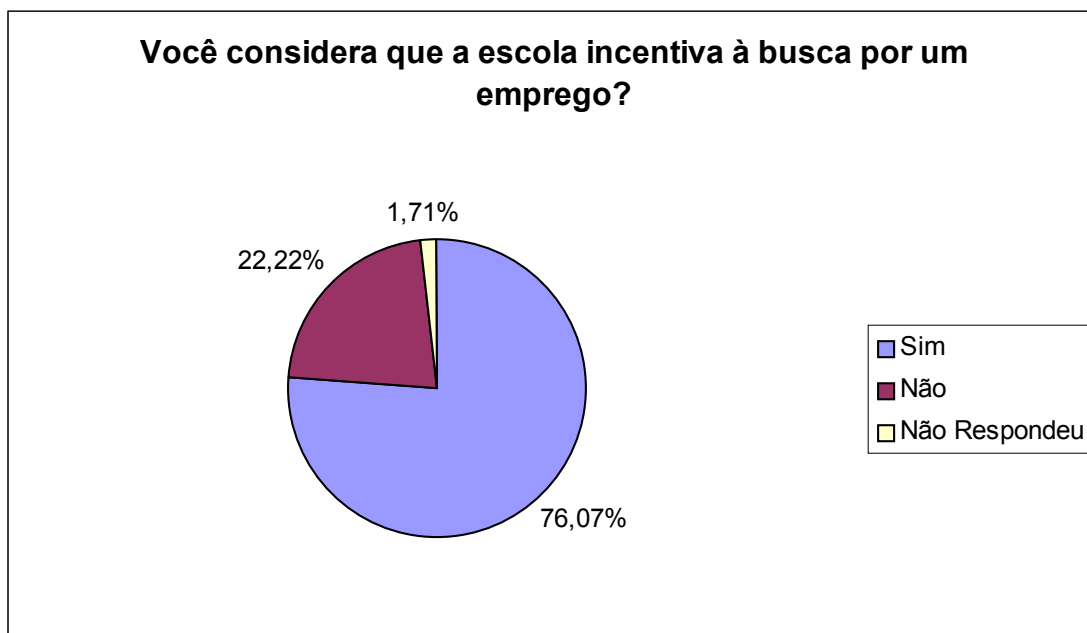


GRÁFICO 22: INICIATIVA DA ESCOLA EM FORMAR EMPREGADOS

A renda atual, dos alunos que trabalham, está dividida em três patamares, onde, 28,21% recebem até um salário mínimo, 30,77% recebem de um a dois salários mínimos e 6,84% dos entrevistados recebem de dois a cinco salários mínimos, sendo que 34,19% não responderam esta questão.

Quanto ao preparo para desenvolver suas atividades no trabalho, a maioria, representada por 70,94% dos casos, afirma que não teve nenhuma instrução para a atividade desenvolvida que em 45,30% dos casos é no comércio, banco, transporte ou outros serviços, 18,8% trabalham como empregados em casa de família e 15,38% trabalham como profissionais liberais ou microempresários.

Ao serem questionados sobre o incentivo da escola na busca de um emprego, 76,07% dos entrevistados afirmam que sim, a escola incentiva a

busca por um emprego, e 22,22% entendem que não.

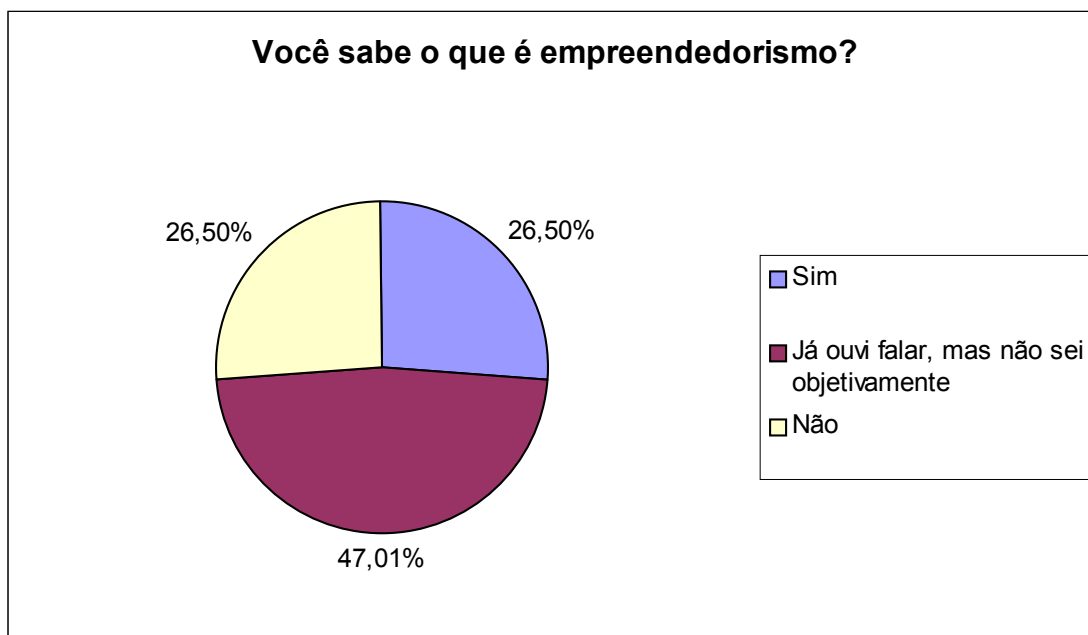


GRÁFICO 23: ENTENDIMENTO DO TERMO EMPREENDEDORISMO.

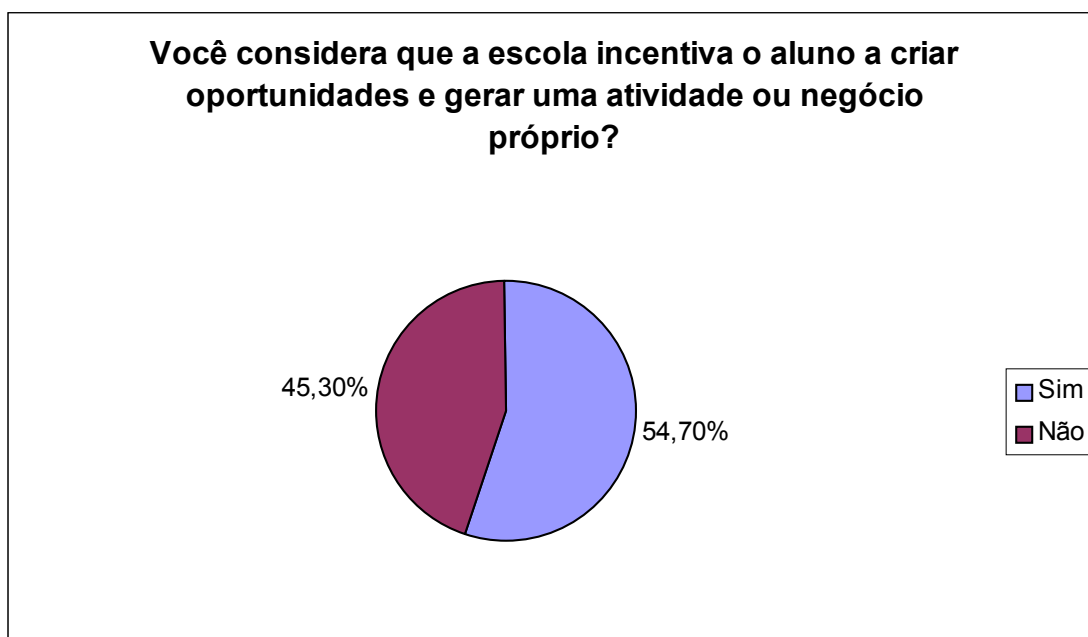


GRÁFICO 24: INICIATIVA DA ESCOLA EM FORMAR EMPREENDEDORES.

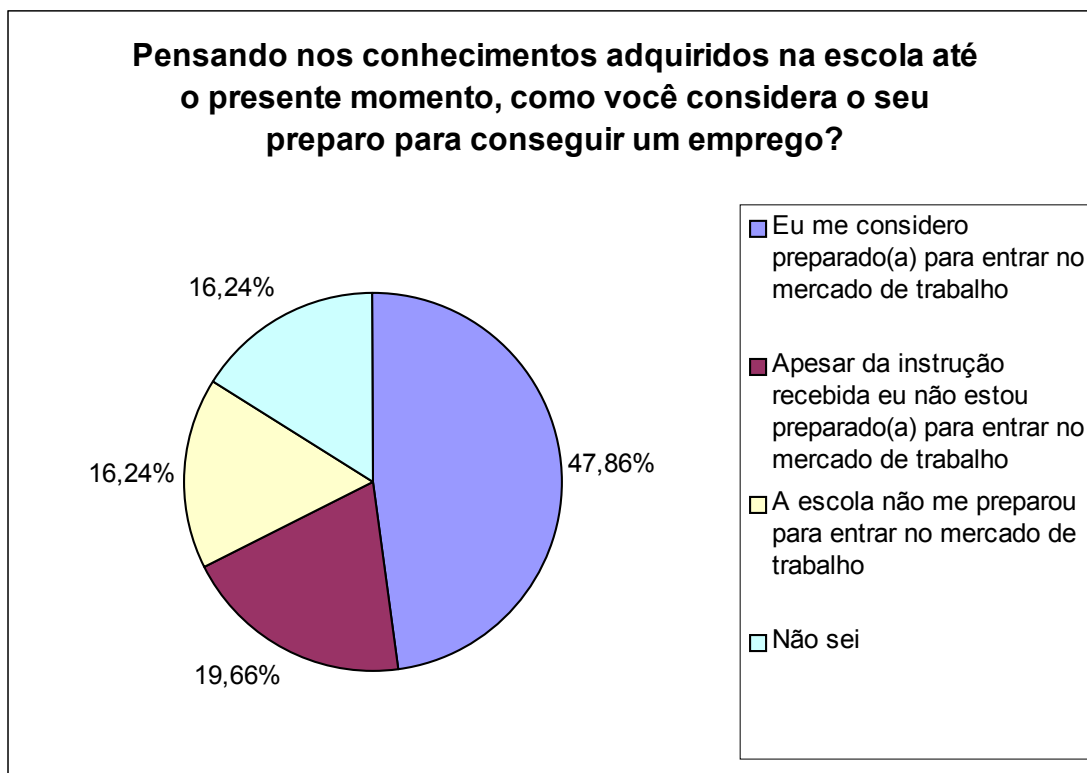


GRÁFICO 25: PREPARO PARA UM EMPREGO.

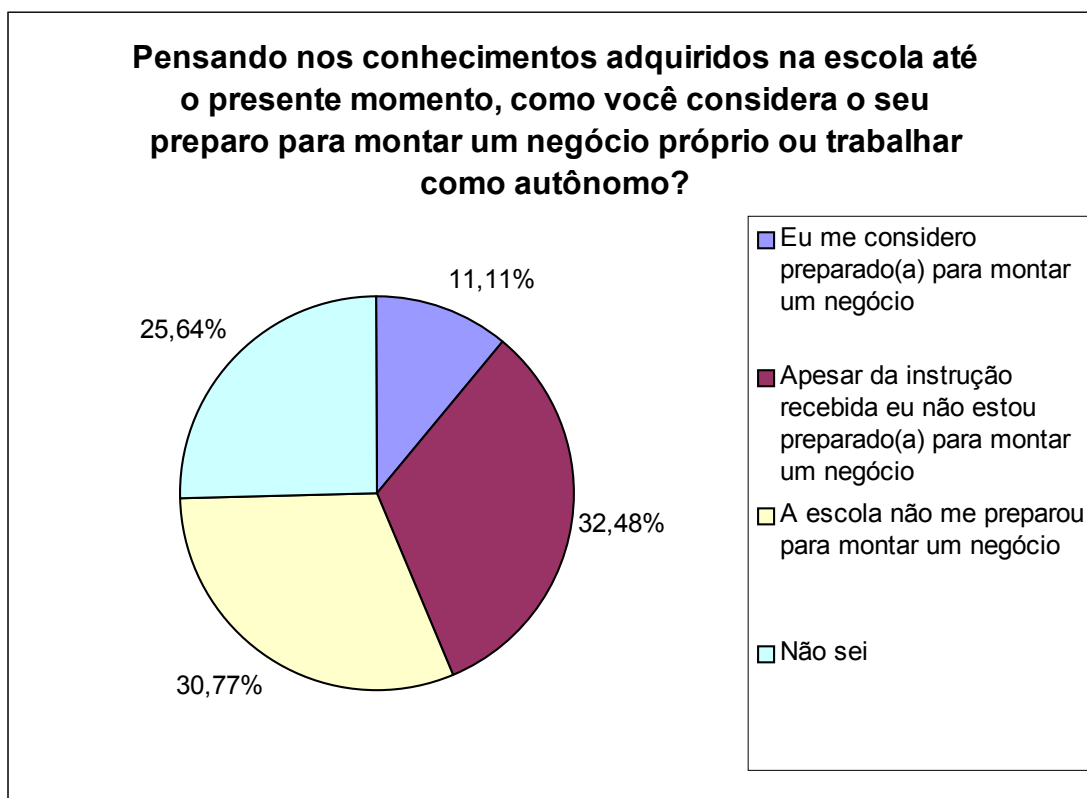


GRÁFICO 26: PREPARO PARA O EMPREENDEDORISMO.

No tocante ao conhecimento da expressão empreendedorismo, o índice de alunos que afirmam saber do que se trata é igual ao índice dos alunos que desconhecem a expressão, ou seja, 26,50% e outros 47,01% responderam que já ouviram falar da expressão mas não sabem objetivamente o significado, deixando claro que a maior parcela desconhece objetivamente o significado do termo empreendedorismo.

Ao serem questionados sobre o incentivo da escola aos alunos em criarem novas oportunidades e gerarem negócios, 54,7% dos entrevistados responderam que sim e 45,3% dizem que não, que a escola não tem propiciado esse incentivo. Ainda sobre a preparação do aluno para o mercado de trabalho, capacitado pela escola, 47,86% dos entrevistados se dizem preparados para entrar no mercado de trabalho, 19,66% afirmam que receberam instrução, porém não estão preparados para o trabalho, já 16,24% responderam que não foram preparados para entrarem no mercado de trabalho.

Ao serem questionados sobre os conhecimentos adquiridos na escola, necessários para a abertura de um negócio ou para desenvolver atividades autônomas, 11,11% dos alunos responderam que estão aptos para desenvolver tais atividades, 32,48% disseram que receberam instrução para tal, mas não estão preparados para montar um negócio, já 30,77% afirmam que a escola não os preparou para atividades empreendedoras.

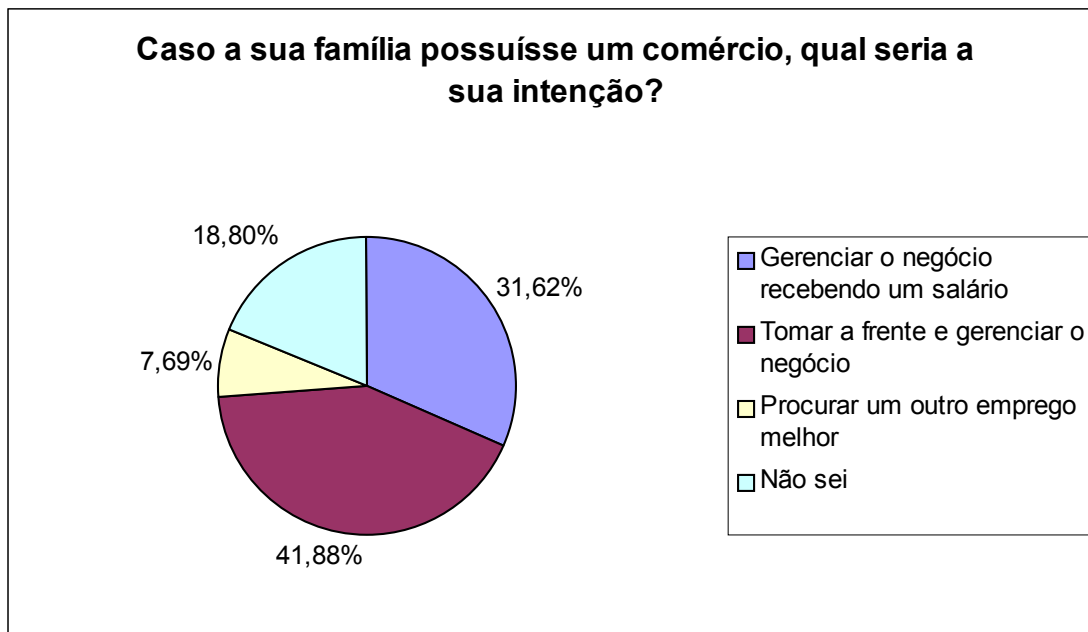


GRÁFICO 27: INTENÇÕES QUANTO A UMA ATIVIDADE EMPREENDEDORA.

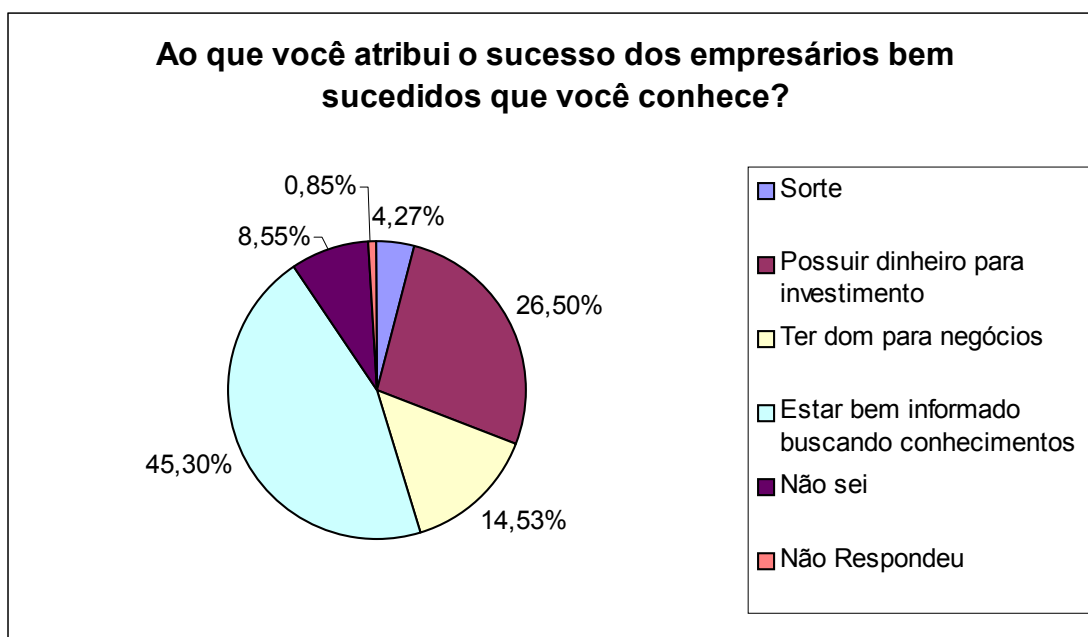


GRÁFICO 28: PERCEPÇÃO DO MOTIVO DO SUCESSO EMPREENDEDOR.

Na tentativa de explorar um pouco as intenções empreendedoras dos alunos, foi questionado sobre a possibilidade de administrar um comércio que a família dispusesse e 31,62% dos entrevistados se contentariam em gerenciar o negócio em troca de um salário, 41,88% tomariam a frente dos

negócios como empreendedores e 7,69% prefeririam procurar por um emprego melhor, chama a atenção o índice de alunos indecisos com tal situação que chegou a 18,80% dos casos.

Como tentativa de avaliar o conhecimento das características empreendedoras na visão dos alunos, questionou-se, ao que se atribui o sucesso de algum empreendedor bem sucedido de seu convívio e 4,27% acham que foi devido a sorte, 26,50% acham que foi devido a disposição de dinheiro para investimento, 14,53% atribuem o sucesso ao dom, qualidade natural da pessoa em saber administrar bem o empreendimento, já maior parte, representada por 45,30% dos entrevistados, atribuem a boa informação e contínua busca de conhecimentos e 8,55% desconhecem a razão do sucesso.

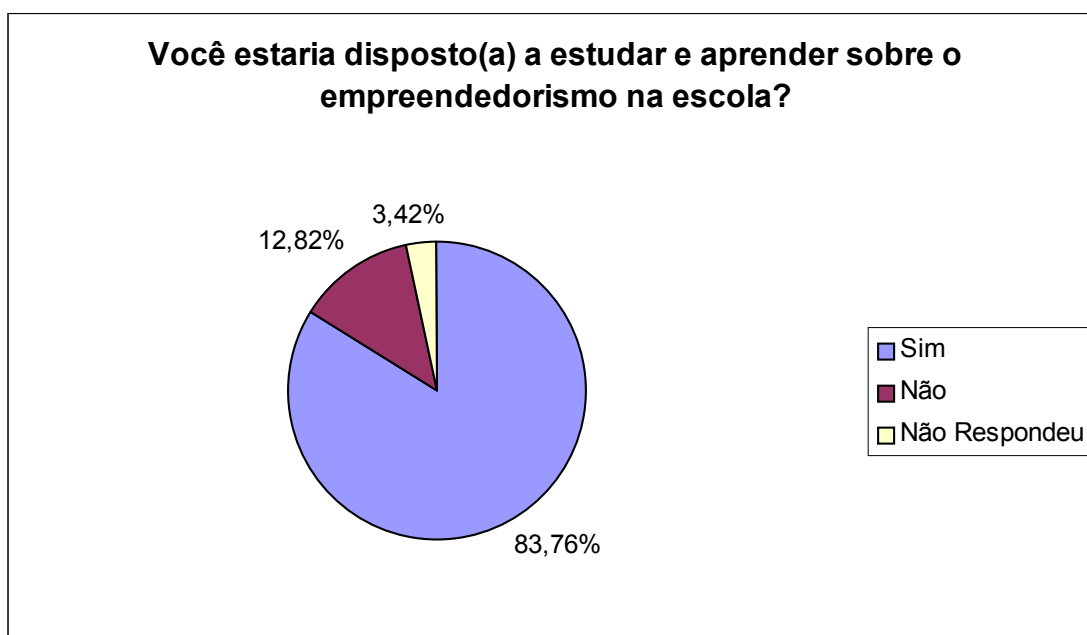


GRÁFICO 29: MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO DO EMPREENDEDORISMO.

Encerrando o questionário, foi perguntado objetivamente se o aluno está disposto a estudar e aprender sobre o empreendedorismo, ou seja,

ter a disciplina sobre o tema e 83,76% dos entrevistados afirmaram que sim, gostariam de investirem no aprendizado e 12,82% disseram que não estão dispostas a buscar tal conhecimento.

4.6 Conclusão Acerca dos Dados Obtidos

Quanto ao perfil dos alunos do ensino médio do Colégio Estadual Henrique Veras, verificou-se que são jovens com a média de vinte anos de idade, a maioria não tem vida independente e vivem com os pais em famílias compostas por quatro ou cinco membros. A soma da renda familiar totaliza de dois a cinco salários mínimos. Os pais dos jovens alunos, em sua maioria, trabalham na condição de empregados e não tiveram muito tempo de ensino, constatando-se uma baixa escolaridade.

A análise realizada permite afirmar, no que diz respeito às aspirações profissionais, que metade dos alunos não conseguiu realizar o ensino básico no tempo regulamentar e que lêem muito pouco, trabalham por um baixo salário e que não foram capacitados para a atividade que atuam, apesar de que associam tal trabalho ao crescimento profissional, ou seja, estão na contra-mão da lógica do sucesso, agravada pela expectativa de ingressarem na universidade para ocuparem um bom emprego que os favoreça financeiramente.

O empreendedorismo não tem sido motivo de debate na escola pesquisada e, nesse caso específico, verificou-se que alguns alunos não sabem com certeza nem do que se trata. O contexto está propício para investir

na disseminação do empreendedorismo, ou seja, os alunos sabem que o sucesso profissional está atrelado ao conhecimento, são esforçados, pois começaram a trabalhar antes dos seus quinze anos de idade na busca de independência e sucesso financeiro, e o que é mais importante, afirmam que estão dispostos a assimilar tal conhecimento através de uma disciplina específica.

5 CONCLUSÕES E SUGESTÕES

5.1 Conclusões

O presente trabalho atingiu o objetivo a que se propôs, verificou o grau de interesse dos alunos do ensino médio da rede pública em aceitar o aprendizado do empreendedorismo como fator facilitador do sucesso profissional e nesse sentido ampliou o estudo da área, chegando as seguintes conclusões:

A pequena empresa gera e pulveriza riquezas, faz parte do crescimento econômico do nosso país. Existem, no Brasil, iniciativas de disseminação da cultura empreendedora, pregadas, principalmente, por parte das instituições de ensino, sabedoras das profundas mudanças que as relações de trabalho estão passando e verificando que o trabalho na sua forma tradicional torna-se cada vez mais escasso.

Os empreendedores são pessoas proativas, em constante estado de aperfeiçoamento, que buscam conhecer suas características para potencializá-las e trabalhar arduamente para desenvolver aquelas de que necessitam no intuito de atingir os seus objetivos, sempre muito claros.

A metodologia ideal para disseminar o empreendedorismo deve abranger várias iniciativas que impulsionem os alunos a participar e se envolver com o assunto, participando efetivamente de todas as atividades oferecidas e ter ciência da importância do papel do facilitador na condução do processo de

aprendizagem. Neste momento de mudanças históricas, é essencial manter o foco, dar ênfase ao trabalho em equipe, aceitar a aprendizagem contínua e busca incessante por novas maneiras de pensar e trabalhar.

O aluno do ensino médio do Colégio Estadual Henrique Veras deseja estudar o empreendedorismo como fator facilitador do sucesso profissional, ele é batalhador, pois trabalha desde muito cedo por um baixo salário com a finalidade de alcançar a independência financeira e auxiliar a família que tem um rendimento modesto, em virtude da baixa escolaridade.

O jovem aluno está ciente de que o sucesso profissional convive com as pessoas que detêm a informação e buscam o conhecimento continuamente e essa é a condição favorável para o aprendizado do empreendedorismo, apesar de que não tem feito a sua parte, ou seja, lê muito pouco e vislumbra o sucesso ao ingressar na universidade.

5.2 Sugestões

O presente trabalho abre espaço para várias iniciativas, mas é conclusivo na necessidade da realização de pesquisas sobre métodos e técnicas de ensino do empreendedorismo que atendam aos anseios do aluno da rede pública escolar.

Um objeto para trabalho futuro poderá ser a aplicação desta pesquisa em um universo maior de unidades escolares da rede pública catarinense, contrastando as diferenças regionais e outras peculiaridades, gerando então,

uma base de dados maior que permitisse resultados fidedignos ao fazer o cruzamento das informações.

Tendo em vista que nem todos os dirigentes das instituições escolares, nos mais variados níveis, estão cientes da importância da disseminação do empreendedorismo recomenda-se a realização de programas de atualização no sentido de sensibilizar tais administradores sobre o assunto.

Fica aqui registrada a necessidade de trabalhos na área do empreendedorismo que visem a criação de um movimento nacional de inclusão de tal disciplina no currículo obrigatório do ensino médio.

Aos estudiosos da área comportamental, recomenda-se aprofundamento nas pesquisas sobre o desenvolvimento de técnicas de assimilação do comportamento empreendedor pelo aluno e também um estudo focado na parcela dos estudantes que não se dispõem a estudar o empreendedorismo na tentativa de descobrir o motivo da aversão ao tema.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETTO, Luiz Pondé. **Educação para o empreendedorismo.**

Universidade Católica de Salvador, set.1998.

BASTOS, João Augusto de Souza Leão de Almeida. **O ensino médio tecnológico.** Coletânea Educação e Tecnologia, Dezembro de 1998.

BISCARO, A W. **Métodos e técnicas em T&D. Manual de treinamento e desenvolvimento.** São Paulo: Makron Books, 1994.

BOOG, Gustavo G. **Manual de treinamento e Desenvolvimento: Um Guia de Operações.** São Paulo: Makron Books, 2001.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n.º. 9394/96 de 20/12/96.

BRASIL. Resolução da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação n.º. 03/98 de 26/06/98.

DAVID, Denise Elizabeth Hey. **Formação de docentes para o ensino de empreendedorismo: estudo de caso do CEFET.** In:II Encontro Nacional de Empreendedorismo. Florianópolis, 2000.

DE MORI, Flávio. **Empreender: identificando, avaliando e planejando um negócio.** Florianópolis: Escola de Novos Empreendedores, 1998.

DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor: fundamentos da iniciativa empresarial**. São Paulo: McGrawHill, 1989.

Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa Mirador Internacional, 2º edição, 1976.

Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Antonio Geraldo da Cunha. 2º. Edição. Rio de Janeiro, 1982.

Dicionário Inglês-Português. Hygino Aliandro, 2ª . edição, 1983.

DOLABELA, Fernando. **O Segredo de Luísa**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor A metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza**. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DRUCKER, Peter F. **Administrando em tempos de Grandes Mudanças**. 4ª. Edição. São Paulo: Editora Pioneira, 1997.

DRUCKER, Peter F. **Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship), prática e princípios**. São Paulo: Pioneira, 1987.

FALCÃO, Géron Marinho. **Psicologia da aprendizagem**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

FILION, Louis Jacques. **O Empreendedorismo como tema de Estudos Superiores**. Escola de Altos Estudos Comerciais de Montreal, 1999.

FILION, Louis Jacques. **Visão e relações: elementos para um metamodelo da atividade empreendedora**. International Small Business Journal, 1991.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

GAGNÉ, R.M. **Como se realiza a aprendizagem**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1974.

GARDNER, H. **Mentes que criam**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GERBER, Michael E. **O mito do empreendedor. Como fazer de seu empreendimento um negócio bem sucedido**. 2º edição. São Paulo: Editora Saraiva, 1990.

GONÇALVES, Ana Maria, PERPÉTUO, Susan Chiode. **Dinâmicas de grupos na formação de lideranças**. 4º edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

GRAMIGNA, Maria Rita Miranda. **Jogos de empresa**. São Paulo: Makron Books, 1993.

GUILHON, P. T.; ROCHA, R.A. **Intrapreneur: multiplicador de novos negócios**. Alcance. Administração- Itajaí. Ano VI n.º. 1, 1999.

KAUFMANN, Luiz. **Passaporte para o ano 2000. Como desenvolver e explorar a capacidade empreendedora para crescer com sucesso até o ano 2000.** São Paulo: Editora McGraw-Hill, 1990.

KUHNEN, Ariane. **Lagoa da Conceição – Meio ambiente e modos de vida em transformação.** Florianópolis: Editora Cidade Futura, 2003.

LANDIN, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. **Educação à distância: algumas considerações.** Rio de Janeiro: 1997.

MASLOW, A. **Motivação e Personalidade.** New York: Harper & Row, 1954.

MAYER, Rosana. **Proposta Metodológica de Empreendedorismo no Ensino Médio: Uma Aplicação no CEFET-PR.** 2001.

McCLELLAND, D. **Characteristics of successful entrepreneurs.** The Journal of Creative Behavior, 1987.

MELLO, Álvaro. **Perfil do empreendedor brasileiro – um estudo de caso do programa de desenvolvimento de empreendedores.** EMPRETEC/SEBRAE.

MINARELLI, José Augusto. **Empregabilidade: Como Ter trabalho e remuneração sempre.** Editora Gente, 1995.

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de ensinar e de aprender-transformar as aulas em pesquisas e comunicação presencial-virtual,** 1999.

MOULY, G.J. **Psicologia educacional**. São Paulo: Pioneira, 1973.

POZO, Juan Ignacio. **Teorias Cognitivas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

RUDIO, F.V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Rio de Janeiro: Vozes. 2000.

SCHUMPETER, Joseph. **A teoria do desenvolvimento econômico: uma investigação sobre lucros, capital, crédito, juro e ciclo econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SEBRAE. **Oportunidades: Onde e como o Brasil pode crescer**. Brasília: n°. 12, jan/fev/mar, 2004.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Autores Associados. 2000.

SHAPERO, A. **The role of Entrepreneurship in Economic Development at the Less-Than National Level**. US Departmente of Commerce, 1977.

TELES, Antônio Xavier. **Psicologia Moderna**. São Paulo: Editora Ática, 1979.

URIARTE, Luiz Ricardo. **Tendências empreendedoras das profissões**. Florianópolis, 1999.

URIS, A **Formação de dirigentes: idéias, pessoas e instituições que criam e prejudicam a administração**. São Paulo: Editora Ibrasa, 1966.

ANEXO 1

QUESTIONÁRIO

Este questionário tem por finalidade fornecer dados para uma pesquisa científica de dissertação de mestrado que pretende analisar o quanto o aluno do ensino médio está disposto a investir no aprendizado do empreendedorismo. As perguntas desse questionário foram divididas em três grupos que pretendem conhecer os dados socioeconômicos e profissionais seus e de seus familiares, a sua avaliação do ensino médio e seus planos para os estudos e profissionais.

1. Seu sexo:

- a) Feminino b) Masculino

2. Sua idade:

(_____)

3. Qual seu estado civil?

- a) Solteiro(a)
b) Casado(a)
c) Separado(a)

4. Aonde e como você mora atualmente?

- a) Em casa ou apartamento, com sua família.
- b) Em casa ou apartamento, sozinho(a).
- c) Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).
- d) Em habitação coletiva: hotel, quartel, pensionato, república, etc.
- e) Outras situações

5. Quantas pessoas moram na sua casa?

- a) Moro sozinho
- b) Duas pessoas
- c) Três pessoas
- d) Quatro pessoas
- e) Cinco pessoas ou mais.

6. Qual a escolaridade do seu pai?

- a) Não estudou.
- b) O ensino fundamental (1a. à 8a. série/ completo ou não).
- c) O ensino médio (1a. à 3a. série/ completo ou não).
- d) Ensino Superior.
- e) Não sei.

7. Qual a escolaridade da sua mãe?

- a) Não estudou.
- b) O ensino fundamental (1a. à 8a. série/ completo ou não).
- c) O ensino médio (1a. à 3a. série/ completo ou não).
- d) Ensino Superior.
- e) Não sei.

8. Em que seu pai trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- a) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
- b) No comércio, indústria, banco, transporte ou outros serviços.
- c) Funcionário público ou militar.
- d) Como empresário ou microempresário.
- e) Trabalhador do setor informal.
- f) Serviço doméstico no próprio lar.
- g) Não trabalha ou está aposentado.

9. Qual função o seu pai desenvolveu a maior parte do tempo?

- a) Gerente, administrador ou diretor da empresa.
- b) Funcionário público ou militar em posto de comando.
- c) Empresário ou micro empresário em posto de comando.
- d) Empregado.
- e) Contratado para serviço temporário.
- f) Outras situações. Qual? _____

10. Em que sua mãe trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- a) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
- b) No comércio, indústria, banco, transporte ou outros serviços.
- c) Funcionária pública ou militar.
- d) Como empresária ou microempresária.
- e) Trabalhadora do setor informal.
- f) Serviço doméstico no próprio lar.
- g) Não trabalha ou está aposentada.

11. Qual função a sua mãe desenvolveu a maior parte do tempo?

- a) Gerente, administradora ou diretora da empresa.
- b) Funcionária pública ou militar em posto de comando.
- c) Empresária ou micro empresária em posto de comando.
- d) Empregada.
- e) Contratada para serviço temporário.
- f) Outras situações. Qual? _____

12. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?

- a) Até 1 salário mínimo (até R\$ 240,00)
- b) De 1 a 2 salários mínimos (R\$ 240,00 a R\$ 480,00)
- c) De 2 a 5 salários mínimos (R\$ 480,00 a R\$ 1.200,00)
- d) De 5 a 10 salários mínimos (R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00)
- e) De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 2.400,00 a R\$ 4.800,00)
- f) Acima de 20 salários mínimos (acima de R\$ 4.800,00)

13. Quantos anos você levou para concluir o ensino fundamental (1a. a 8a. série)?

- a) 8 anos
- b) 9 anos
- c) 10 anos
- d) Mais de 10 anos

14. Em quantos anos você pretende concluir o ensino médio?

- a) 3 anos.
- b) 4 anos
- c) 5 anos
- d) Mais de 5 anos.

15. Com que frequência você realiza outras leituras (revistas, jornais, livros) além do material escolar?

- a) Diariamente.
- b) Semanalmente.
- c) Mensalmente.
- d) Nunca.

16. Pensando na contribuição do ensino médio para sua vida pessoal, qual é a que mais se destaca?

- a) Obtenção de um diploma.
- b) Formação para obter um bom emprego.
- c) Prestar vestibular para poder ingressar na universidade.
- d) Conhecer muitos amigos.
- e) Trabalhar por conta própria.
- f) Realizar o desejo dos meus pais.

17. Qual é a principal decisão que você vai tomar quando concluir o ensino médio?

- a) Prestar vestibular e cursar o ensino superior.
- b) Procurar um emprego ou trocar por outro melhor.
- c) Fazer um curso profissionalizante.
- d) Trabalhar por conta própria ou abrir um negócio.
- e) Ainda não decidi.

18. E em médio prazo, daqui uns cinco anos, o que você gostaria que acontecesse?

- a) Gostaria de ter um diploma universitário para conseguir um bom emprego.
- b) Gostaria de estar num bom emprego ou fazer concurso para o setor público.
- c) Gostaria de estar trabalhando por conta própria como autônomo ou como empresário.
- d) Ainda não sei.

19. A respeito das duas últimas perguntas, o que mais influenciou a sua resposta?

- a) Os pais.
- b) A escola.
- c) Os amigos.
- d) Informações na televisão, em revistas, etc.
- e) Perspectiva financeira.
- f) O meu atual trabalho.

20. Dos itens abaixo qual é para você o motivo mais importante para se ter um trabalho?

- a) Para ter mais responsabilidade.
- b) Independência financeira.
- c) Crescer profissionalmente, adquirindo experiência.
- d) Sentir-me útil.
- e) Não acho importante ter um trabalho.

21. Você trabalha, ou já trabalhou, ganhando algum salário ou rendimento?

- a) Sim.
- b) Nunca trabalhei.
- c) Nunca trabalhei, mas estou procurando trabalho.

22. Com que finalidade você trabalha ou trabalhava?

- a) Para ajudar meus pais nas despesas com a casa, sustentar a família.
- b) Para ser independente, ganhar meu próprio dinheiro.
- c) Para adquirir experiência.
- d) Outra finalidade. Qual? _____

23. Com que idade você começou a trabalhar?

- a) Antes dos 14 anos.
- b) Entre 14 e 16 anos.
- c) Entre 17 e 18 anos.
- d) Após 18 anos.

24. Se você está trabalhando atualmente, qual é o seu salário mensal?

- a) Até 1 salário mínimo (até R\$ 240,00)
- b) De 1 a 2 salários mínimos (R\$ 240,00 a R\$ 480,00)
- c) De 2 a 5 salários mínimos (R\$ 480,00 a R\$ 1.200,00)
- d) De 5 a 10 salários mínimos (R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00)
- e) De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 2.400,00 a R\$ 4.800,00)
- f) Acima de 20 salários mínimos (acima de R\$ 4.800,00)

25. Você está trabalhando em alguma atividade para qual você se preparou?

- a) Sim.
- b) Não.

26. Em que você trabalha ou qual foi o seu último trabalho?

- a) Na agricultura (campo, fazenda, pesca).
- b) Na indústria.
- c) No comércio, banco, transporte ou outros serviços.
- d) Como empregado(a) em casa de família.
- e) Como funcionário público ou militar.
- f) Como profissional liberal ou microempresário.
- g) Não trabalho.

27. Você considera que a escola incentiva à busca por um emprego?

- a) Sim.
- b) Não.

28. Você sabe o que é empreendedorismo?

- a) Sim.
- b) Já ouvi falar, mas não sei objetivamente.
- c) Não.

29. Você considera que a escola incentiva o aluno a criar oportunidades e gerar uma atividade ou negócio próprio?

- a) Sim.
- b) Não.

30. Pensando nos conhecimentos adquiridos na escola até o presente momento, como você considera o seu preparo para conseguir um emprego?

- a) Eu me considero preparado(a) para entrar no mercado de trabalho.
- b) Apesar da instrução recebida eu não estou preparado(a) para entrar no mercado de trabalho.
- c) A escola não me preparou para entrar no mercado de trabalho.
- d) Não sei

31. Pensando nos conhecimentos adquiridos na escola até o presente momento, como você considera o seu preparo para montar um negócio próprio ou trabalhar como autônomo?

- a) Eu me considero preparado(a) para montar um negócio.
- b) Apesar da instrução recebida eu não estou preparado(a) para montar um negócio.
- c) A escola não me preparou para montar um negócio.
- d) Não sei

32. Caso a sua família possuísse um comércio, qual seria a sua intenção?

- a) Gerenciar o negócio recebendo um salário.
- b) Tomar a frente e gerenciar o negócio.
- c) Procurar um outro emprego melhor.
- d) Não sei.

33. Ao que você atribui o sucesso dos empresários bem sucedidos que você conhece?

- a) Sorte.
- b) Possuir dinheiro para investimento.
- c) Ter dom para negócios.
- d) Estar bem informado buscando conhecimentos.
- e) Não sei.

34. Você estaria disposto(a) a estudar e aprender sobre o empreendedorismo na escola?

- a) Sim.
- b) Não.

Este questionário tem por finalidade fornecer dados para uma pesquisa científica de dissertação de mestrado que pretende analisar o quanto o aluno do ensino médio está disposto a investir no aprendizado do empreendedorismo. As perguntas desse questionário foram divididas em três grupos que pretendem conhecer os dados socioeconômicos e profissionais seus e de seus familiares, a sua avaliação do ensino médio e seus planos para os estudos e profissionais.

1. Seu sexo:

- a) Feminino b) Masculino

2. Sua idade

(_____)

3. Qual seu estado civil

- a) Solteiro(a)
b) Casado(a)
c) Separado(a)

4. Aonde e como você mora atualmente?

- a) Em casa ou apartamento, com sua família.
b) Em casa ou apartamento, sozinho(a).
c) Em quarto ou cômodo alugado, sozinho(a).
d) Em habitação coletiva: hotel, quartel, pensionato, república, etc.
e) Outras situações

5. Quantas pessoas moram na sua casa?

- a) Moro sozinho
b) Duas pessoas
c) Três pessoas
d) Quatro pessoas
e) Cinco pessoas ou mais.

6. Qual a escolaridade do seu pai?

- a) Não estudou.
b) O ensino fundamental (1ª. à 8ª. série/ completo ou não).
c) O ensino médio (1ª. à 3ª. série/ completo ou não).
d) Ensino Superior.
e) Não sei.

7. Qual a escolaridade da sua mãe?

- a) Não estudou.
b) O ensino fundamental (1ª. à 8ª. série/ completo ou não).
c) O ensino médio (1ª. à 3ª. série/ completo ou não).
d) Ensino Superior.
e) Não sei.

8. Em que seu pai trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- a) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
b) No comércio, indústria, banco, transporte ou outros serviços.
c) Funcionário público ou militar.
d) Como empresário ou microempresário.
e) Trabalhador do setor informal.
f) Serviço doméstico no próprio lar.
g) Não trabalha ou está aposentado.

9. Qual função o seu pai desenvolveu a maior parte do tempo?

- a) Gerente, administrador ou diretor da empresa.
b) Funcionário público ou militar em posto de comando.
c) Empresário ou micro empresário em posto de comando.
d) Empregado.
e) Contratado para serviço temporário.
f) Outras situações. Qual? _____

10. Em que sua mãe trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?

- a) Na agricultura, no campo, em fazenda ou na pesca.
b) No comércio, indústria, banco, transporte ou outros serviços.
c) Funcionária pública ou militar.
d) Como empresária ou microempresária.
e) Trabalhadora do setor informal.
f) Serviço doméstico no próprio lar.
g) Não trabalha ou está aposentada.

11. Qual função a sua mãe desenvolveu a maior parte do tempo?

- a) Gerente, administradora ou diretora da empresa.
b) Funcionária pública ou militar em posto de comando.
c) Empresária ou micro empresária em posto de comando.
d) Empregada.
e) Contratada para serviço temporário.
f) Outras situações. Qual? _____

12. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?

- a) Até 1 salário mínimo (até R\$ 240,00)
b) De 1 a 2 salários mínimos (R\$ 240,00 a R\$ 480,00)
c) De 2 a 5 salários mínimos (R\$ 480,00 a R\$ 1.200,00)
d) De 5 a 10 salários mínimos (R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00)
e) De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 2.400,00 a R\$ 4.800,00)
f) Acima de 20 salários mínimos (acima de R\$ 4.800,00)

13. Quantos anos você levou para concluir o ensino fundamental (1ª. a 8ª. série)?

- a) 8 anos
b) 9 anos
c) 10 anos
d) Mais de 10 anos

14. Em quantos anos você pretende concluir o ensino médio?

- a) 3 anos.
b) 4 anos
c) 5 anos
d) Mais de 5 anos.

15. Com que frequência você realiza outras leituras (revistas, jornais, livros) além do material escolar?

- a) Diariamente.
b) Semanalmente.
c) Mensalmente.
d) Nunca.

16. Pensando na contribuição do ensino médio para sua vida pessoal, qual é a que mais se destaca?

- a) Obtenção de um diploma.
- b) Formação para obter um bom emprego.
- c) Prestar vestibular para poder ingressar na universidade.
- d) Conhecer muitos amigos.
- e) Trabalhar por conta própria.
- f) Realizar o desejo dos meus pais.

17. Qual é a principal decisão que você vai tomar quando concluir o ensino médio?

- a) Prestar vestibular e cursar o ensino superior.
- b) Procurar um emprego ou trocar por outro melhor.
- c) Fazer um curso profissionalizante.
- d) Trabalhar por conta própria ou abrir um negócio.
- e) Ainda não decidi.

18. E em médio prazo, daqui uns cinco anos, o que você gostaria que acontecesse?

- a) Gostaria de ter um diploma universitário para conseguir um bom emprego.
- b) Gostaria de estar num bom emprego ou fazer concurso para o setor público.
- c) Gostaria de estar trabalhando por conta própria como autônomo ou como empresário.
- d) Ainda não sei.

19. A respeito das duas últimas perguntas, o que mais influenciou a sua resposta?

- a) Os pais.
- b) A escola.
- c) Os amigos.
- d) Informações na televisão, em revistas, etc.
- e) Perspectiva financeira.
- f) O meu atual trabalho.

20. Dos itens abaixo qual é para você o motivo mais importante para se ter um trabalho?

- a) Para ter mais responsabilidade.
- b) Independência financeira.
- c) Crescer profissionalmente, adquirindo experiência.
- d) Sentir-me útil.
- e) Não acho importante ter um trabalho.

21. Você trabalha, ou já trabalhou, ganhando algum salário ou rendimento?

- a) Sim.
- b) Nunca trabalhei.
- c) Nunca trabalhei, mas estou procurando trabalho.

22. Com que finalidade você trabalha ou trabalhava?

- a) Para ajudar meus pais nas despesas com a casa, sustentar a família.
- b) Para ser independente, ganhar meu próprio dinheiro.
- c) Para adquirir experiência.
- d) Outra finalidade. Qual? _____

23. Com que idade você começou a trabalhar?

- a) Antes dos 14 anos.
- b) Entre 14 e 16 anos.
- c) Entre 17 e 18 anos.
- d) Após 18 anos.

24. Se você está trabalhando atualmente, qual é o seu salário mensal?

- a) Até 1 salário mínimo (até R\$ 240,00)
- b) De 1 a 2 salários mínimos (R\$ 240,00 a R\$ 480,00)
- c) De 2 a 5 salários mínimos (R\$ 480,00 a R\$ 1.200,00)
- d) De 5 a 10 salários mínimos (R\$ 1.200,00 a R\$ 2.400,00)
- e) De 10 a 20 salários mínimos (R\$ 2.400,00 a R\$ 4.800,00)
- f) Acima de 20 salários mínimos (acima de R\$ 4.800,00)

25. Você está trabalhando em alguma atividade para qual você se preparou?

- a) Sim.
- b) Não.

26. Em que você trabalha ou qual foi o seu último trabalho?

- a) Na agricultura (campo, fazenda, pesca).
- b) Na indústria.
- c) No comércio, banco, transporte ou outros serviços.
- d) Como empregado(a) em casa de família.
- e) Como funcionário público ou militar.
- f) Como profissional liberal ou microempresário.
- g) Não trabalho.

27. Você considera que a escola incentiva à busca por um emprego?

- a) Sim.
- b) Não.

28. Você sabe o que é empreendedorismo?

- a) Sim.
- b) Já ouvi falar, mas não sei objetivamente.
- c) Não.

29. Você considera que a escola incentiva o aluno a criar oportunidades e gerar uma atividade ou negócio próprio?

- a) Sim.
- b) Não.

30. Pensando nos conhecimentos adquiridos na escola até o presente momento, como você considera o seu preparo para conseguir um emprego?

- a) Eu me considero preparado(a) para entrar no mercado de trabalho.
- b) Apesar da instrução recebida eu não estou preparado(a) para entrar no mercado de trabalho.
- c) A escola não me preparou para entrar no mercado de trabalho.
- d) Não sei

31. Pensando nos conhecimentos adquiridos na escola até o presente momento, como você considera o seu preparo para montar um negócio próprio ou trabalhar como autônomo?

- a) Eu me considero preparado(a) para montar um negócio.
- b) Apesar da instrução recebida eu não estou preparado(a) para montar um negócio.
- c) A escola não me preparou para montar um negócio.
- d) Não sei

32. Caso a sua família possuísse um comércio, qual seria a sua intenção?

- a) Gerenciar o negócio recebendo um salário.
- b) Tomar a frente e gerenciar o negócio.
- c) Procurar um outro emprego melhor.
- d) Não sei.

33. Ao que você atribui o sucesso dos empresários bem sucedidos que você conhece?

- a) Sorte.
- b) Possuir dinheiro para investimento.
- c) Ter dom para negócios.
- d) Estar bem informado buscando conhecimentos.
- e) Não sei.

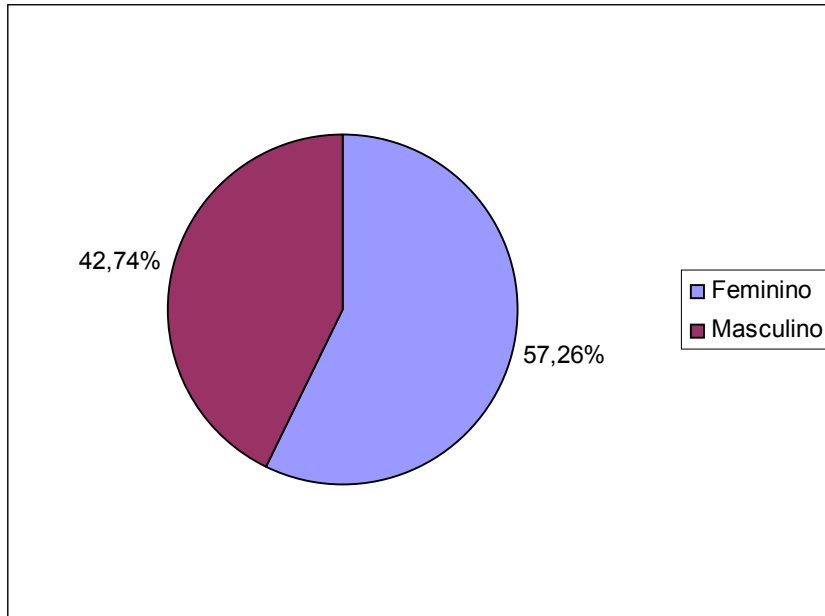
34. Você estaria disposto(a) a estudar e aprender sobre o empreendedorismo na escola?

- a) Sim.
- b) Não.

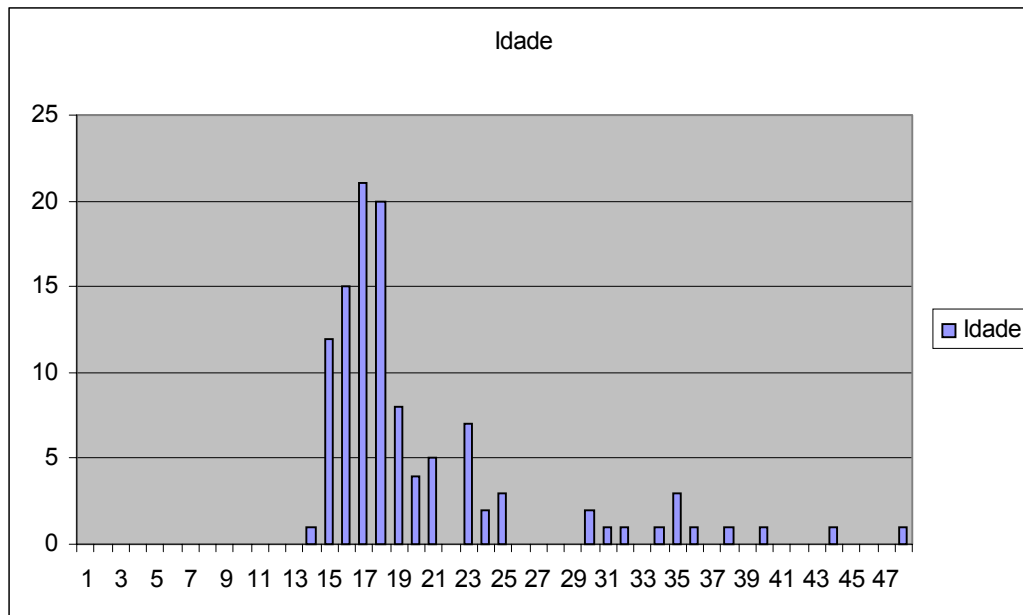
ANEXO 3

GRÁFICOS

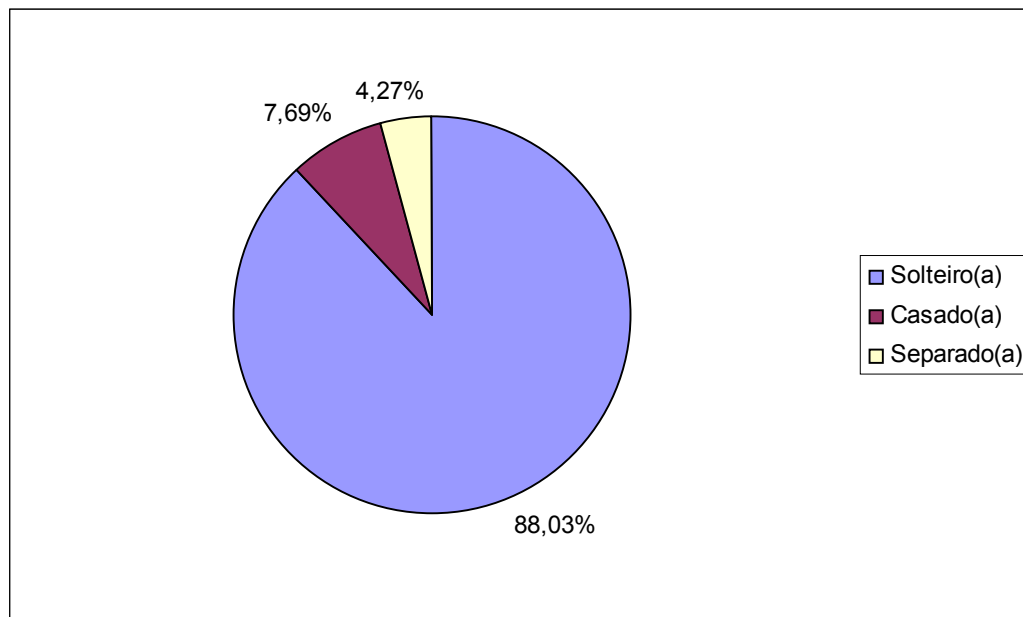
1. Seu sexo:



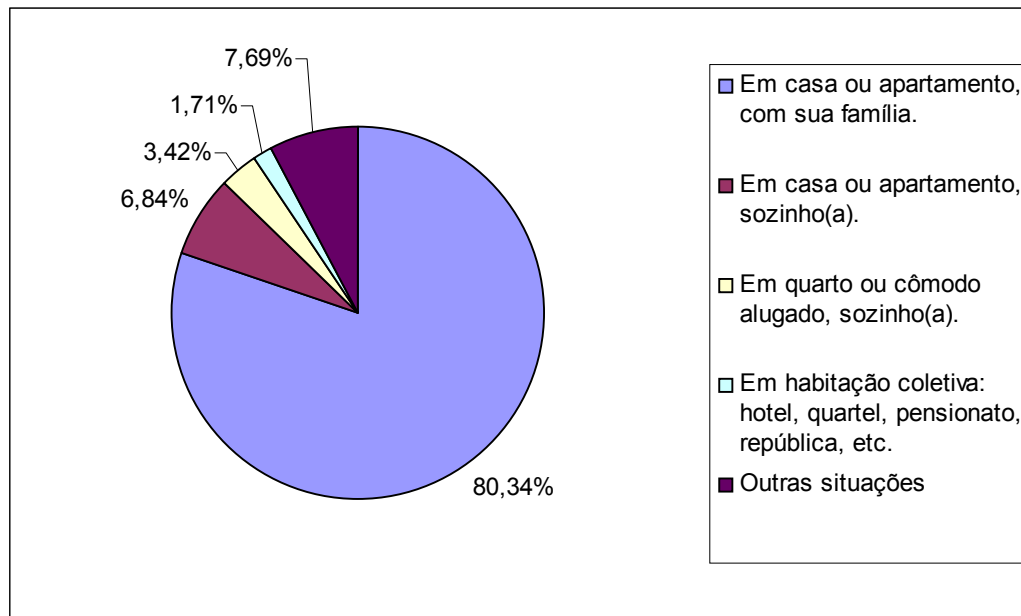
2. Sua idade



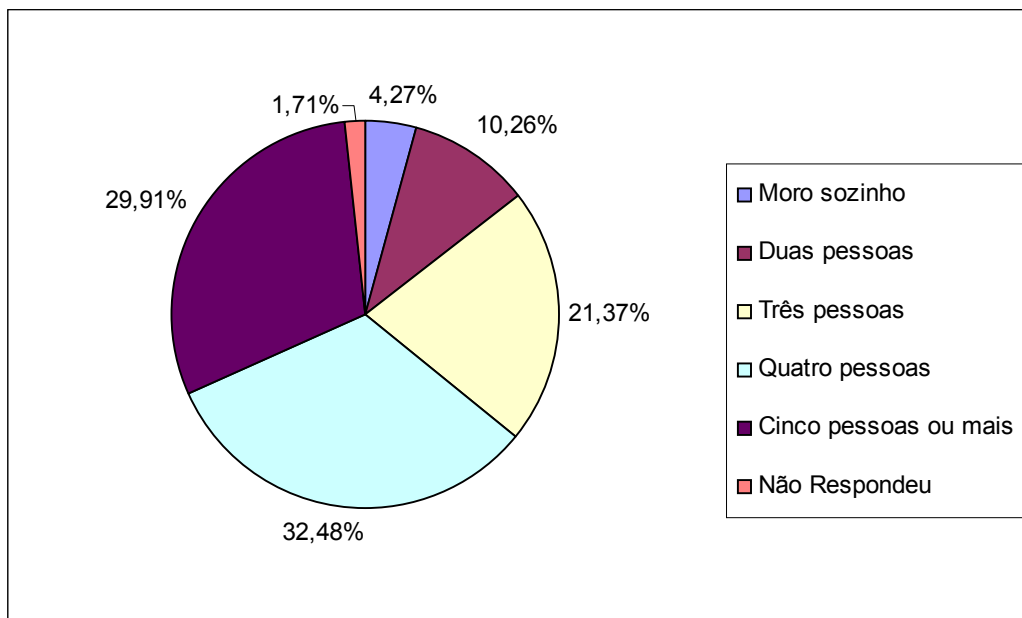
3. Qual seu estado civil



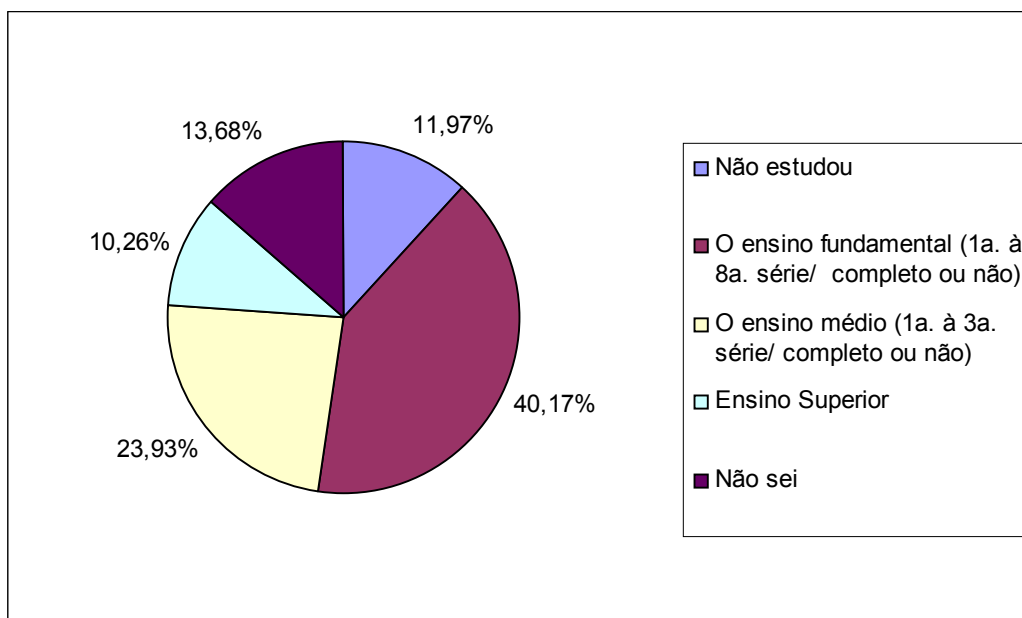
4. Aonde e como você mora atualmente?



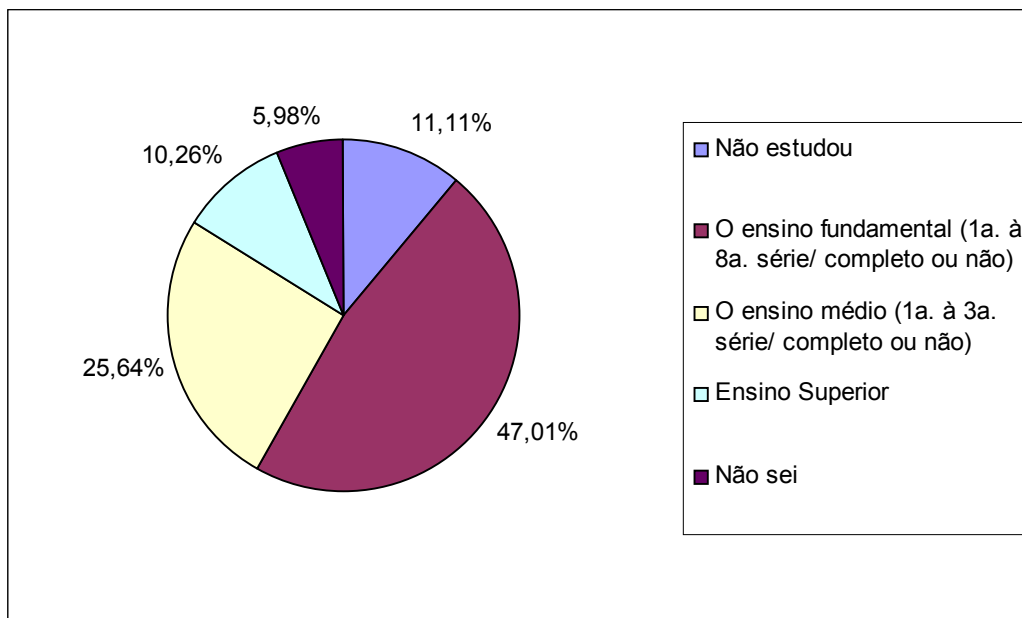
5. Quantas pessoas moram na sua casa?



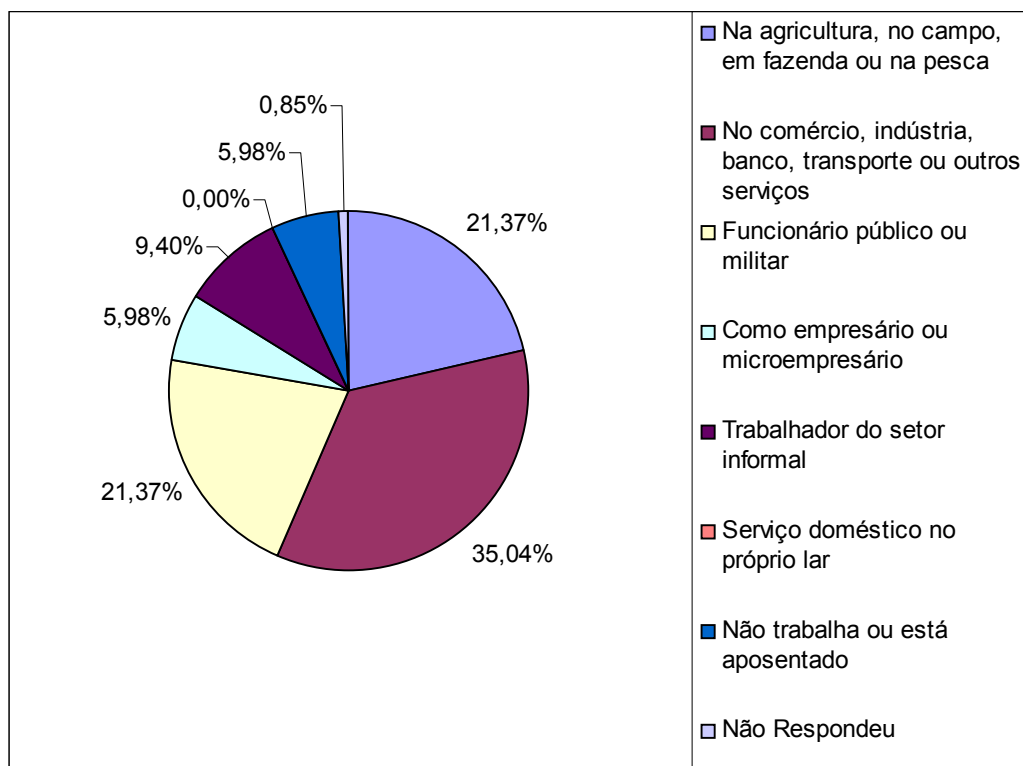
6. Qual a escolaridade do seu pai?



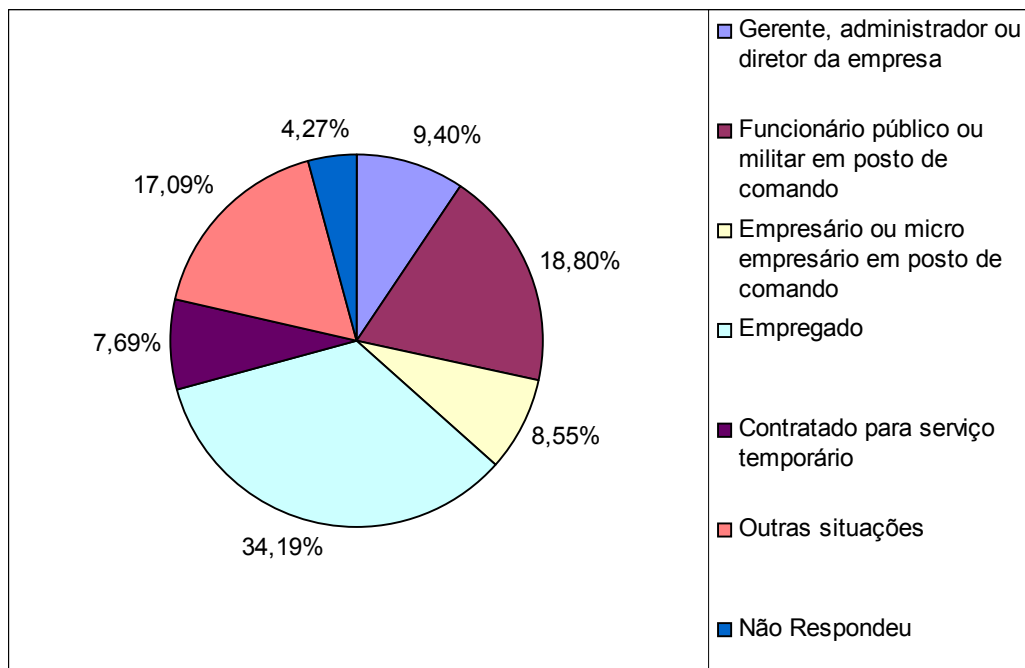
7. Qual a escolaridade da sua mãe?



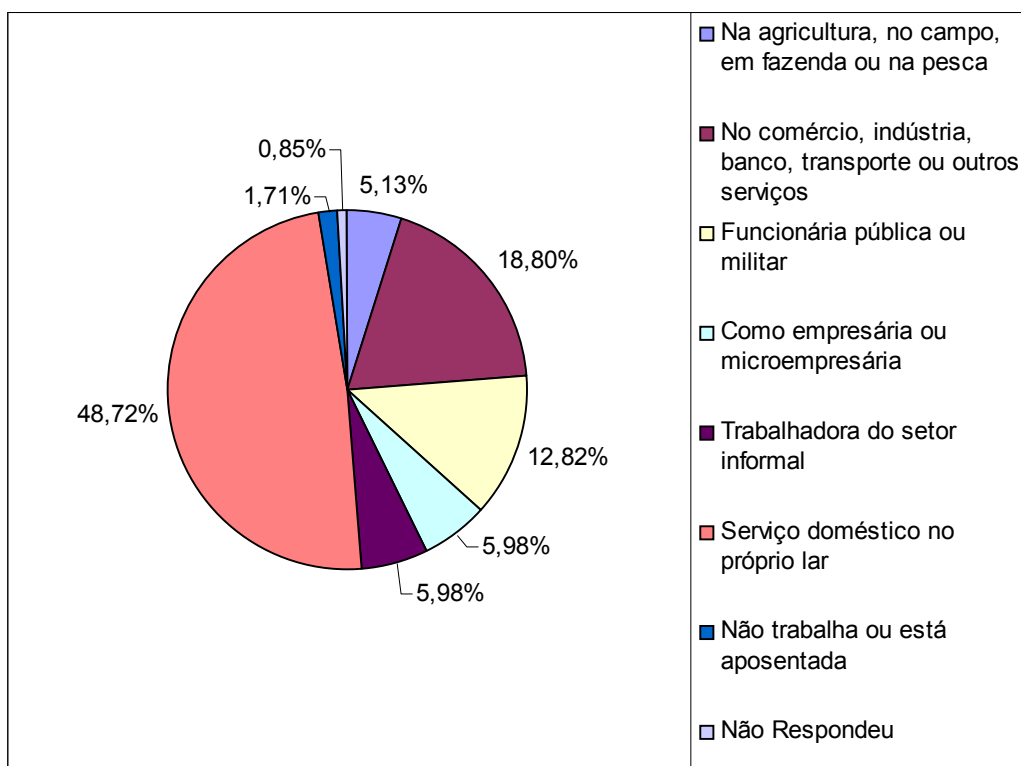
8. Em que seu pai trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?



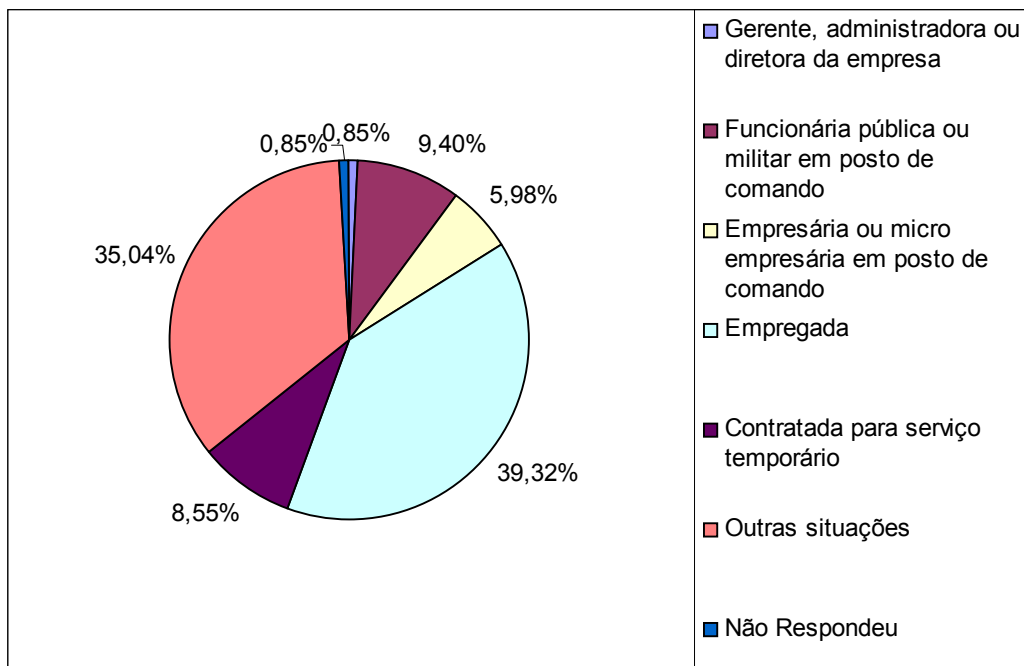
9. Qual função o seu pai desenvolveu a maior parte do tempo?



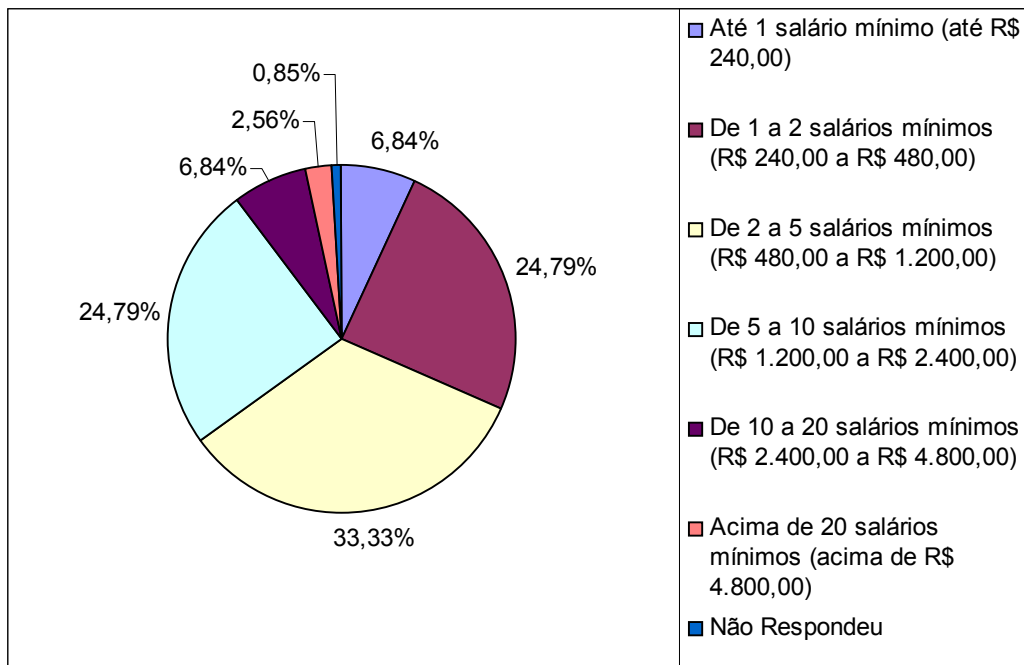
10. Em que sua mãe trabalha ou trabalhou, na maior parte da vida?



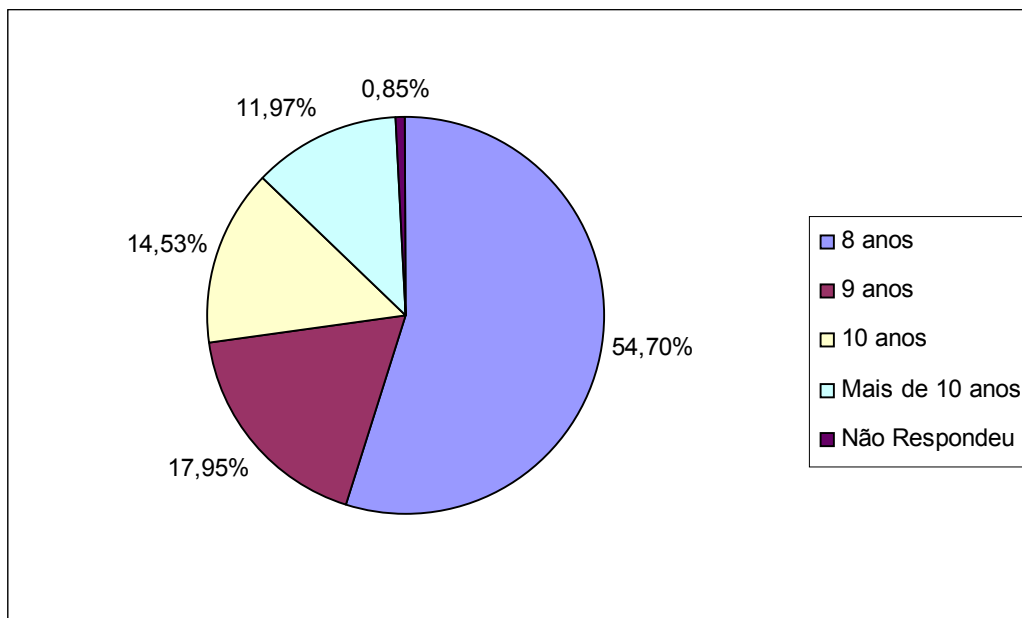
11. Qual função a sua mãe desenvolveu a maior parte do tempo?



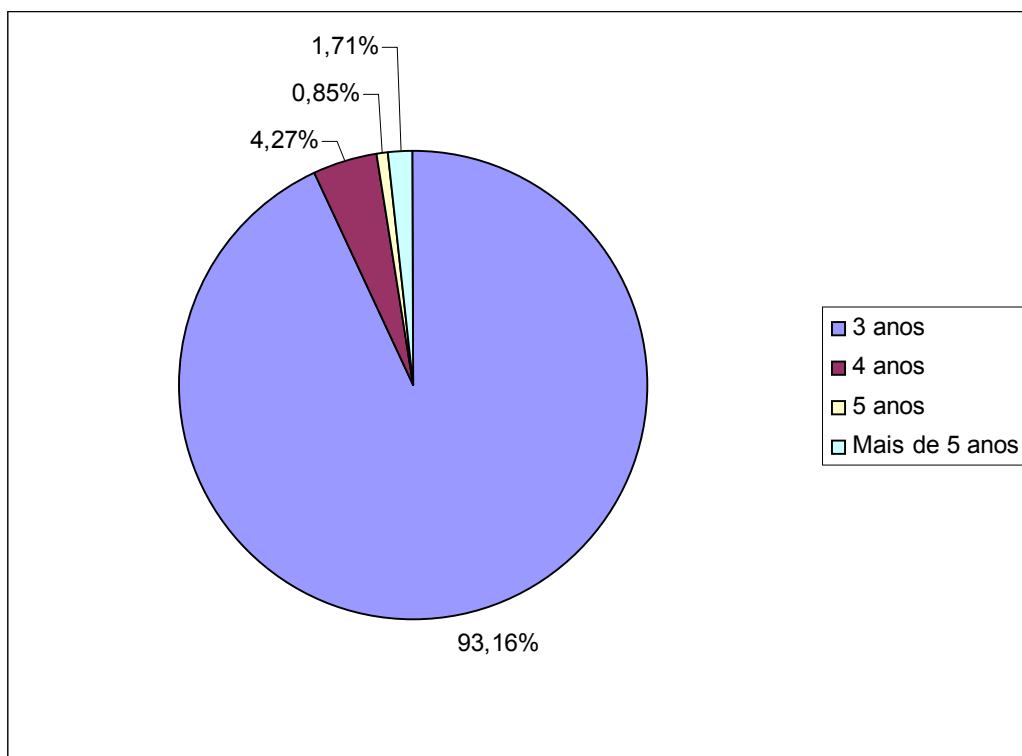
12. Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda familiar?



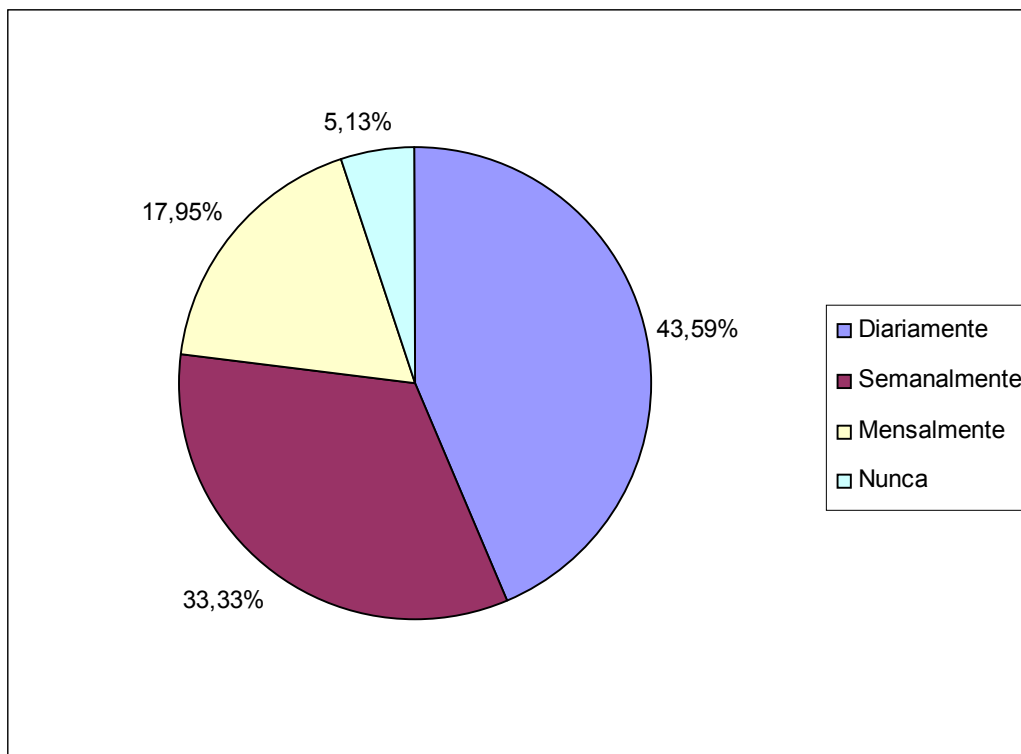
13. Quantos anos você levou para concluir o ensino fundamental (1ª. a 8ª. série)?



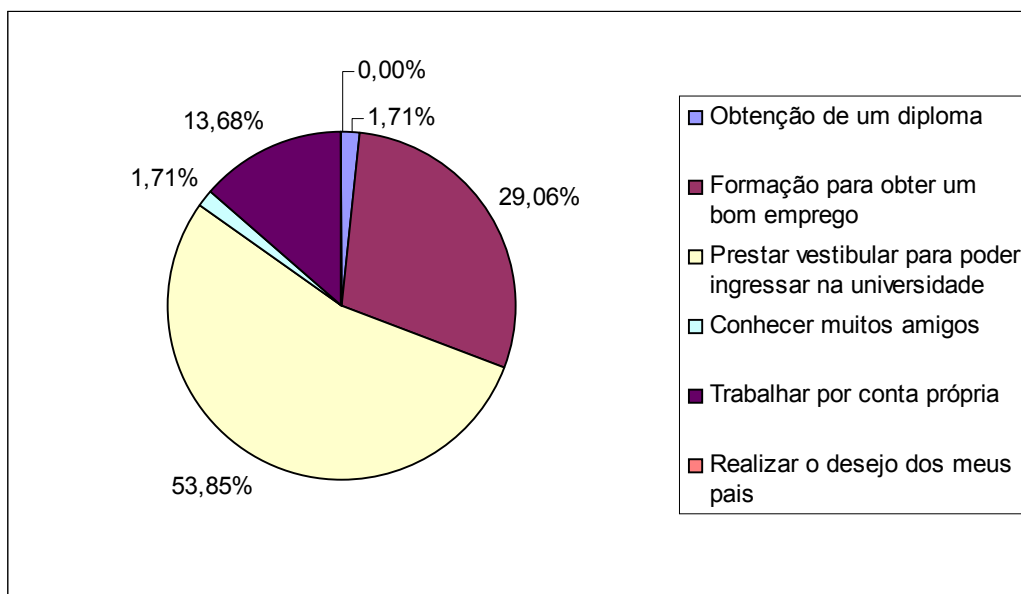
14. Em quantos anos você pretende concluir o ensino médio?



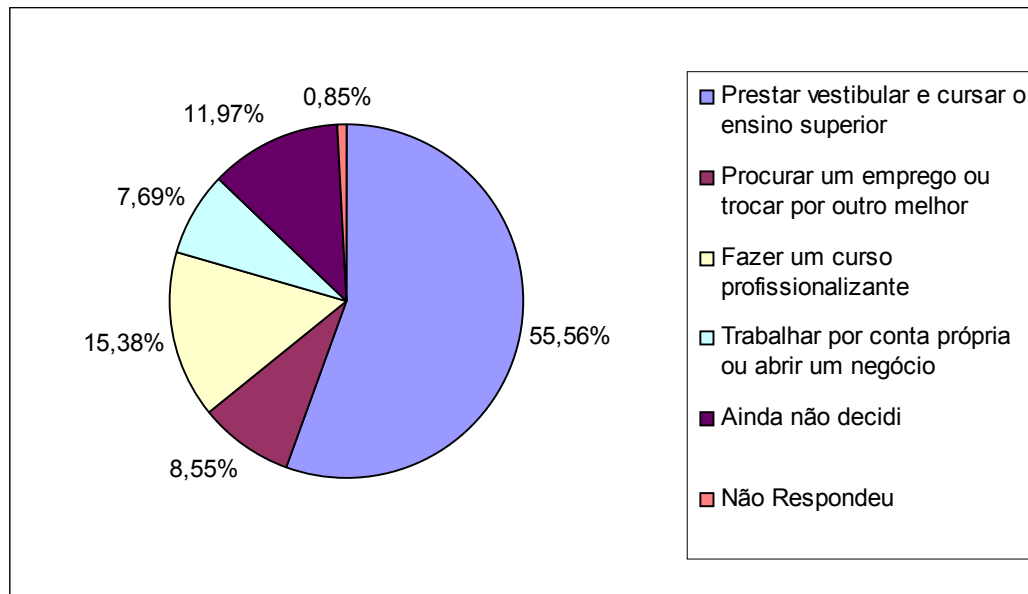
15. Com que frequência você realiza outras leituras (revistas, jornais, livros) além do material escolar?



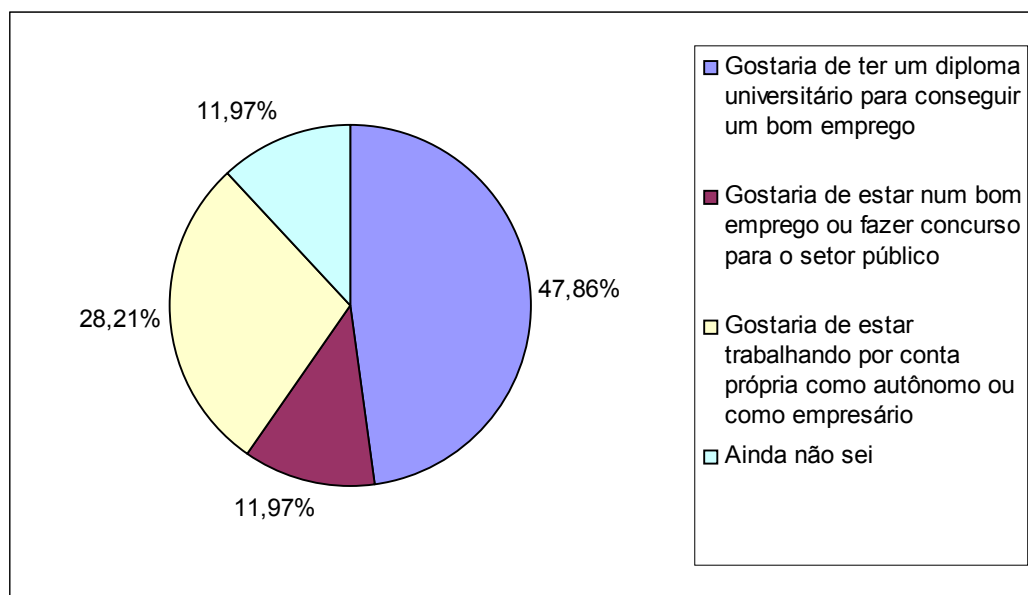
16. Pensando na contribuição do ensino médio para sua vida pessoal, qual é a que mais se destaca?



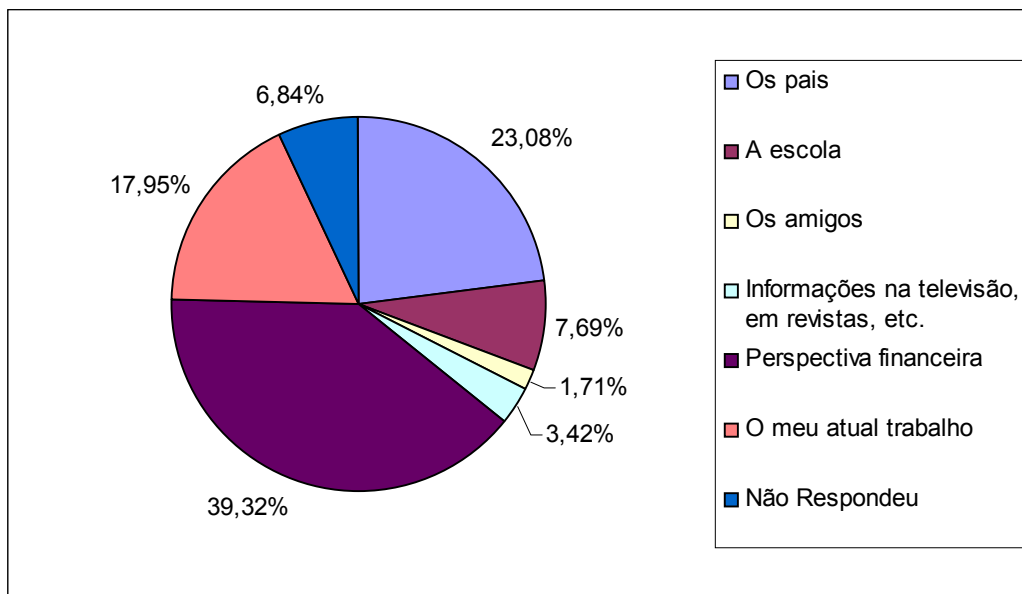
17. Qual é a principal decisão que você vai tomar quando concluir o ensino médio?



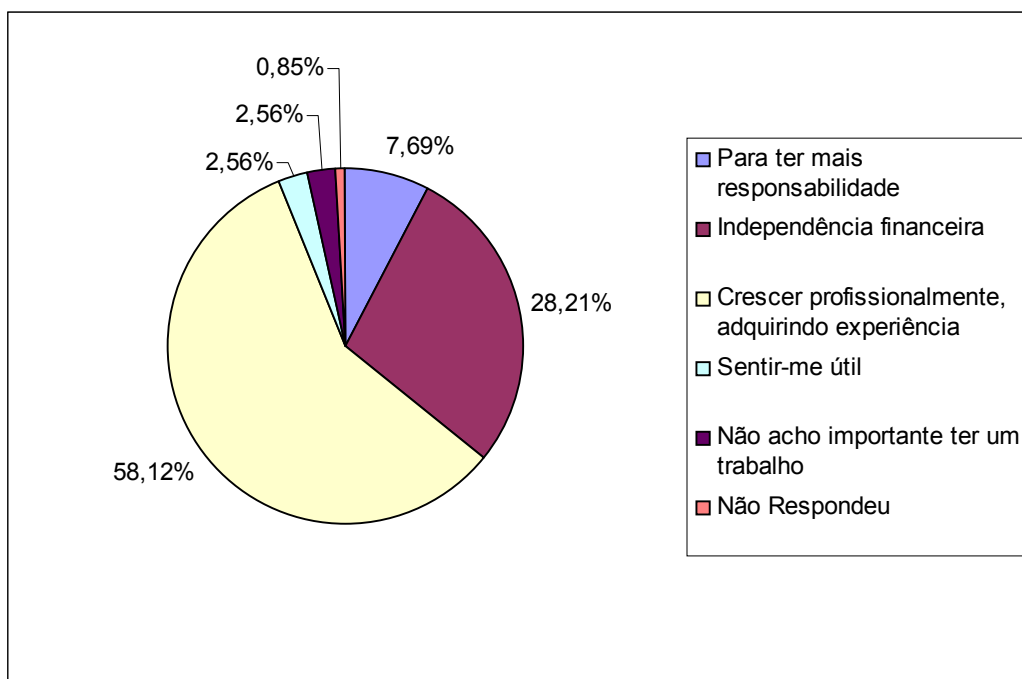
18. E em médio prazo, daqui uns cinco anos, o que você gostaria que acontecesse?



19. A respeito das duas últimas perguntas, o que mais influenciou a sua resposta?

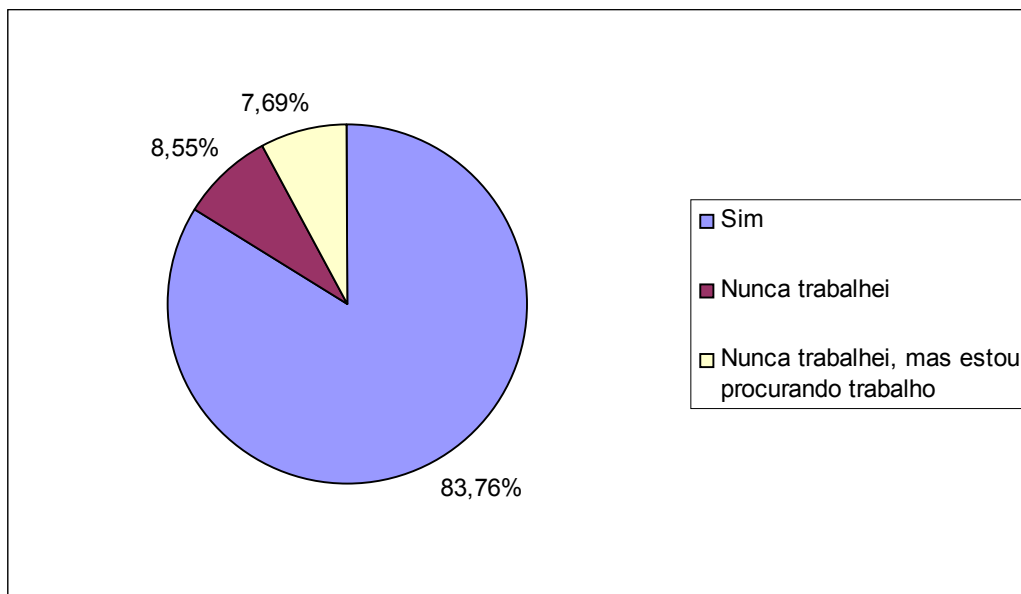


20. Dos itens abaixo qual é para você o motivo mais importante para se ter um trabalho?

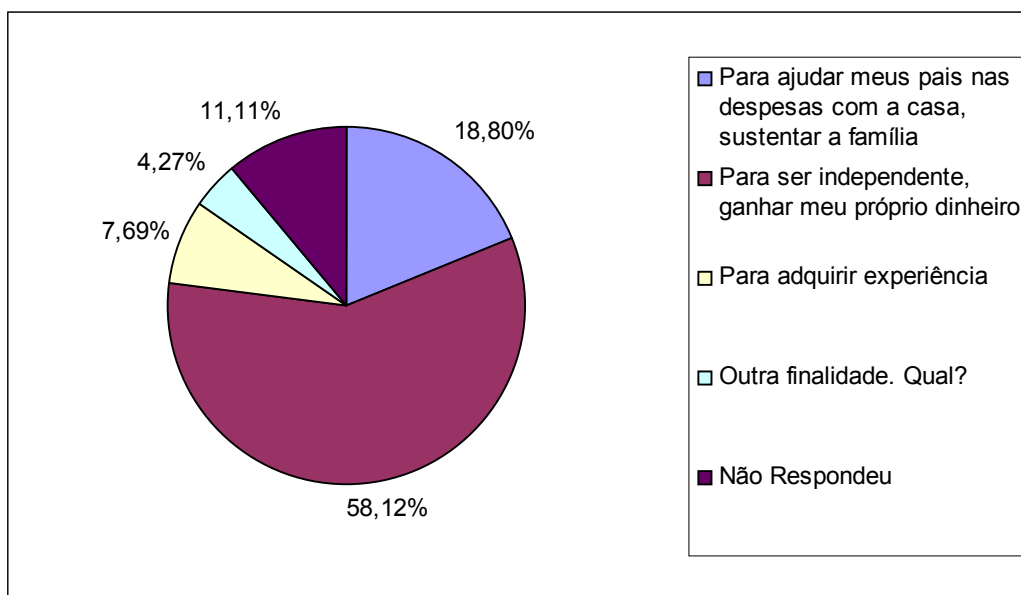


21. Você trabalha, ou já trabalhou, ganhando algum salário ou rendimento?

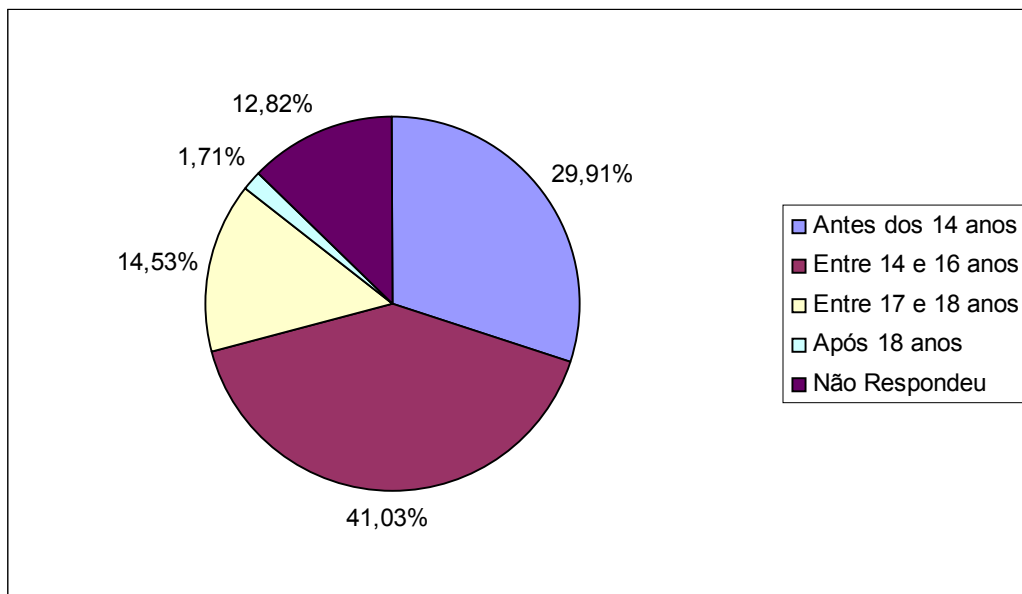
122



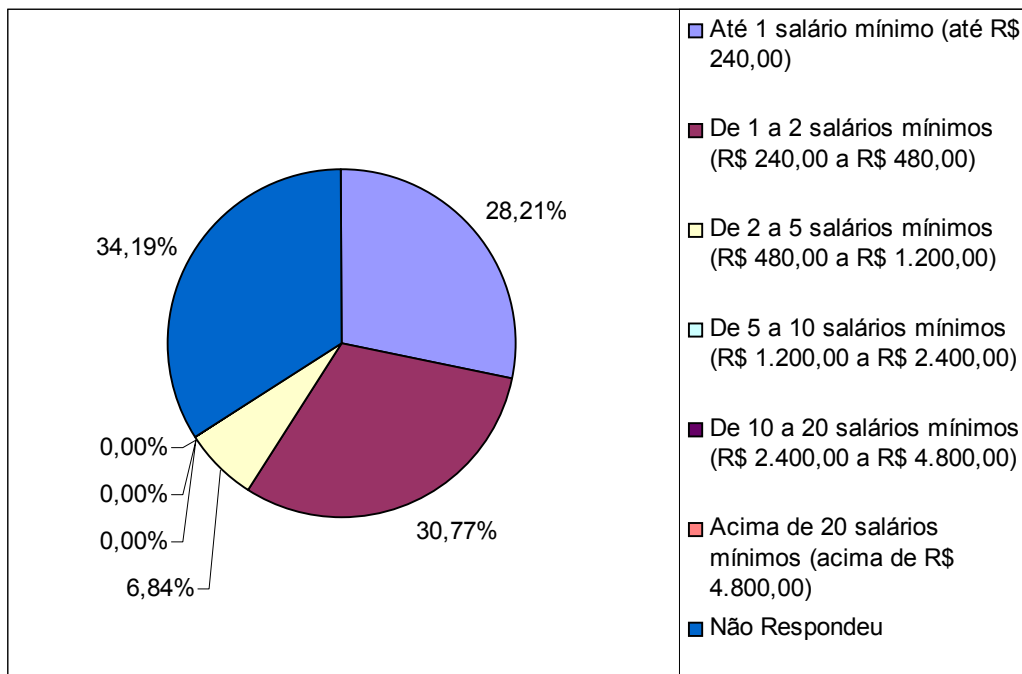
22. Com que finalidade você trabalha ou trabalhava?



23. Com que idade você começou a trabalhar?

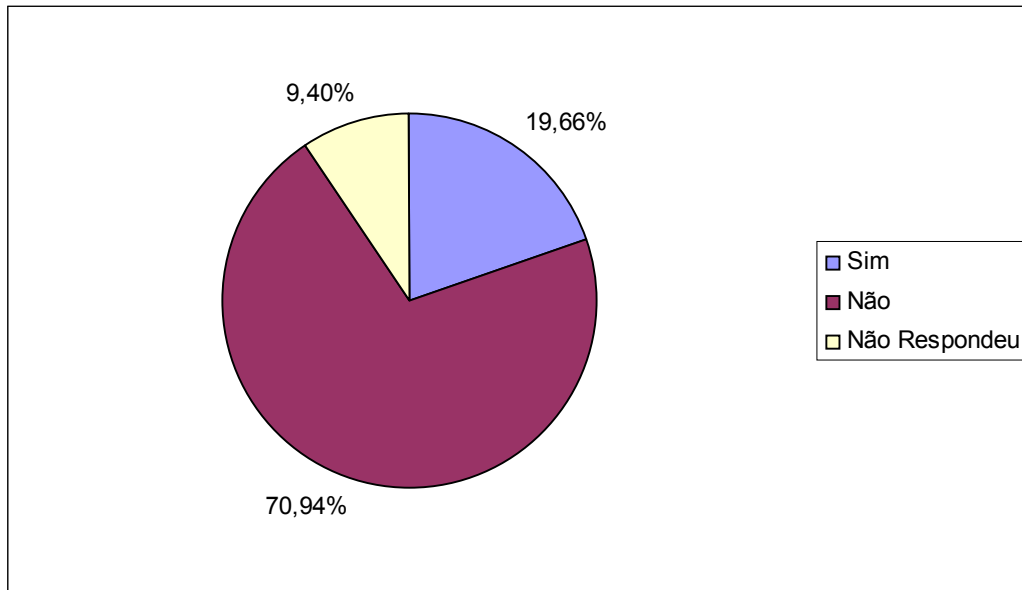


24. Se você está trabalhando atualmente, qual é o seu salário mensal?

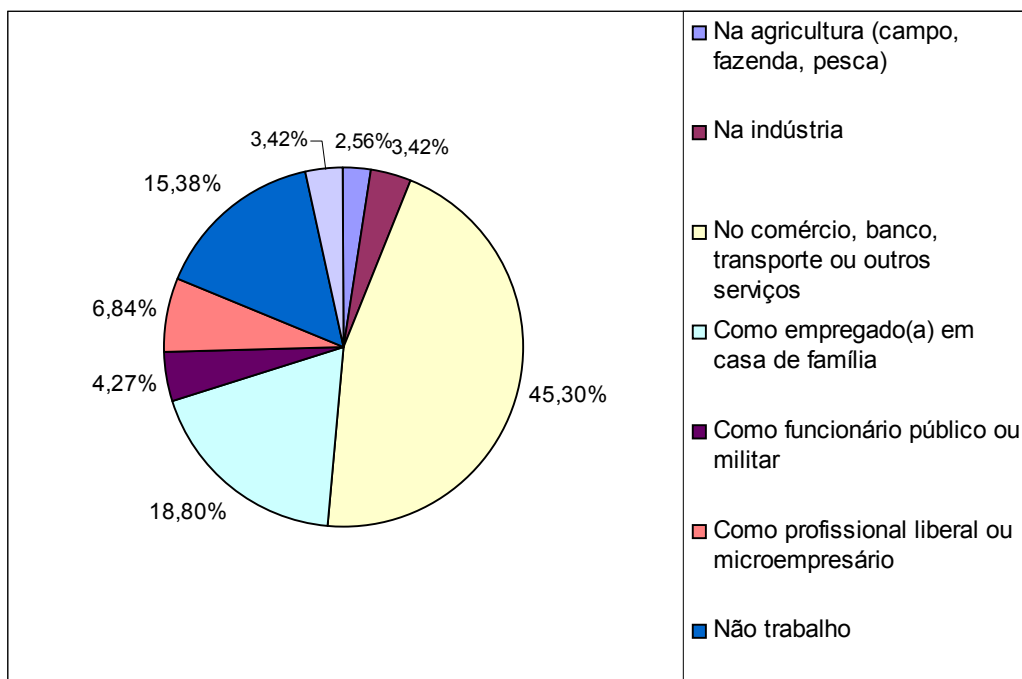


25. Você está trabalhando em alguma atividade para qual você se preparou?

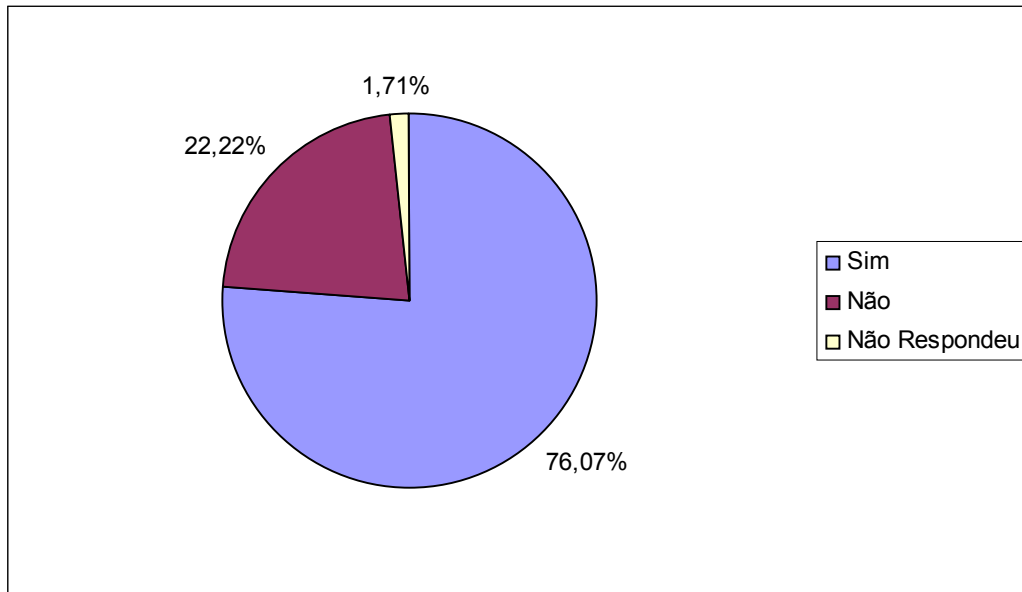
124



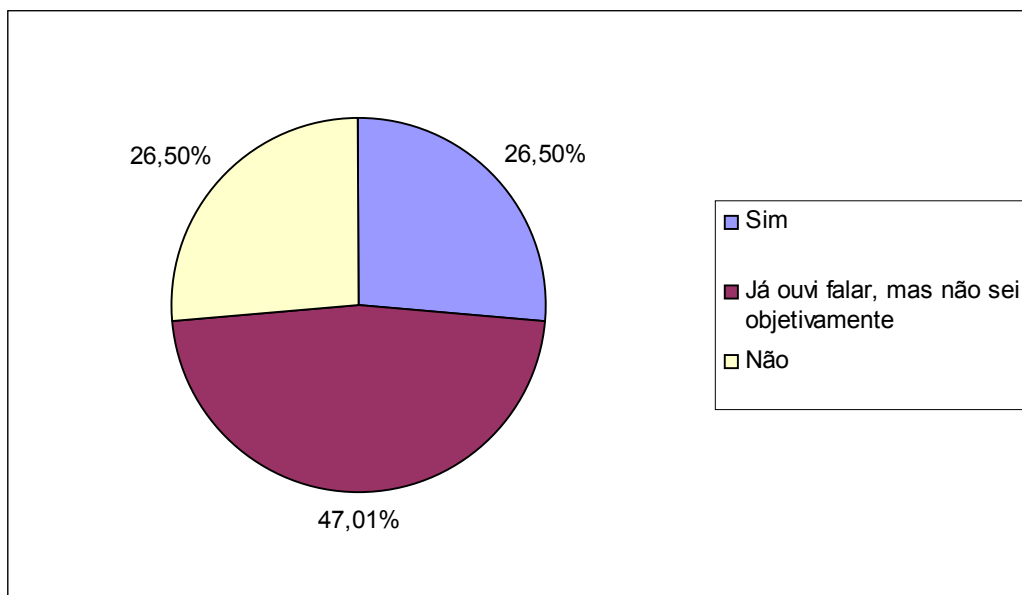
26. Em que você trabalha ou qual foi o seu último trabalho?



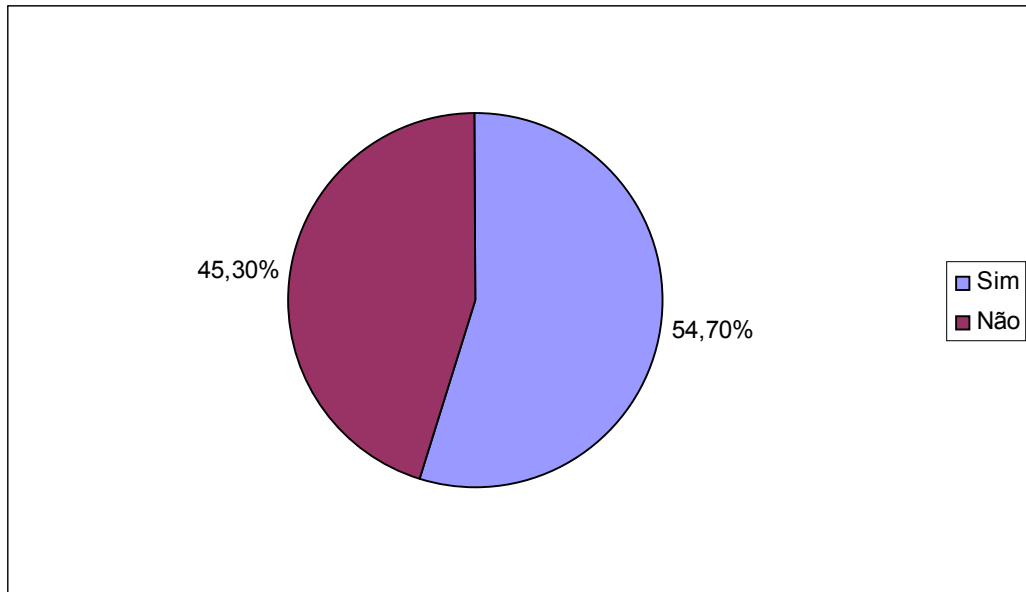
27. Você considera que a escola incentiva à busca por um emprego?



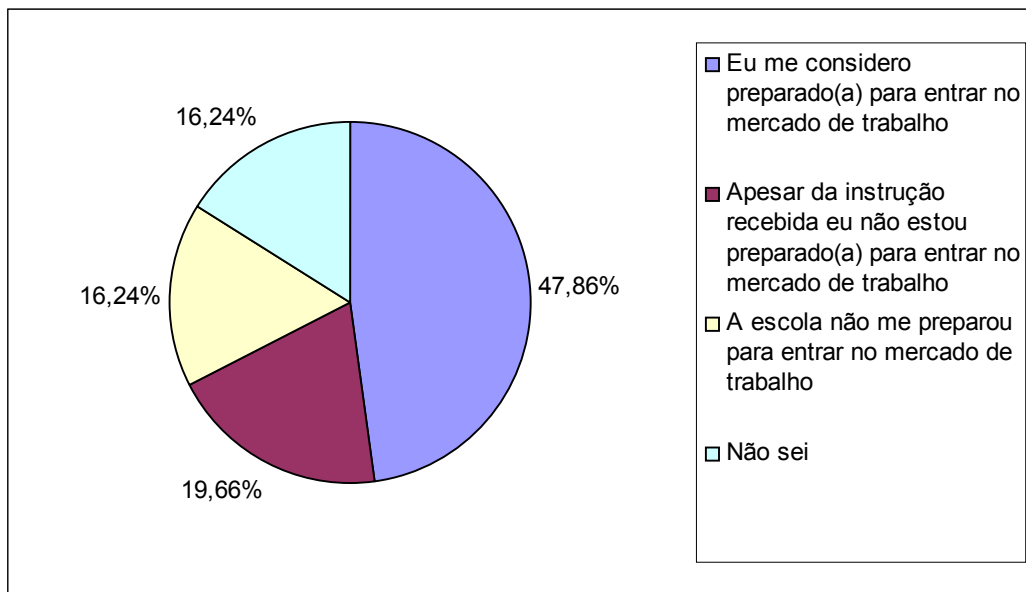
28. Você sabe o que é empreendedorismo?



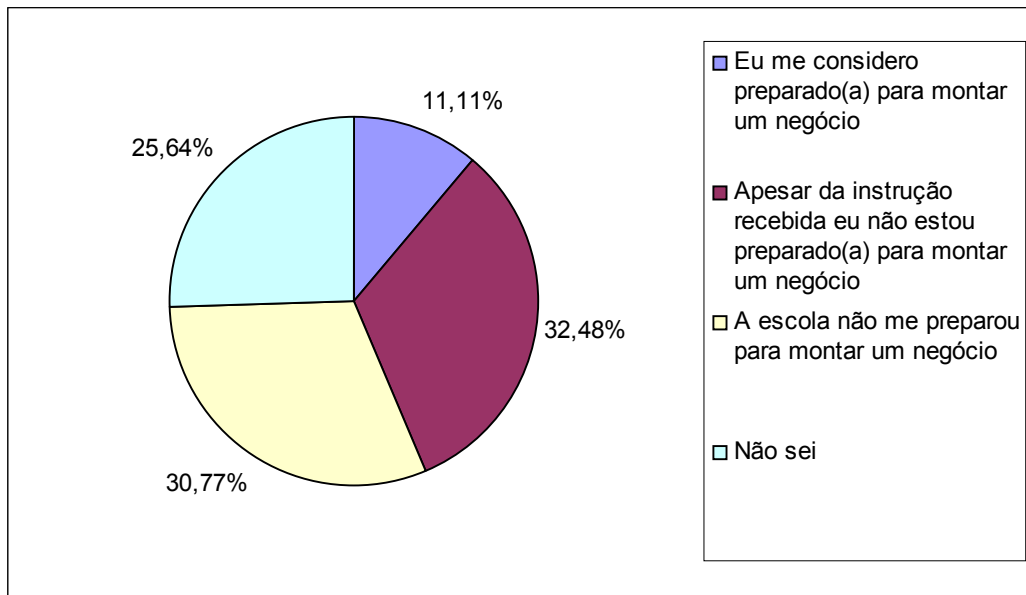
29. Você considera que a escola incentiva o aluno a criar oportunidades e gerar uma atividade ou negócio próprio?



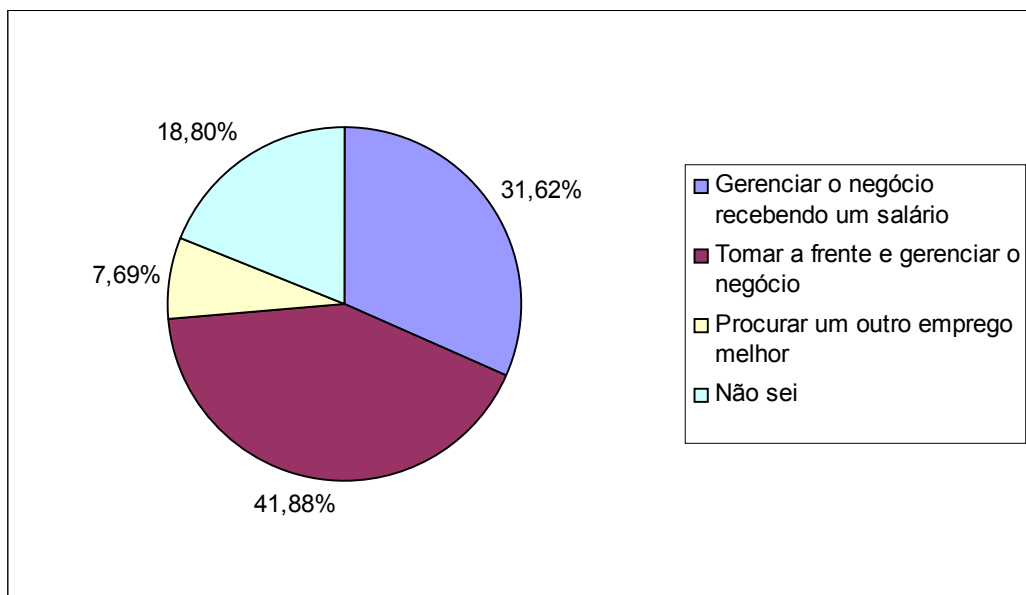
30. Pensando nos conhecimentos adquiridos na escola até o presente momento, como você considera o seu preparo para conseguir um emprego?



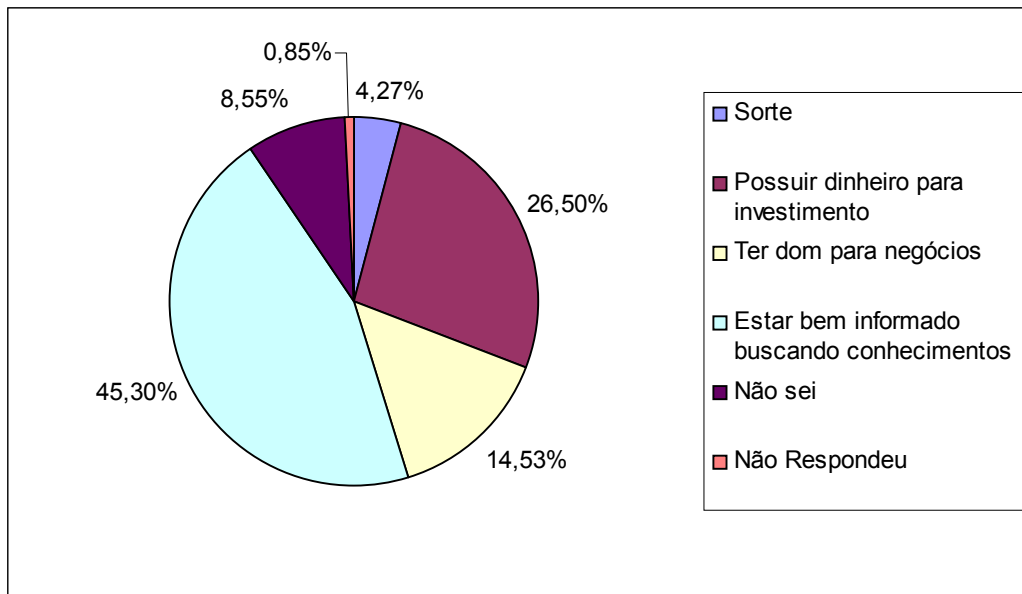
31. Pensando nos conhecimentos adquiridos na escola até o presente momento, como você considera o seu preparo para montar um negócio próprio ou trabalhar como autônomo?



32. Caso a sua família possuísse um comércio, qual seria a sua intenção?



33. Ao que você atribui o sucesso dos empresários bem sucedidos que você conhece?



34. Você estaria disposto(a) a estudar e aprender sobre o empreendedorismo na escola?

